UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Museu de Arte Contemporânea

RENATA DE OLIVEIRA CARRETO

O Pirralho:

barulho e irreverência na
Belle Époque paulistana

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação
Interunidades em Estética e História da
Arte do Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo, sob a
orientação da Profa. Dra. Katia Canton
Monteiro

Programa de Pós-Graduação Interunidades
em Estética e História da Arte

São Paulo

2011

Museu de Arte Contemporânea USP

Carreto, Renata de Oliveira

O Pirralho: barulho e irreverência na Belle Époque paulistana. / Renata de Oliveira Carreto ; orientadora Kátia Canton Monteiro. São Paulo, 2011.
153 fls. Ilus.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em
Estética e História da Arte

1. Humor – Século 20 – São Paulo (cidade) 2. Revista – Século 20 – São
Paulo (cidade) 3. Caricaturas – Século 20 – São Paulo (cidade) I. Título

CDD 741.5

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: Renata de Oliveira Carreto

Título: *O Pirralho*: barulho e irreverência na *Belle Époque* paulistana

Dissertação defendida e aprovada em: ____ / ____ / ____ pela banca
examinadora:

AGRADECIMENTOS

Sinto-me imensamente agradecida à prof^a Katia Canton Monteiro pela oportunidade, confiança, generosidade e afeto. O maior incentivo sempre esteve no fato de que assim como eu, minha orientadora riu e se divertiu com as estripulias d'*O Pirralho*. É sempre importante acreditar.

Aos professores Victor Aquino e Luise Weiss, participantes da banca, que com suas pontuais e sempre delicadas observações, no exame de qualificação, contribuíram na feitura desta pesquisa.

À sra. Marlene Gasque, historiógrafa do CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa) da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Assis, por disponibilizar os arquivos digitais de todos os números da revista *O Pirralho*.

Aos amigos que direta ou indiretamente participaram deste processo. Os sempre queridos Marcos Araujo, Adrienne Firmo, Marcelo Barbosa e Virgínia Florenzano Zdanowicz.

Finalmente, àqueles que sempre estiveram por perto: o afeto e apoio incondicional do meu pai, Juca, e o bom humor, a amizade e o carinho do meu irmão Rodolfo.

E sobretudo, o estímulo diário e a parceria que só pude encontrar naquele que é o meu maior cúmplice, o Carlos.

*À querida Ni,
minha mãe.*

RESUMO

Este trabalho constitui-se em uma análise d'*O Pirralho*, publicação fundada e dirigida por Oswald de Andrade, que circulou na cidade de São Paulo entre os anos de 1911 e 1918. O objetivo foi descrever e examinar o modo como é retratada, nas páginas d'*O Pirralho*, a pulsante vida social e cultural da cidade que se desenvolvia cada vez mais aceleradamente. A partir daí, buscou-se evidências que demonstrassem a estética presente na organização e apresentação do material publicado (colunismo social, crônicas, colunas, ilustrações etc.). O procedimento empregado para realizar a coleta de dados foi o fichamento sistemático de todos os 248 números do periódico, com ênfase nos elementos que expressavam o caráter inovador e moderno da revista, bem como aqueles que permitiram identificar suas principais características, além de destacar a contribuição de alguns de seus colaboradores. A principal conclusão desta pesquisa é a de que *O Pirralho* foi um importante veículo das transformações ocorridas no cenário cultural do Brasil nas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: periodismo São Paulo (1910-1920); pré-modernismo; humor; estética da modernidade

ABSTRACT

This essay consists of an analysis of *O Pirralho*, a publication founded and directed by Oswald de Andrade and distributed in São Paulo city between 1911 and 1918. The objective of this paper was to describe and examine how the increasingly fast development of the pulsating social and cultural life was being portrayed in the pages of *O Pirralho*. Based on that, evidences were searched, which indicate the aesthetic present in the organization and presentation of the material published (gossip columns, chronicles, columns, illustrations etc.). The procedure applied in the acquisition of data was a systematic filing of all 248 periodical issues focusing on elements expressing the innovative feature of the magazine as well as those which enabled the identification of its main characteristics, apart from highlighting the contribution of some of its collaborators. The main conclusion of this research is that *O Pirralho* was an important vehicle for the transformations which took place in Brazil during the first decades of the twentieth century.

Key words: São Paulo's periodicals (1910-1920); pre-modernism; humour; aesthetic of the modernity.

O jornalismo, sendo literatura, dirige-se todavia ao homem imediato e ao dia que passa. Tem a força direta das artes inferiores mas humanas, como o canto e a dança; tem a força de ambiente das artes visuais; tem a força mental da literatura, por de fato ser literatura. Como, porém, o seu fim não é senão ser literatura naquele dia, ou em poucos dias, ou, quando muito, numa breve época ou curta geração, vive perfeitamente conforme com os seus fins.

(Fernando Pessoa, Argumento do jornalista. In Obra em prosa)

Adoro esta cidade

São Paulo é como meu coração

Aqui nenhuma tradição

Nenhum preconceito

Nem antigo nem moderno

Só contam esse apetite furioso essa confiança absoluta

esse otimismo essa audácia esse trabalho esse esforço

essa especulação que fazem construir dez casas por

hora de todos os estilos ridículos grotescos belos

grandes pequenos norte sul egípcio ianque cubista

Sem outra preocupação que a de seguir as estatísticas prever

o futuro o conforto a utilidade a mais-valia e atrair

uma enorme imigração

Todos os países

Todos os povos

Eu amo isso

As duas três velhas casas portuguesas que restam são

faianças azuis.

(Blaise Cendrars, São Paulo. In Au couer du monde, poésies completes: 1924-1929.

Traduzido por Nicolau Sevcenko)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - PONTO DE PARTIDA: SÃO PAULO EM DOIS TEMPOS	14
1.1 A BELA ÉPOCA	16
1.2 A MODERNIDADE NO PRELO	19
1.3 E EIS QUE VEM LÁ O <i>PIRRALHO</i>	22
CAPÍTULO 2 - UM “SEMANARIO ILLUSTRADO D’ IMPORTANCIA EVIDENTE” ...	34
2.1 CELEBRAÇÃO DA VIDA CIVILIZADA	40
2.2 DIGA-ME COM QUEM ANDAS... (E, PRINCIPALMENTE, O QUE FAZES)	43
2.3 CONCURSOS, ENQUETES E CORRESPONDÊNCIAS: O ESPAÇO DO LEITOR	57
2.4 ENTRE LETRAS, TELAS, PALCO E FITAS	65
CAPÍTULO 3 - A CONSTRUÇÃO DO MODERNO	76
3.1 A LETRA E O DESENHO	79
3.2 SÊO REDATÔ, NÓIS É TUTTO GIURNALISTA	88
3.3 <i>LE ENFANT TERRIBLE</i> : A MARCA DE OSWALD DE ANDRADE N’O <i>PIRRALHO</i>	98
3.4 OUTROS TRAÇOS, OUTROS NOMES	103
APÊNDICE - A PRESENÇA DA ART NOUVEAU N’O <i>PIRRALHO</i>	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
LISTA DE FIGURAS	123
ANEXO	126

INTRODUÇÃO

O início formal desta pesquisa se deu em 2007, com meu ingresso no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo / Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP). Informalmente, ela já vinha acontecendo desde que concluí a graduação no curso de letras, em que apresentei como trabalho de conclusão de curso uma monografia sobre a prosa e a poesia regional paulista nas décadas iniciais do século XX. O objeto em questão foi o escritor e poeta Cornélio Pires e sua trajetória como típico representante e divulgador da cultura popular do Estado de São Paulo. Durante a elaboração da monografia, duas coisas me chamaram a atenção: primeiro, a intensa participação de escritores e poetas na imprensa do país, uma alternativa em razão da incipiente indústria livreira. A segunda, e principal, foi uma revista, na qual Cornélio Pires contribuiu enormemente, chamada *O Pirralho* (e mais curioso ainda foi saber que a publicação pertenceu a Oswald de Andrade). Foi a partir daí que nasceu o esboço para este projeto. E ao delimitar a revista *O Pirralho* como objeto de pesquisa, busquei refletir, inicialmente, sobre a relação da revista com o processo de mudanças sociais que aconteciam na cidade e seus desdobramentos na (recente) vida cultural e artística.

A partir das primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo passa por acentuadas mudanças que marcam, em definitivo, a sua entrada na modernidade. Importava-se um cosmopolitismo europeizado que abria as portas para um novo mundo, progressista, liberal, urbano e com perspectivas ilimitadas. É a *Belle Époque* em São Paulo, que marca um importante período de transição entre o final da monarquia e a consolidação do sistema republicano.

Constituindo um dos principais meios de expressão e informação, a efervescente imprensa paulistana acompanha a renovação e a transformação da cidade, ampliando espaço e, conseqüentemente, o público leitor. Junte-se a isso a industrialização dos processos de composição e impressão que trouxeram inovações gráficas, rapidamente incorporadas pelos periódicos.

Despojado, provocativo, irreverente e, principalmente, concebido para ser moderno, *O Pirralho* foi fundado em 1911, idealizado e dirigido por Oswald de Andrade, um jovem jornalista em início de carreira. Apresentando uma linguagem informal, rápida e ágil, pautada pelo humor e pela sátira, esta revista é a síntese da vida urbana e moderna na São Paulo do início do século XX; por suas páginas desfilaram críticas literárias e artísticas, notas culturais, colunismo social, comentários políticos, crônicas esportivas, além de muitas ilustrações e fotografias. Sobretudo, O

Pirralho contou com a participação de inúmeros colaboradores e ilustres convidados, que contribuíram de diversas maneiras a fim de lhe conferir notoriedade e prestígio junto ao público: as poesias de Guilherme de Almeida e Olavo Bilac, as crônicas de João do Rio, a literatura internacional de Guy de Maupassant e Honoré de Balzac, a prosa macarrônica do fantástico *giornalista* Juó Bananére, a conversa caipira de Cornélio Pires, as sensacionais ilustrações do artista Voltolino e a presença do, então desconhecido, caricaturista Emiliano Di Cavalcanti, entre tantos outros.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa documental, em que o foco de estudo reside na forma como os aspectos da vida social, cultural e artística estão dispostos e, principalmente, na maneira como são apresentados pela revista. E, acima de tudo, o maior destaque é dado (e espero ter sido bem sucedida nesta empreitada) a presença de uma linguagem absolutamente irreverente, carregada de coloquialidade e elementos paródicos, que combinada ao forte apelo visual, situam *O Pirralho* como um periódico que trafegou na contramão dos parâmetros estabelecidos pela norma letrada. Pode-se dizer que *O Pirralho* foi um laboratório, em que novas coordenadas estéticas foram aplicadas com muita liberdade e humor.

Procurei estabelecer como eixo condutor de estudo, a análise da estrutura da revista e confesso que, desde o início, não foi uma tarefa fácil diante de inúmeras e tão interessantes possibilidades. O fichamento de cada número, de cada página me colocou diante de um material tão rico e distinto, que por fim tornou-se necessário selecionar somente alguns elementos para a realização desta pesquisa; logo, muitos outros ficaram de fora, pois para os propósitos deste trabalho foi importante reunir os aspectos mais representativos a fim de caracterizar aquilo que tornava a revista tão peculiar.

Quanto ao referencial teórico, busquei orientar e fundamentar esta pesquisa da seguinte forma: a) textos voltados para a análise do período em que está situado a revista *O Pirralho*, com o propósito de melhor poder contextualizá-la; e, mais do que isso, tornou-se fundamental entender o cenário que prenunciava e celebrava a modernização do Brasil; b) textos que tratam da história do periodismo no país, mais especificamente que retratam a atuação da imprensa desde o final do século XIX e o começo do século XX e o impacto das novas tecnologias na área gráfica; c) obras de referência sobre o conceito pré-modernismo e o movimento modernista no Brasil; isto é, importava-me pesquisar a atmosfera do período que antecedeu a Semana de 22 e a partir daí buscar entender esse momento de transição, já que é ali que se localiza *O Pirralho*; d) textos de crítica literária, artística e outras manifestações culturais do período; e) ensaios sobre a linguagem cômica (o uso da paródia, sátira, caricaturas etc.) e suas modalidades expressivas; f) diversas obras, biográficas ou não, que fazem

referência à revista *O Pirralho*, à sua configuração e aos seus colaboradores, entre elas, muitas crônicas sobre a cidade de São Paulo nas décadas de 1910 e 1920, inclusive, não só aquelas que detalhavam o cotidiano, como também os aspectos da vida política, social e cultural.

Organizei minha exposição em três capítulos, dos quais no primeiro, “PONTO DE PARTIDA: SÃO PAULO EM DOIS TEMPOS”, procuro discorrer, por meio de traços da história de São Paulo, os elementos que fizeram parte da transformação do Estado, definindo o perfil da vida paulistana nas duas primeiras décadas do século XX. Trata-se de um pequeno estudo sobre o enriquecimento e a urbanização da cidade, o modo de vida da elite cafeeira através da reprodução dos valores europeus, tidos como ideais de civilização, a presença massiva da imigração no estado e suas consequências, além das contradições do período. Dentro deste contexto, aponto para o surgimento do novo jornalismo que se instaura e dos avanços tecnológicos que permitiram e favoreceram o aumento dos periódicos na cidade. A partir daí, faço uma apresentação d’*O Pirralho* – e de seu idealizador, Oswald de Andrade – procurando mostrar os aspectos inovadores presentes na revista e o seu papel de destaque diante da imprensa da época.

A análise da forma e o conteúdo da revista são o mote do capítulo II; o título, “UM SEMANARIO ILLUSTRADO D’ IMPORTANCIA EVIDENTE”, é uma referência à designação estampada na página de abertura da revista e que resume muito bem o espírito da redação, isto é, havia entre os colaboradores a certeza da produção de uma revista muito *sui generis*. Este capítulo parte da seleção e análise descritiva de algumas das mais frequentes colunas presentes n’*O Pirralho* e que encerram características muito representativas: a começar pela heterogeneidade, isto é, a revista é um verdadeiro mosaico de valores e opiniões que, curiosamente, a distingue das demais publicações do período por justamente não seguir uma linha editorial definida; outro fator importante é o uso recorrente da linguagem coloquial, que quebra com os padrões formais da cultura letrada; aliados a linguagem, temos o chiste e o deboche, que tornam os textos mais singulares ainda. Reunidas estas características (e por meio delas), torna-se muito interessante perceber como *O Pirralho* veiculava os aspectos da vida moderna na cidade de São Paulo.

No capítulo III, “A CONSTRUÇÃO DO MODERNO”, a discussão está centrada na importância renovadora e na estética original da revista. Digo renovadora no sentido de que a revista traz o tom humorístico para dentro do discurso oficial (no caso, a imprensa); e não só por meio da linguagem verbal, visto que a composição de narrativas visuais é uma das principais marcas d’*O Pirralho*. Nesse sentido, busquei dar destaque a participação de colaboradores que trouxeram elementos inovadores à

revista: Oswald de Andrade e a alguns de seus textos que já expressavam os indícios da emblemática personalidade que estava por vir; o genial artista Voltolino, que tão bem soube traçar o ambiente paulistano daquele momento, por meio de suas inventivas ilustrações; Juó Bananére, o mais paulista dos italianos, absolutamente demolidor com suas crônicas macarrônicas; Di Cavalcanti e Ferrignac, por conta de uma interferência gráfica cheia de delicadeza e beleza e tão de acordo com o momento. Este capítulo é um esforço para evidenciar n'O *Pirralho* elementos de ruptura, mudança e, principalmente, modernidade.

Acrescentei um apêndice que procura discorrer, resumidamente, sobre a *art nouveau* e sua constante presença nas páginas d'O *Pirralho*. E um anexo com imagens que complementam a pesquisa no sentido de acrescentar uma visão mais ampla da revista.

Encerro esta apresentação esperando ter sido bem sucedida no esforço de explicar / apresentar a revista *O Pirralho* a partir de detalhes que sempre, desde o início, julguei singulares. Na realidade, trata-se de um recorte, uma pequena parte diante de tantas perspectivas de pesquisa.

CAPÍTULO 1 - PONTO DE PARTIDA: SÃO PAULO EM DOIS TEMPOS

A nossa capital já é um centro onde as manifestações da vida mundana se fazem sentir fortemente. Já não somos os tristes moradores de uma cidade provinciana que as nove horas da noite dormia a somno solto depois dos mexericos atraves das rotulas ou à porta das pharmacies. Não temos porem a vida de Paris ou Vienna ou mesmo a de Buenos-Ayres ou do Rio de Janeiro, mas lá chegaremos. Com os grandes melhoramentos da cidade, já projetados é possível que, a exemplo do que aconteceu no Rio, a nossa vida mundana se torne mais intensa. (...) Ainda vivemos quasi isolados. (...) Tudo isso vai aos poucos concorrendo para augmentar a nossa sociabilidade.

(Jayme da Gama em O Pirralho de 12/08/1911)

Entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, o estado de São Paulo passou por profundas transformações. A ascensão dos cafeicultores paulistas, a proclamação da República, a abolição da escravidão, o surto imigratório, o crescente processo de industrialização que, associados à necessidade do país em conectar-se com ideais de modernização, dão a tônica desses novos tempos e marcam a entrada de São Paulo – e do Brasil – na modernidade.

O mundo vivia a revolução científico-tecnológica¹, que alterou significativamente os hábitos e costumes cotidianos, transformando o modo de vida das sociedades tradicionais. O período é marcado pelo desenvolvimento da tecnologia, a expansão da economia industrial e a produção em grande escala:

Estimuladas sobretudo por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos. De fato, nunca em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos. Isso não apenas no Brasil, mas no mundo tomado agora como um todo integrado (SEVCENKO, 2006, p.7-8).

¹ Também chamada de “a segunda revolução industrial”.

² O herói eleito é o bandeirante, ancestral direto das famílias de fazendeiros tradicionais paulistas e personagem símbolo do desbravamento do sertão. O representante da paulistanidade perde suas

Foi o cultivo do café o grande responsável pela transformação no estado de São Paulo. A produção cafeeira aumenta e expande fronteiras, encurtando distâncias e consolidando o papel da capital. Em seguida, os investimentos no desenvolvimento industrial acabam por afirmar e consolidar o papel da capital “como palco de uma atividade econômica próspera e ao mesmo tempo mantendo-se como centro político, logístico, comercial, mercado de trabalho e de capitais voltado ao principal setor da economia brasileira” (ERNICA, 2004, p. 173).

O determinante papel no cenário político e econômico do país estava assegurado; agora só faltava alçar São Paulo ao mais importante centro de referência (e influência) social e cultural do país. Ou seja, a aspiração dos paulistas era, na realidade, desbancar a supremacia do Rio de Janeiro, a capital federal do Brasil. Nesse sentido, tornou-se absolutamente necessário reconfigurar a história do Estado (glorificando o passado para justificar o presente e o futuro) a fim de criar uma identidade genuinamente paulista². A palavra de ordem era exaltar e, assim, se projetar.

Os ricos produtores de café e suas famílias deixam o interior para se instalar na cidade, onde agora tudo acontecia. Concentradas em casarões próximos ao centro, ali as melhorias urbanas aconteciam a todo vapor:

O preço do café subira. Começava a ser habitada a distante Avenida Paulista, onde havia a linda chácara Bulow. A avenida tinha três vias de tráfego, uma central e duas laterais, separadas por uma fileira de árvores. Já moravam lá muitos fazendeiros que se mudavam do interior (AMERICANO, 1957, p. 406).

A feição moderna que a capital do estado queria assumir deveria esconder e até mesmo eliminar qualquer traço colonial que ainda existisse nas ruas, casas e costumes. Procedeu-se uma remodelação no perfil da cidade e os novos planos urbanísticos provocaram mudanças radicais: a combinação de um embelezamento estratégico, com ênfase na iluminação e o asfaltamento das vias públicas, determinou novas regras de convivência e aproveitamento do espaço público³.

Esse processo de regeneração do espaço teve início na cidade do Rio de Janeiro, com os projetos do então prefeito Pereira Passos – inspirados nas obras do

² O herói eleito é o bandeirante, ancestral direto das famílias de fazendeiros tradicionais paulistas e personagem símbolo do desbravamento do sertão. O representante da paulistanidade perde suas características reais, seus hábitos, traços e feições indígenas, resultado da miscigenação no período colonial, para ganhar aspectos de europeu, branco, digno e civilizado, tão de acordo com o momento.

³ Segundo o Prof^o. Benedito Lima de Toledo (FAU/USP), em seu livro *São Paulo: três cidades em um século* (Cosac Naify, 2004), “ao contrário de cidades onde podemos fazer a ‘leitura’ de sua história nos edifícios, o crescimento de São Paulo se deu com o sacrifício de seu passado. Perdulariamente, ao invés de se construir ‘ao lado’, construiu-se ‘em cima’” (TOLEDO, 2004, p.174).

prefeito de Paris, o Barão Georges-Eugène Haussmann, com suas ruas e avenidas largas – e espalha-se pelo Brasil, tornando-se a síntese do momento. Foi o conselheiro Antônio da Silva Prado, o primeiro prefeito empossado de São Paulo, o grande responsável pelas transformações urbanas da cidade.

A determinação era eliminar tudo aquilo que um dia fora símbolo do passado colonial (arcaico e atrasado), fazendo surgir uma nova estrutura urbana, mais moderna e civilizada. Entretanto, essa reformulação foi parcial, pois a maior parte da população, mais precisamente a parcela menos favorecida da sociedade, era empurrada, cada vez mais, às zonas periféricas. “Limpar” a cidade com o afastamento, eliminação ou expulsão de tudo o que fosse considerado feio e deslocado – leia-se negros, mestiços e imigrantes – torna-se, de certa forma, uma atitude preventiva e profilática. Apesar de uma única sociedade, o grupo aristocrático não ousava ou admitia conviver com o outro, pobre e operário.

1.1 A BELA ÉPOCA

Diante de tantas transformações, iniciou-se um culto, uma idolatria ao progresso e aos ideais de civilização e modernidade. Vivia-se a *Belle Époque*⁴, cuja atmosfera exalava beleza, luxo, requinte, prestígio e, principalmente, modernidade:

“Moderno” se torna a palavra-origem, o novo absoluto, a palavra-futuro, a palavra-ação, a palavra-potência, a palavra-libertação, a palavra-alumbramento, a palavra-reencantamento, a palavra-epifania. Ela introduz um novo sentido à história, alterando o vetor dinâmico do tempo que revela sua índole não a partir de algum ponto remoto no passado, mas de algum lugar do futuro. O passado é, aliás, revisitado e revisto para autorizar a originalidade absoluta do futuro (SEVCENKO, 2003, p.228).

A alta sociedade paulista, agora urbanizada e sedenta de modelos de prestígio, ansiava legitimar-se como “frente avançada da cultura européia no novo mundo” (CAMARGOS, 2001, p. 27). E essa tarefa era desempenhada, sobretudo, por aqueles que possuíam vantagens financeiras – e tempo livre – para usufruir do cosmopolitismo que se instalava na cidade. É o *dândi*, tal como descrito por Baudelaire:

⁴ Tendo início nas décadas finais do século XIX, a *Belle Époque* na Europa marca um período financeiramente próspero e repleto de novidades tecnológicas. É possível dizer que mais do que um momento delimitado no tempo histórico, a *Belle Époque* representou um estado de espírito, onde vigorava o otimismo, a prosperidade, o desenvolvimento, as conquistas no campo científico e tecnológico, a urbanização e, é claro, o movimento, o brilho, a beleza, o luxo e o refinamento. Esse momento de euforia na Europa teve seu fim com a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Esses seres não têm outra ocupação senão cultivar a idéia do belo em suas próprias pessoas, satisfazer suas paixões, sentir e pensar. Possuem, ao bel-prazer e em larga medida, tempo e dinheiro, sem os quais a fantasia, reduzida ao estado de devaneio passageiro, dificilmente pode ser traduzida em ação (BAUDELAIRE, 2007, p.52).

Para tanto, França e Inglaterra, alçadas aos paradigmas de civilização, ditavam a moda e ofereciam à elite brasileira, principalmente à carioca e paulista, a imitação de um modo de vida de acordo com o padrão europeu. O conceito de modernidade consistia em estar em dia até com os menores detalhes do velho mundo e, por isso, se copiava tudo: o falar, comer, habitar, vestir, educar, se comportar etc. O consumo de artigos de luxo e produtos de origem europeia (alimentos, vestuário, móveis, decoração etc.) não só tornou-se imprescindível para a manutenção do *status*, como também uma nova forma de lazer.

Tal qual a tradição franco-inglesa, as salas das casas dos paulistas abastados converteram-se em espaços de convivência e entretenimento. Nesses salões familiares aconteciam concertos de música erudita, exposições de arte, bailes, encenações teatrais, refeições com pompa, recitais de poesia e literatura, enfim, passatempos cultos e refinados⁵. Esses encontros foram fundamentais para fortalecer a imagem que a elite gostaria e deveria ter, já que “o importante é ser *chic* ou *smart*, conforme a procedência do tecido ou do modelo” (SEVCENKO, 2003, p. 45).

Os valores culturais vindos da Europa contribuíam também para aproximar e solidificar as relações desse pequeno e seleto grupo. Ora, é bem possível imaginar que nessas ocasiões, entre um cálice de vinho do Porto e um recital de piano, decidiram-se os rumos da política nacional. Afinal, as lideranças no poder eram, em boa parte, unidas por laços familiares e/ou pessoais, daí até a facilidade para tais encontros.

Por outro lado, uma existência de refinamento e luxo amparada preponderadamente no modo de vida europeu ocasionou uma espécie de obsessão alienada e distorcida da realidade, gerando situações de forte ambiguidade e contradição. Todavia, era de vital importância sustentar marcas de distinção e refinamento e, assim, garantir uma posição na emergente *high society* paulistana.

⁵ A *Belle Époque* em São Paulo encontra na figura de José de Freitas Valle sua maior representação. Senhor absoluto da Villa Kyrial (nome dado ao seu casarão na Vila Mariana), ele marcou o cenário cultural da cidade nas primeiras décadas do século XX. Representante da oligarquia no Estado de São Paulo, Freitas Valle (1870-1958) transformou sua residência num verdadeiro centro de referência artístico e cultural. Por ali circularam, além da elite, intelectuais, artistas, estrangeiros ilustres, políticos etc.

Para se adequar aos tão cobiçados moldes de modernidade foi preciso, muitas vezes, se sobrepor de maneira repressora às diferentes heranças culturais daqueles que fizeram a cidade do século XX:

Ficava cada vez mais distante o modo de viver de origem colonial. Mas o passado ainda se fazia presente na arquitetura do centro velho, nos modos de se portar, nos hábitos e atitudes que se manifestavam nas ruas e nas casas. Não se tratava apenas de uma sobrevivência: as diferenças culturais e de tempos históricos eram contemporâneas e se misturavam no mesmo espaço. O antigo e o estrangeiro se reproduziam no interior das novas relações como meio de sobrevivência dos grupos, ao mesmo tempo em que velhos padrões eram mobilizados como meios de fazer o novo existir (ERNICA, 2004, p.173).

Uma expressão disso foi a educação formal voltada para a elite: crianças e jovens educados essencialmente pelos métodos franceses permaneciam alheios à realidade brasileira e, portanto, desconheciam – e até repudiavam – elementos de seu próprio meio cultural (NEEDELL, 1993).

No que diz respeito ao mundo do trabalho temos aí outra grande ironia, pois o recente passado colonial desvalorizava qualquer ocupação que necessitasse de esforço físico (“coisa de escravo”), aspecto esse ainda enraizado nos membros da elite brasileira. Contudo, vale lembrar, que um dos aspectos da modernidade é a valorização do empreendedorismo, sendo tal característica mais facilmente encontrada nos estrangeiros que aqui chegaram e se desenvolveram nas atividades comerciais e liberais. Logo, a São Paulo urbanizada e moderna também contou, em sua reformulação, com a presença modificadora desse grupo que se misturou à cidade, compondo as novas camadas da população:

Intensificou-se o consumo e, com ele, o comércio, a construção civil e as atividades industriais. Os italianos introduziram uma cultura urbana que se chocou com o modo de vida elegante dos empresários do café. Isolados e distantes, estes viviam entre os seus palácios, seus clubes exclusivos, suas fazendas e a Europa, enquanto os peninsulares e demais imigrantes desenvolviam na rua a maior parte de suas atividades, relativas ao trabalho, ao lazer e à diversão. Imprimiram a sua marca nos costumes, na culinária e no linguajar paulistano. Alterou-se a fisionomia urbana. O pacato burgo que fora São Paulo se encheu de vida (HOMEM, 1996, p. 187).

A moda é outro aspecto da imitação incoerente dos padrões europeus bastante interessante, pois exemplifica muito bem a importância de se pertencer ao *beau monde*. Para garantir a elegância, uma marca fundamental de distinção, homens e mulheres importavam roupas, tecidos e demais acessórios do velho mundo, porém, esses modismos eram inapropriados para o clima dos trópicos e as vítimas da vaidade se submetiam a uma verdadeira tortura física. Basta ler as crônicas sociais do escritor carioca João do Rio⁶ para encontrar os disparates na preferência do fútil sobre o útil: garbos senhores desfilando de casacas de lã, luvas e cartolas debaixo das altas temperaturas do Rio de Janeiro. Em outras palavras, o requinte inadequado na *toilette* vinha antes do conforto, da higiene e, principalmente, do bom senso.

Todavia, essas e tantas outras contradições são também elementos determinantes para a compreensão do processo de modernização em São Paulo. Os ideais de civilização e modernidade tiveram seu início no interior das residências da alta sociedade, porém espalharam-se para além desse espaço, reverberando por todas as camadas sociais.

A aparente frivolidade perceptível em muitos aspectos da cultura da elite não deve obscurecer o processo no qual ela desempenhou importante papel. Nos limites deste pequeno mundo manifestava-se a dinâmica da transformação do país (NEEDELL, 1993, p. 129).

Curiosamente, a influência cultural europeia que por cá aportou fundiu-se com as tradições de tempos coloniais que não desapareceram totalmente, pois estavam arraigadas nos hábitos e costumes. Ou seja, além da renovação houve também a persistência de um padrão de vida. E, com efeito, o impacto dessa nova configuração foi determinante para o surgimento de um estilo de vida muito distinto, urbano, dinâmico e complexo.

1.2 A MODERNIDADE NO PRELO

Nesse contexto tão significativo, coube a imprensa periódica um papel fundamental: agente direto e propagador da modernidade. Constituindo um dos principais meios de expressão e informação, a efervescente imprensa paulistana

⁶ Escritor e jornalista carioca (1881-1921), João Paulo Emílio Cristovão dos Santos Coelho Barreto ou, simplesmente, o João do Rio consagrou-se por meio de seus textos modernos, que desnudavam a sociedade carioca da *Belle Époque*. Jornalista franco e combativo afirmava publicamente que a postura alienada dos brasileiros diante dos problemas sociais era fruto de um profundo sentimento de inferioridade. Mas na realidade, e ironicamente, sabe-se que o próprio João do Rio era extremamente vaidoso e apegado aos modismos.

acompanha a renovação e vê surgir uma nova geração de intelectuais “que assistem à inauguração da República brasileira, vivenciam as fortes expectativas de transformação trazidas pela abolição e pela República, e engajam-se no processo de modernização e na criação de um novo jornalismo” (SALIBA, 2002 p.38).

Em consonância com os novos tempos, os investimentos na área gráfica e editorial resultaram na invenção de máquinas cada vez mais rápidas e potentes. Consequentemente, os jornais e revistas contaram com uma melhor qualidade de impressão e uma gama maior de recursos gráficos (fotografias, caricaturas, charges, ilustrações e ornamentos sofisticados). Tantas inovações permitiram um aumento das tiragens, resultando no barateamento do preço final do impresso. E tudo isso para atender um número cada vez maior de leitores.

As tipografias espalhavam-se pela cidade:

Não importa: o fato é que a produção gráfica existe e é cada vez mais abundante. Até por causa do maior número de leitores potenciais concentrados nas cidades e do avanço na oferta de produtos e serviços a serem anunciados numa economia que se moderniza, as novidades técnicas, não condenam as peças anteriores à total obsolescência. Ao contrário, o equipamento mais antigo é vendido aos pequenos que se iniciam no ramo. E todos os estágios tecnológicos convivem ao mesmo tempo (CAMARGOS, 2003, p. 41).

Amparada pela nova conjuntura, a imprensa “tornava-se uma grande empresa” (ELEUTÉRIO, 2008, p. 83), um instrumento muito eficaz na difusão das novas práticas comerciais, influenciando e potencializando o consumo de toda espécie. Os livros eram raros – na sua maioria importados – e esse fato favorece a multiplicação dos periódicos, que se tornaram o grande meio de comunicação do início do século XX:

A imprensa periódica vira moda e transforma-se no principal produto da cultura imprensa e o periodismo emerge como um importante espaço de renovação da cultura letrada. Mais ainda, no ambiente da metrópole em formação, a imprensa periódica apresenta-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais e de difusão de seus projetos e produtos. A pequena imprensa de folhas e revistas aproxima o jornalismo cotidiano da vida urbana (CRUZ, 2000, p. 71).

No que tange a cidade de São Paulo, a fundação, em agosto de 1827, da Academia de Direito do Largo de São Francisco foi determinante na formação de uma imprensa periódica. Direto das Arcadas, os futuros “doutores-deputados-literatos-

jornalistas” (CRUZ, 2000, p. 51) produziram publicações que viabilizaram novos espaços de articulação e informação. Contudo, esse início de periodismo na cidade tem como principal marca o caráter elitista e restrito, exprimindo tão somente o pensamento e a opinião de um pequeno grupo dominante, fortemente influenciado pela configuração cultural europeia.

A imprensa paulistana das décadas iniciais do século XX traduzia todo o espírito de transformação do período:

O advento e o transcorrer da chamada Primeira República (1889-1930) trouxeram uma imprensa que se diversificava. A política mantinha seu espaço, mas o crescimento urbano propiciava o ímpeto de se reportar novos focos de notícia, fosse aquele do bordão “O Brasil Civiliza-se” ou as diferentes práticas culturais de uma sociedade em busca do progresso. Naquelas páginas estampou-se nossa *Belle Époque* (ELEUTÉRIO, 2008, p. 84).

O ritmo acelerado da vida citadina demandava uma contínua circulação de notícias; os jornais tinham edições matutinas e vespertinas, a fim de manter o leitor a par dos últimos acontecimentos. E os periódicos do período imperial, de mote basicamente político, cederam lugar às novas práticas jornalísticas de temáticas afinadas com o momento: folhas fartamente ilustradas, com seções de entretenimento, colonismo social, crônicas, críticas de literatura, arte e música. Isso sem contar a imprensa de linhas editoriais distintas, tais como os periódicos voltados para as comunidades étnicas, aos operários, ao público feminino etc. É importante observar que essas pequenas publicações contribuíram para popularizar a informação⁷ e alcançaram sucesso junto ao público:

No caso específico de São Paulo, já na última década do século XIX a inexistência de uma indústria livreira favorece a proliferação dos periódicos que, afinal, acabam por ocupar o espaço deixado pelo livro. Embora inferiores aos do Rio de Janeiro na qualidade gráfica, em São Paulo concentrou-se a maior produção periodística do país (SALIBA, 2002, p. 39).

⁷ Havia também os impressos voltados para defesa de interesses mais específicos, pois davam conta de expor os problemas da cidade e seus cidadãos pouco favorecidos. Por conta da crítica mordaz, e até violenta, esses pequenos jornais e revistas acabavam por irritar àqueles que detinham o poder; as represálias e sanções eram comuns (denúncias à polícia, invasão e depredação da redação, empastelamento de suas edições). No entanto, é interessante constatar que tais publicações caíram no gosto popular e na mesma medida que muitas deixavam de existir, outras iam surgindo e ganhando público leitor.

O fato é que a imprensa ganha a cidade, estabelece novos espaços de articulação, reflete os novos hábitos e costumes urbanos e acompanha esse início de modernidade cheio de rituais de afirmação de *status*, mundanismo e dualidades na preservação das tradições, mas, por outro lado, repleto de dinamismo na renovação social, artística, cultural.

1.3 E EIS QUE VEM LÁ O PIRRALHO

Nesse ponto, torna-se importante justificar a escolha específica da revista *O Pirralho* para esta pesquisa, visto que, como já foi apresentado anteriormente, o contexto social e cultural do período favoreceu o surgimento de uma enorme variedade de periódicos. E, quando se fala em variedade, deve-se levar em conta o grau de destaque, o período de circulação e, o mais importante, a proposta (e/ou linha) editorial de todo esse material periódico disponível para investigação. Muitas poderiam ser as justificativas, entre elas, e talvez a de maior destaque, encontra-se no fato de que o fundador da revista é Oswald Andrade, que por si só já fundamenta a pesquisa.

Dentre tantos aspectos relevantes e possíveis, essa pesquisa partiu de uma simples reflexão: *O Pirralho* foi um produto cultural, síntese das transformações ocorridas na cidade de São Paulo – e no Brasil – nas duas primeiras décadas do século XX e, por conta disso, apresenta uma estética bastante peculiar. Encarnando o espírito da época e evidenciando um momento de transição, *O Pirralho* é um dos protagonistas na construção de uma identidade republicana e moderna. Contudo, a dualidade presente em suas páginas o torna intrigante: é ao mesmo tempo conservador e iconoclasta; passeia livremente pelas novas tendências e modismos, embora se mantenha firme nas tradições da São Paulo provinciana. Diante disso, ousa conjecturar que são esses os elementos que tornam esse periódico fundamental na discussão de uma renovação estética, seja ela cultural, literária, artística e, sobretudo, visual.

Em 1911, financiado pelos pais, o jovem Oswald de Andrade funda e dirige, ao lado do amigo Dolor de Brito, o semanário *O Pirralho*. Lançado com êxito, o periódico foi idealizado para ser moderno e destinava-se a publicação de arte e literatura. Mas, além do enfoque dedicado à vida artística e cultural da cidade, registrou também os aspectos da vida cotidiana, econômica e política:

O Pirralho realizou grande programa de inquéritos literários, em que eram ouvidos tanto escritores do Rio como de São Paulo. Ao lado de perguntas bem à moda do “1900” sobre a elegância de Fradique Mendes ou a possibilidade de

“um suicídio verdadeiramente original e belo em nossos dias”, interrogava os intelectuais cariocas sobre o estado atual das letras na capital da República, e – como estava em foco a questão do presumido tesouro da ilha da Trindade – quais os livros que levariam se tivessem de ficar ali isolados durante algum tempo (BROCA, 2004, p. 312).

Utilizando-se de uma linguagem ruidosa e irreverente, calcada no humor, na ironia e na paródia, *O Pirralho* era provocativo, fugindo do caráter sisudo e moderado comum a boa parte da imprensa do período. Compreende-se isso pela própria personalidade rebelde de seu fundador:

O menino reponta no adulto como tendência constante de negar a norma; como fascinação pelo proibido. A prática do proibido é a possibilidade de evasão, de negação de uma ordem das coisas que lhe é intolerável. Daí uma rebeldia que começa pelo uso das palavras proibidas, passa pelos juízos proibidos e vai até os graves pensamentos proibidos, com que orchestra a sua conduta de rebelde das letras e da vida (CANDIDO, 2002, p. 15).

Em 1908, Oswald de Andrade ingressa na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e esta o decepciona profundamente⁸. A rebeldia do jovem já despontava ali, pois percebeu que seus ideais eram bastante distintos dos demais colegas das Arcadas, presos aos rígidos moldes da instituição que regeu a vida letrada e intelectual paulistana. Apesar de todas as “oficiais reconciliações e palinódias” (ANDRADE, 2002, p.90), Oswald sempre repudiou a mentalidade da escola e tudo que era ensinado ali:

A Faculdade de Direito, com sua bucha visível, para onde me vi forçado a entrar por um equívoco de colega, com seus lentes idiotas, seus velhos alunos cretinos, sua tradição de miserável atraso colonial, me provocava o mais justo dos desprezos (ANDRADE, 2002, p. 91).

Ora, diante de tanta rejeição pelas convenções é justo crer que, para o jovem Oswald de Andrade, *O Pirralho* foi um laboratório experimental em que as novas coordenadas estéticas foram aplicadas com muita liberdade, despojamento e humor. No entanto, e curiosamente, essa postura de oposição e resistência frente aos valores da época não se manifesta inteiramente, não em todos os seus aspectos. Afinal, só um pouco mais tarde conheceríamos o Oswald que subverte a ordem estabelecida.

⁸ Oswald interrompe o curso, para somente concluí-lo em 1919.

Instantâneo da nova fábrica universitária, montada em São Paulo pela firma Saturno: Burnino, Fosfatino Rabeira & Comp.

Figura 1 – 28/12/1912, número 72, p. 11

Coloquemos assim: o jovem que repudia as normas e os limites é o mesmo que compõe peças teatrais em francês, cultua a poesia parnasiana e frequenta os salões da emergente *high society* paulistana, como qualquer outro jovem de sua geração. Ou seja, a dualidade presente em Oswald de Andrade encontra-se justamente no simples fato de que ele é um homem de seu tempo. Tudo isso serve para evidenciar que *O Pirralho* carregará por suas páginas a peculiar personalidade de um Oswald de Andrade em início de carreira (mesmo que de forma descontinuada, como ficará atestado no decorrer desta pesquisa). Contudo, e igualmente relevante, assim como a participação de Oswald, outros colaboradores, de maior ou menor vulto, foram determinantes na composição do periódico. São personagens que acompanham a metrópole em formação e encontram um espaço livre para a propagação das inovações sociais, artísticas, culturais etc.

Segundo o ensaísta Brito Broca, “(...) a revista mais típica e importante do ‘1900’ paulistano, seria também a mais representativa do nosso pré-modernismo” (BROCA, 2004, p. 310). *O Pirralho* diferencia-se por sua forma e conteúdo; carrega uma marca, um estilo próprio e traz consigo novos elementos de uma época não

totalmente definida. É o registro de um período difuso, o qual Brito Broca classifica como pré-modernismo.

É curioso perceber que o termo **pré** encerra uma forma ou maneira do presente olhar o passado, buscando sempre identificar os antecedentes dos eventos considerados marcantes na história. Mais especificamente, a produção artística e cultural das duas décadas iniciais do século XX é tida como referência, ou melhor, como precursora do movimento modernista.

No que diz respeito ao periódico *O Pirralho*, seus colaboradores não tinham a intenção de iniciar uma ruptura de padrões ou até mesmo a concepção de um projeto consciente de mudança estética, artística, literária etc., tal qual aconteceu no modernismo, em que o propósito era claro e evidente. Ao contrário, esses ditos *pré-modernistas* (assim classificados pelos críticos e acadêmicos) apostavam na blague, daí o elemento inovador. Basta ver a linha editorial (heterogênea) d'*O Pirralho*: uma profusão de pessoas e estilos dividindo espaço, opiniões, bagunça e chiste; não havia constância, nem muita regra. Resumindo, temos aí um importante registro estético de uma época, traduzido por meio de relatos e comentários muito singulares.

Em 12 de agosto de 1911, o semanário faz sua estreia e já no editorial de abertura intitulado “Como foi”, dá sinais do que está por vir:

O Pirralho nasceu n'um sabbado ao meio-dia. Os sinos tocavam, como todo sabbado, ao meio-dia. Ora, dessa circumstancia occasional concluíram que O Pirralho ia ser bispo. Porque quando um bispo chega, os sinos tocam geralmente. Mais tarde, O Pirralho, com extravagante precocidade, rimou Sobrinho com Biscoitinho. Os circumstantes pasmados viram n'isso uma grande vocação de poeta declarada. Logo, porém, vieram afirmar-se, os seus puros instinctos de crilla⁹ incorrigível, caçador e risonho (O Pirralho, 12/8/1911, número 1, p.3).¹⁰

E como se não bastasse, *O Pirralho* sai à procura de padrinhos, a fim de obter legitimação e causar boa impressão junto ao público. A atriz Mimi Aguglia e o compositor Pietro Mascagni, ambos italianos e em apresentações pela cidade, foram eleitos padrinhos do pequeno¹¹. O episódio do convite mostra bem a dissimulação, a astúcia e os galanteios que seriam comuns nas páginas da revista:

Foi por esse tempo que Mimi Aguglia trouxe á cidade provinciana, a victoria de seu theatro. O Pirralho amou-a grandemente, e uma noite, apresentando-se, febril de convencido que estava,

⁹ Garoto, moleque.

¹⁰ Conservou-se a ortografia original em todos os excertos retirados d'*O Pirralho*.

¹¹ Como se verá no decorrer da pesquisa, *O Pirralho* vai muito além do nome da revista; ele era o personagem central do periódico, o pequeno jornalista atuante e combativo.

lhe fez a seguinte oração: “O’ sacerdotisa da dôr! Eu amo o teu olhar que corta fundo. Eu amo a tua mascara que evoca as aparições funestas e resuscita na scena os phantasmas antigos. Eu amo a tua arte frenetica, depois as tuas attitudes d’estatua que aterram, depois a tua alma siciliana, a tua paixão estonteadora, a tua vida soberba!”. Nesse ponto, Mimi Aguglia não teve mais arte para se dominar e rio. Vendo então O Pirralho desconsolado, falou:

- Queres um autographo, não é? Já estou habituada a esses pedidos, minha linda creança.

O Pirralho ficou rubro de encabulado e respondeu:

- Não, senhora, não é isso, é que eu não sou nenhum anarchista para nascer e não me baptisar. Eu quero que a senhora seja a minha madrinha.

Mimi Aguglia gostou e sorriu.

- Aceito, meu pirralhinho. Mas tu has de ser muito bonsinho, muito obediente e muito educadinho.

- Sim senhora, juro como hei de ser.

Estava O Pirralho com madrinha arranjada, mas que fazer para encontrar um padrinho, na altura?

(O Pirralho, 12/8/1911, número 1, p. 3 e 4)

O compositor Mascagni é mais relutante e só depois de muita bajulação e insistência é convencido a aceitar o posto de padrinho:

“Ó alma batida de sól” Como canta na tua poesia, todo o triumpho da vida exuberante! Eu te amo porque tu tens a arte feita de um sentimento de vida tão grande, tão cheio de audacia, tão cheio de desejo, e de soffrimento, e de vontade de amar, que extravása – dando-nos os hymnos supremos. Eu te amo porque tu fizestes o cantico para a commemoração eterna da alma siciliana – a alma devastada por paixões, a alma martyr na propria potencia do martyrio. Tu fizeste o cantico da terra barbara e generosa de Grasso. Eu te amo!”

Mascagni, seu bocadinho satisfeito, teve uma risada sonora.

- Bem me diziam que nesta terra se faz muita literatura...

O Pirralho, vexado com a observação, não continuou.

- Bem, disse Mascagni. O amiguinho agora me dá licença....

- Não senhor, o senhor não vae antes de dizer se quer ser o meu padrinho.

- Padrinho, ora essa!

- Sim senhor, a madrinha já tenho...

- Bem, bem, disse o mestre. Comtando que o amiguinho me deixe em paz...

- Então aceita, olhe que eu fico sendo seu afilhado...

- Aceito, aceito tudo, tudo, póde ir tranquilo que sou o seu padrinho e mais ninguém.

- Então, até logo, meu padrinho, a sua benção.

E O Pirralho sahiu, ravi da cavação¹².

(O Pirralho, 12/8/1911, número 1, p. 4)

¹² Satisfeito com o arranjo.

A redação d'O *Pirralho* funcionou numa salinha alugada de um sobrado da rua XV de novembro, no número 50b, no centro da cidade, com móveis doados por Dna. Inês, a mãe zelosa e apoiadora de Oswald. Em sua redação, segundo o próprio Oswald, "juntou-se uma súpia de poetas, escritores e jornalistas improvisados (...)" (ANDRADE, 2002, p.97), entre os quais, figuram o escritor e poeta regionalista Cornélio Pires, com sua coluna dedicada ao caipira, Alexandre Marcondes Machado, o Juó Bananére, um dos mais famosos cronistas da cidade com seu dialeto macarrônico, os desenhos de Ferrignac, as ilustrações do ainda artista iniciante e pouco conhecido Di Cavalcanti, o poeta e escritor Guilherme de Almeida, o grande caricaturista Voltolino, que deu forma e feições peculiares à revista e que permaneceu ligado a ele durante os sete anos de sua existência.

A revista apresenta a linguagem da modernidade, ou seja, tão rápida e ágil quanto às transformações urbanas que ocorriam cidade. Há outro aspecto revelador e que abre a possibilidade de considerações quanto ao público leitor do periódico: mesmo sendo uma publicação voltada para o gosto e deleite da *high society* paulistana, é possível supor que O *Pirralho* estabeleceu uma forma de comunicação com as camadas populares que, até então, não tinham acesso ao material elitista publicado. É sabido que o percentual de analfabetos no Brasil no início do século XX era muito alto, portanto, conjecturo que o mérito de muitos periódicos do período – não somente d'O *Pirralho* – foi transformar imagens em narrativas visuais. No caso específico d'O *Pirralho* essa técnica aconteceu com muita propriedade e êxito, pois estabeleceu outras maneiras de dizer que superavam o modelo tradicional de texto. Por meio da profusão de caricaturas, ilustrações e fotografias, o público analfabeto entrava em contato com o noticiário do dia a dia, podendo assim interpretar os fatos e acontecimentos da cidade. Temos aí uma linguagem visual que transforma, dinamiza e, principalmente, populariza a informação.

O "Pirralho"

nos tres dias de Carnaval

Domingo, assim que o sol nasceu, o *Pirralho*, que estivera quasi toda a noite acordado, a pensar na pequena, ergueu-se da cama, abriu a janella do quarto e gritou a um sujeito que passava na rua:

— Olá, tranca, o Carnaval começa hoje?
— Tá maluco? perguntou o tal.
— Maluco vac elle. E' que eu não tenho folhinha em casa.
— Ué! Entonces vassuncê não lê as foia e não anda na rua?
— Que foia? seu cara de mamão maduro, gritou o *Pirralho*.
— Os jorná.
— Pois eu também sou foia!
Pa'a encurtar a historia, o *Pirralho* jogou um balde d'agua no caipira — era um desses que passam

pela Rua 15, tocando tropas — e foi á casa do Ludgero.
— Coronel, hoje é dia de Carnaval?
— E', diabo, respondeu o illustre escrivão. Vá se catar.

— Veja lá como fala, escriba! Dahi foi á casa da futura sogra, que fica lá pelos lados da Villa Buarque.
— Sogra infernal, hoje é dia de Carnaval?

— Gentes, o *Pirralinho* é poeta! exclamou a pequena.
— Não estou perguntando isso. E' dia de Carnaval?
— E', diabinho!
— Quem lhe deu essas confianças, joven?
— Mas então você não sabia que o Carnaval começa hoje? Não tem visto os mascarados? Olhe ali vac um.

O *Pirralho* saiu á janella com a pequena, todo *rempli de soi mème* (o *Pirralho* sabe francez p'ra burro) e viu passar uma moça com um enorme cogumelo na cabeça. O engraçado é que em cima do cogumelo havia uma porção de hortaliça.

O mascarado é aquella moça? perguntou o *Pirralho*.
A pequena montou no porco, porque ella também usa chapéus de abas sem fim e com folhas de couve em redor da copa.
Foi a sogra quem explicou que a moça não estava fantasiada.
— Pois pensei, disse o *Pirralho* sem ligar importancia ao diabo da sogra. E' por isso que eu não sabia se hoje era Carnaval. Todo dia é a mesma cousa nas ruas.

Nisso passou um macaco pela calçada.
— Olha lá o capitão! gritou a cozinheira, que vinha entrando com o café.

A negra deixou cair a bandeja e correu para a rua.

O *Pirralho* saltou a janella e chegou a agarrar o bicho pelo rabo. Era um mascarado.

A sogra, da janella, berrava para a cozinheira que não deixasse o *Pirralho* entrar. E para o *Pirralho*:
— Então isso são modos? Então pula-se janella com essa semceremonia?

Mas o *Pirralho* tanto chorou que a sogra o deixou entrar. A pequena também chorava.

E o *Pirralho* passou o resto do dia á janella com a futura cara metado e o estupor da sogra.

Segunda-feira, o *Pirralho* esteve na escola e não brincou.

Terça-feira é que foi dia. A' noite, o *Pirralho* fantasiado de diabinho (a pedido da pequena) foi ao baile. Ao entrar na sala, aconteceu o

mesmo que na Kermesse: toda gente correu para o *Pirralho*. Fôra reconhecido. Plano da pequena para fazer bonito: contara ás amigas que o *Pirralho* ia de diabinho. Até as velhas abraçaram e beijaram o *Pirralho*. Foi até uma dellas quem ia estragando o futuro da pequena, fazendo-a perder o casamento.

Estão admirados? Pois o *Pirralho* quasi desmanchou o casamento com a pequena.

O caso foi assim: a velha, quando abraçava o *Pirralho*, segredou-lhe: — Olhe, a miss Jenny está ali. — Miss Jenny? interrogou o *Pirralho*. — Ella mesma! — Qual é? — E' aquella. E apontou para uma cigana. — Impossivel! Miss Jenny é loura e as louras não podem mudar a cor dos cabellos como as morenas. — Como você é ingenuo! Miss Jenny é morena.

Tamanha fôra a commoção do *Pirralho*, que caíra dos braços da velha. Ver a cigana e correr para ella, foi obra de um momento, como diz o outro.

A pequena, assim que viu o *Pirralho* a conversar com a cigana e a fazer-lhe festinhas com o lança-perfume, largou a chorar que foi um escandalo. A sogra carregou-a para dentro e o *Pirralho* ficou brincando com a cigana.

Era, de facto, miss Jenny. Imaginem como o *Pirralho* estava na quarta-feira de Cinzas! Dansára a noite inteirinha com a encantadora miss Jenny.

E a pequena?

Veio buscar o *Pirralho* para ir com a Igreja tomar cinzas. — Este mundo...

Agora, está o *Pirralho* com duas noivas: a pequena (é inescusavel) e miss Jenny, a quem não chama de pequena, porque ella é bem grande... Como é que o *Pirralho* faz?

Figura 2 – 24/02/1912, número 29, p. 9

Além disso, o periódico foi uma vitrine publicitária, fato esse tão recente nesses anos iniciais do século XX. A inserção da publicidade nos periódicos é importante, pois além de ser sinônimo de desenvolvimento econômico e social, permite o desenho do

cenário e os valores da época. Sem contar que os anúncios são uma importante fonte de sustentação das publicações.

Junte-se a isso as ações de marketing lançadas pela revista, fundamentais para mantê-lo conhecido junto ao público: *O Pirralho oferece quarta-feira um pic-nic aos pirralhos que gritarem mais O Pirralho pelas ruas* (*O Pirralho*, 12/8/1911, número 1, p. 10). Era preciso usar de certas estratégias para garantir a parceria e, principalmente, a fidelidade dos moleques vendedores de jornais. Sem contar com as inúmeras formas inventadas pela revista para garantir a assinatura de seus leitores. Valia de tudo, inclusive, a bizarrice.

SENSACIONAL!!

Os premios do "Pirralho" evoluíram

Uma vacca amarella viva

Ao assignante que a sorte apontar

Apenas distribuido o ultimo numero, o *Pirralho* se viu aggreddido por mais de quarenta e cinco reclamações. Premios, em dinheiro, isso era imitação. Melhor seria dar um album. Quinhentos mil reis era ridiculo. Não tinha graça. Dava caipóra.

Este ultimo argumento esfriou o *Pirralho* na sua magnifica resolução. Foi então que, a respeito de um palpite, para segunda-feira, lhe veio á lembrança offerecer aos seus leitores o sorteio de uma vacca viva e amarélla.

Sem hesitações nem litteratura, o *Pirralho* percorreu os estabulos mais chics da nossa capital e já adquiriu a sua vacca Amarélla.

A Vacca Amarella, premio magnifico do valor de 1:000\$000 (fóra os juro-leite e bezeros que forem nascendo) sahirá em passeata de exhibição pelo triangulo ás quartas e aos sabbados até ser sorteada.

Viva o *Pirralho* !! Viva a Vacca Amarélla !

Figura 3 - 28/12/1912, número 72, p. 22

É possível dizer que *O Pirralho* subvertia a ordem e o rigor preconizados? Sim, de certa forma. A experiência anterior de Oswald de Andrade como jornalista e redator

do jornal paulistano *Diário Popular* foi fundamental no sentido de traçar a tênue linha por onde o periódico deveria trafegar, portanto, o jovem jornalista sabia que um conteúdo demasiadamente hostil colocaria *O Pirralho* no patamar das pequenas folhas amadoras, de circulação incerta ou fora do circuito. A heterogeneidade d'*O Pirralho* é, talvez, um elemento que ajuda a explicar sua longevidade, pois mesmo estabelecido o limite, o periódico lançou bravatas e arrebanhou inimigos. A reunião de colaboradores e redatores (sem contar a constante rotatividade deles) distintos em valores, opiniões e posturas é *sui generis*.

“O PIRRALHO”

As revistas, que de quando em quando surgem em S. Paulo, têm vivido apenas a ephemeridade duns mezes, a duração passa-geira d’alguns numeros editados aos trambolhões.

Só os que estão affeitos á vida jornalística, podem aquilatar dos mil embaraços que se antepõem á marcha evolutiva dum semanario caricato.

E’ uma luçia sem treguas, é um desdobramento incessante de todas as actividades, um afanoso bracejar através mil barreiras e mil escolhos, e, as mais das vezes, vêm rematar os nossos esforços desesperados, o desapontamento do insucesso, e a morte ingloria da revista.

No entanto, é um orgulho bem intimo para nós, e uma alegria muito consoladora para com o nosso labutar, a acceitação franca e agasalhadora que tem obtido o “Pirralho”.

Em nosso anno de existencia, entremeados de vicissitudes e de arduos trabalhos, só temos a contar victoria, pelo incremento prodigioso de nossa revista. Vamos, portanto, começar um anno novo, encorajados e esperançosos, na anciosa expectativa de triumpharmos e de fazermos triumphar também nossas idéas.

E para aquelles que quizerem tomar um anno de assignatura, aqui estampamos este coupon que deve nos chegar acompanhado da importancia num vale postal, ou ser paga na redacção.

A’ Redacção do “O Pirralho”

TELEPHONE N.º 1672. Rua 15 de Novembro, 50 B.

SÃO PAULO

Nome

Residência

Cidade

Um anno da assignatura 10\$000

Figura 4 – 16/12/1911, número 19, p. 14

Era comum numa mesma edição encontrar opiniões divergentes acerca do mesmo assunto, por exemplo: enquanto a visita de Olavo Bilac à cidade de São Paulo

era celebrada e enaltecida no editorial d'O *Pirralho*, páginas depois via-se o Juó Bananére parafraseando o trabalho do poeta parnasiano conferindo-lhe, no dialeto macarrônico, um sentido absolutamente cômico.

E mesmo com o risco de sofrer represálias, a equipe d'O *Pirralho* não perdia a oportunidade de, até nessa hora, fazer piada: *Pelos artigos ou piadas de critica severa e justa responsabilisa-se exclusivamente o nosso musculoso companheiro de trabalho J. Correa* (O *Pirralho*, 12/8/1911, número 1, p. 4). No segundo número (19/8/1911), na página 5, há o destaque para recepção do periódico na imprensa paulistana. Ouso, mais uma vez, interpretar esse episódio como um ato de pura vaidade e acredito que a confiança no sucesso da publicação era unânime entre todos os envolvidos. No fundo, dá até para imaginar o regozijo da trupe “pirralhiana”, a começar por seu fundador, ao estampar nas páginas da revista as manifestações dos colegas da imprensa acerca da estreia (e isso reverberou por mais algumas edições). O *Pirralho* já nasce famoso e conhecido:

Como fomos recebidos:

Pelo Estado de São Paulo:

O Pirralho, n. 1, anno I.

Appareceu hontem, como estava annuciado. Muitos desenhos de Voltolino versos dos srs. Affonso Celso, Octavio Augusto e Cornelio Pires, muitos artigos e notas mais ou menos pilhericas. Dá também os retratos de Mascagni e Mimi Aguglia, com dedicatorias ao novo semanario, que os escolheu como padrinhos.

Pelo Commercio:

Será distribuido hoje, nesta capital, o primeiro número d'O Pirralho.

O leitor já deve saber o que é o Pirralho, pois o Commercio já mais de uma vez se referiu a esse interessante semanario, que conta com eccellente collaboração.

O Pirralho é uma revista critica e humoristica, muito espirituosa e... inoffensiva.

Bole com todo o mundo, troça com este ou aquelle individuo, mas tudo isso fal-o em termos, sem maguar a quem quer que seja.

Pelo Fanfulla:

O Pirralho. Numero “monstre”: una vera rivista satirico-humoristica, illustrata da Voltolino e scritta argutamente da diversi collaboratori.

Al “Pirralho” che nacque l’altro ieri, auguriamo vita lunga, prospera e feconda.

Pelo Diário Popular:

(...) Assim, o “Pirralho” já nasceu fazendo politica, tem o seu candidato á presidencia do Estado, xinga cousas de arte, mette os butes em material theatral, occupa-se dos grandes factos internacionaes... Ora, um petiz destes é uma promessa.

Pela Gazeta:

(...) A caricatura é de Voltolino, que rouba, em bôa hora, todo o espaço á photographia, só

representada nesta primeira edição, pelos “portraits” de Pietro Mascagni e Mimi Aguglia. (*O Pirralho*, 19/8/1911, número 2, p.5).

No geral, é possível perceber que os colegas jornalistas saúdam e comentam o semanário pela verve humorística e, até mesmo, inofensiva. O mote é a piada, o riso e a caricatura. A nota do *Diário Popular* dá, inclusive, uma definição muito clara a esse respeito ao salientar que, mesmo nos assuntos mais sérios do cotidiano (política, assuntos internacionais e cultura, por exemplo), o tom é de deboche e galhofa. O *Commercio* reforça a opinião dos demais e declara, inclusive, que *O Pirralho* é uma revista *inofensiva*...

Figura 5 - 18/05/1912, número 41, detalhe capa

A primeira impressão é que não haverá seriedade (pelo menos não totalmente) e nisso os indicadores estão corretos mesmo em seus precoces julgamentos. De fato,

não haverá a mesma seriedade vigente, mas sim uma maneira nova e peculiar de desconstruir o caráter sisudo, grave e formal dos noticiários da época.

É provável que o sucesso do semanário junto ao público deva-se exatamente a isso: a popularização da linguagem jornalística, tornando-a coloquial, ágil e, porque não dizer, eficiente.

CAPÍTULO 2 - UM “SEMANARIO ILLUSTRADO D’ IMPORTANCIA EVIDENTE”

Lustrissimo signore redatore!
Má che nome furo encontra – O Pirralho.
Nun posso né scrivê uma linha já tenho di dá risada porcasa
exclusivamente do nome do Pirralho.
Ma isso num é nome – Pirralho.
Nome é Fanfulla, Stado, Curéo, també Lustraçó Paolista, donde é
redatore o Capalunga.
Inveis io gostei muito do Pirralho – ma que nome! tenho sempre que
ri chi né o bobo!
 (Annibale Scipione em *O Pirralho* de 19/08/1911)

Enquanto no capítulo I procurei situar *O Pirralho* a partir de uma análise contextualizada do período em que foi lançado, agora no segundo capítulo pretendo apresentá-lo, de forma a explorar mais detalhadamente a estrutura da revista, no sentido de demonstrar a forma como a vida civilizada era expressa por suas páginas.

O Pirralho circulou de agosto de 1911 a fevereiro de 1918, num total de 248 números. Ao longo desse tempo, a revista passou por muitas direções e teve uma rotatividade grande de colaboradores. E, apesar das mudanças na linha editorial (inclusive no projeto gráfico) que essa situação ocasionou, curiosamente, *O Pirralho* manteve, durante a sua existência, o mote que o tornou tão peculiar: a irreverência e o humor. Isto é dito não só a título de esclarecimento, como também para informar que na impossibilidade de apresentá-lo número a número, optei por escolher alguns exemplares – e, mais precisamente, algumas partes presentes ali – a fim de analisá-los descritivamente; o critério de escolha se baseou justamente no grau de representatividade, ou seja, foram eleitos os números em que a variedade de elementos singulares são mais facilmente encontrados. Portanto, não foi uma escolha aleatória. Contudo, cabe observar que só foi aberta uma exceção para as ilustrações e, ainda assim árdua foi a tarefa de organizar uma seleção de imagens diante de um material tão extenso e profícuo.

A heterogeneidade presente na revista (em todos os seus aspectos), que, a princípio, e durante a feitura desta pesquisa, me fez refletir muitas e muitas vezes sobre a melhor forma de explicá-la, tornou-se neste momento de grande valia, pois a falta de uma composição uniforme e uma temática regular, permitirá a exposição de uma variedade maior de elementos. Veja, não quero dizer com isso que a revista não se manteve coerente, ao contrário. Percebi que é justamente na falta de uma regularidade editorial que se encontra a síntese e, talvez, aquela que é a melhor definição d’*O Pirralho*. Colunas e seções deixam, subitamente, de existir e reaparecem

tempos depois, com outros nomes, outros redatores e, portanto, outros estilos. Junte-se a isso as novidades que também permeiam as páginas do periódico, sempre em sintonia com os acontecimentos e, principalmente, com os novos hábitos e costumes da metrópole.

Figura 6 - 27/07/1912, número 51, p. 11

Mudanças aconteceram ao sabor do tempo e afinadas não só com as transformações da cidade, mas também com aquelas ocorridas dentro da redação. Mas, ainda assim, com todas essas oscilações, *O Pirralho* não perdeu o fio condutor, o propósito, a intenção. Por isso, acredito que elencar e, principalmente, analisar sua linha editorial – seções, colunas, crônicas e ilustrações presentes nos exemplares da revista – ajudará a entender seu papel de iconoclasta. Afinal, “O ‘Pirralho’ que sabe dizer a verdade sem rebuços ha de contar coisas muito interessantes. Ha por ahi muita igreja que está precisando ser derrubada” (*O Pirralho*, 12/8/1911, número 1, p.10).

Com distribuição aos sábados, *O Pirralho* foi, durante boa parte de sua existência, de circulação semanal. Entretanto, ao longo do fichamento de suas edições constatei que essa continuidade não permaneceu até o fim, pois a partir do número 201 (4/9/1915) os editores anunciam que *O Pirralho* passará a circular quinzenalmente, o que também acabou por não acontecer visto que, a partir daí, as edições começaram a falhar, às vezes circulando mensalmente¹³. Mais uma vez aponto como justificativa o fato de que a redação da revista passou por várias direções, gerando adequações entre uma gestão e outra, o que explica muito bem os atrasos no fechamento das edições; o próprio Oswald de Andrade teve uma trajetória bastante inconstante dentro d'*O Pirralho*: foi o fundador, diretor, redator, colaborador e correspondente internacional. Alguns meses após a estreia, o jovem arrenda provisoriamente a revista e parte para a sua primeira viagem à Europa. Ao voltar para

¹³ Por conta disso, optei por não mais me referir ao periódico apenas como um semanário e passei a adotar os termos revista e/ou publicação.

o Brasil retoma a direção do periódico, mas segue desligando-se vez ou outra, embora sempre contribuindo direta ou indiretamente.

Figura 7 - Logotipo de capa d'O Pirralho

De diagramação cuidadosa, em papel couché, e numa média de vinte e cinco páginas, a estrutura d'O Pirralho estava disposta por seus editoriais de abertura, discorrendo sempre acerca de algum acontecimento do momento (política nacional e estrangeira, economia, situações cotidianas, personalidades ilustres etc.), seguindo-se das seções de literatura, poesia, crônicas, cinema, teatro, artes, moda, colonismo social, esporte e fatos cotidianos. Utilizando fartamente os recursos visuais, o periódico é recheado de ilustrações, caricaturas, fotografias e ornamentos em *art nouveau*.

Antes do miolo havia a capa ilustrada e colorida (aliás, é a única parte da revista impressa em duas ou mais cores, sendo o restante em preto e branco). O mote da maioria das capas foi, sem dúvida a política nacional. O achincalhamento contava com a criatividade e o humor do artista Voltolino; suas caricaturas conferiam contornos burlescos aos personagens políticos da Primeira República brasileira. E uma coisa é fato: o Marechal Hermes da Fonseca¹⁴ foi o personagem campeão das capas d'O Pirralho, não lhe faltando zombarias acerca de sua estada no governo.

Logo após a capa, há a presença dos anunciantes, vitais para a manutenção da revista. Esses preenchem totalmente as primeiras e últimas páginas d'O Pirralho, além de uma ou outra propaganda distribuída internamente. A equação é bem simples: uma população ansiosa por consumir, comerciantes buscando expandir a

¹⁴ O Marechal Hermes da Fonseca foi eleito Presidente do Brasil (1910-1914), concorrendo com Rui Barbosa. Esse período é marcado pela Campanha Civilista, encabeçada por este último, que visava combater a eleição de militares à presidência. Foi a primeira vez na história da recente República que um candidato de oposição obteve uma votação expressiva. Para maiores detalhes consultar Boris Fausto (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Vol. 9. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

divulgação e comercialização de seus produtos e, por fim, a imprensa escrita, espaço privilegiado e que muito se beneficiaria de ações publicitárias:

Na metrópole em formação, fabricantes e comerciantes, agentes de um mercado em acelerado desenvolvimento, encontram nos reclames o espaço de visibilidade para seus produtos e serviços. A então frágil imprensa tipográfica, ávida por esquemas financeiros de sustentação, incorpora de braços abertos as novas formas de propaganda. A partir desse momento, estabelece-se um movimento de mão dupla entre a linguagem das mercadorias e a cultura impressa (CRUZ, 2000, p. 153).

Figura 8 – 18/01/1913, número 74, p.6

Muito diversificados, esses anúncios veiculavam os costumes da época por meio de uma linguagem que procurava identificação com o público leitor. Além disso, a contribuição dos artistas foi intensa no desenho publicitário, resultando em anúncios muito criativos e originais.

Figura 9 – 01/02/1913, número 76, p.30

Figura 10 – 02/11/1912, número 64, p. 15

Quanto à tiragem d'*O Pirralho* é difícil determinar considerando que não consegui encontrar nenhum documento que tenha procedido esse levantamento. Entretanto, por meio do fichamento de seus números, me deparei com uma informação bastante relevante nesse sentido. A edição de número 20, de 23 de dezembro de 1911, esclarece que *O Pirralho* começou com uma tiragem inicial de 12.200 exemplares, alcançando até aquele momento algo em torno de 25.000 exemplares.

Porém, e na sequência, a redação anuncia que voltará a “*misera tiragem de 12.200, como antigamente*” (p. 20). Como tudo n’*O Pirralho* tem o tom de ironia e deboche, cabe aqui colocar um certo questionamento no que diz respeito a essa informação, visto que o contexto da nota está inserida numa seção que trata de um concurso lançado pela revista para eleger a moça mais bonita e o rapaz mais talentoso da cidade de São Paulo. O aumento da tiragem certamente se deve a participação dos leitores que votavam e acompanhavam a enquete, daí o aumento significativo. Tanto é que nessa mesma nota, a redação lamenta amarguradamente (pura dissimulação) o final do concurso que resultará na queda das vendas. Por isso, vale ressaltar que esse é um fato isolado, que aqui contribui apenas para conjecturar acerca da tiragem.

XXVII-VII-XII

Número 51

Custa \$200

Para o cabelo a Succulina

A degradingolada

HERNANDES: Se vocês se demitem, largo esta "joça" também.

em _____
= São Paulo

Figura 11 - 27/07/1912, número 51, capa

E, por fim, o logotipo d'O *Pirralho*: a primeira impressão que se tem é que o nome da revista faz alusão a uma figura muito costumeira nas ruas daquele tempo: o moleque vendedor de jornais. No entanto, a estilização do pequeno jornaleiro vai além da referência ou uma possível homenagem. Acredito que o significado está, sobretudo, no caráter simbólico, visto que ele era parte integrante da redação:

A imagem romântica do menino das ruas da cidade, que andava a vender jornais, imagem familiar aos caricaturistas do século XIX, será o ponto de partida de um novo órgão satírico da imprensa paulista. Cedo, o pirralho se mostrará jovem que sabe mais que os velhos, tirando proveito do sentido desta inversão. Logo se perceberá que ele não é o pequeno jornaleiro, mas o provocador jornalista, porta-voz da revista de literatura e arte *O Pirralho*. Na publicação, que guarda o clima do ambiente paulista das primeiras décadas – entre a crônica mundana, o comentário político e a atenção dedicada aos aspectos da vida artística e cultural –, em meio ao velho começa a surgir o novo (BELLUZZO, 1992, p. 39).

O repórter mais participante e combativo da revista, que se sobressaia justamente por reunir os aspectos mais comuns à infância: um moleque traquinas, caçador e curioso. Reunidas tais características, quem melhor que o pirralho para circular em todos os lugares da cidade? Nas ruas, casas, salões, teatros, cinemas, festejos, palanques, jogos de *football*, enfim. Lá estava ele, de olhos e ouvidos em tudo e todos

2.1 CELEBRAÇÃO DA VIDA CIVILIZADA

Nada resta da São Paulo provinciana e a cidade do início do século XX já estava alçada à categoria de metrópole. São Paulo incorpora os novos modos de socialização e a população tem à disposição os teatros, os cinemas, os passeios públicos, os salões, as festas, os espetáculos musicais e a prática de esportes ao ar livre, novos hábitos tão ensejados pela modernidade. A imagem de uma São Paulo moderna e civilizada vai sendo construída, alimentada e enaltecida por todos. Mais uma vez aponto para o fato de que São Paulo e Rio de Janeiro, por meio de suas elites, tinham verdadeira fixação pela Europa, portanto, o nosso “civilizar” estava intrinsicamente ligado a adoção de tudo o que fosse oriundo do velho mundo.

Figura 12 - 01/11/1913, número 115, p. 6

A imprensa tornou-se uma grande vitrine na divulgação dessa nova maneira de viver. Tanto no sentido de propagar como também para cobrar das autoridades locais a rápida urbanização da cidade e a implantação dos mesmos avanços que se verificavam na Europa. Dito de outra forma, a comparação traduzia um profundo sentimento de inferioridade, por isso a necessidade de se igualar com os ideais de modernidade e civilização, tentando reproduzir no país os cenários e situações tipicamente europeus.

No Jardim da Acclimação

Pic-Nic organizado por Madame...

Figura 13 - 28/03/1914, número 136, p. 8

O número 3 (26/08/1911) da revista pode muito bem exemplificar isso. Na coluna sob o nome de *O Pirralho Chic – A Vida Mundana*, Jayme da Gama

(pseudônimo de algum colaborador) discorre acerca dos fatos corriqueiros da cidade: fala da chegada da primavera “que muito pouco fica a dever às suas congêneres européas”, porém no que diz respeito aos passeios, a cidade ainda não oferece a menor estrutura, pois as ruas não contam com asfalto e o pó “envolve carros e automóveis, cega, suja, incomoda, irrita” (*O Pirralho*, 26/08/1911, número 3, p. 7).

A revista investiu pesadamente na demonstração da vida mundana, não economizando nos detalhes. Por trás das colunas sociais, críticas teatrais e de cinema, espaços dedicados à moda e ao esporte, os concursos, entre outros, há o retrato de uma nova forma de organização social, com a valorização de hábitos e costumes ligados à modernidade.

A informação precisava de pouco espaço; era ela, e não o editorial político nem o romance-folhetim, que proporcionava ao jornal o aspecto a cada dia novo e inteligentemente variado da paginação, no qual residia uma parte de seu encanto. Precisava ser constantemente renovada: mexericos urbanos, intrigas do meio teatral e mesmo “curiosidades” constituíam suas fontes prediletas (BENJAMIN, 1997, p. 24).

O relato do mundanismo transparece, inclusive, numa nova maneira de narrar esses acontecimentos, isto é, a linguagem ganha outros contornos, mais coloquial, mais próxima do cotidiano da cidade. Não há mais espaço para o rebuscamento e para os formalismos. É preciso também conquistar novos espaços e novos leitores. Dito de outra forma, as revistas, folhetins e almanaques – entre as quais se encaixa *O Pirralho* – não tinham o mesmo compromisso com a informação dos jornais diários, ao contrário, podiam escolher livremente seus temas e, principalmente, dispensar um tratamento único sobre eles.

O PIRRALHO

JUNTO REMETTO A ESSA REDACÇÃO 10\$000, IMPORTANCIA DA MINHA ASSIGNATURA PARA 1913

NOME _____

RESIDENCIA _____

O PIRRALHO

é o jornal das moças,
porque é o jornal do concurso de beleza e das reportagens e instantaneos chics.

O PIRRALHO

é o jornal dos moços, porque é o jornal das moças. Além d'isso publica indiscreções da academia, dos salões e dos Cinemas.

O PIRRALHO

é o jornal dos SPORTSMEN, porque esta reorganizando excellente reportagem de sport, turf, patinação e regatas, com photographias.

O PIRRALHO

é o jornal aconselhado pelos medicos nas doenças do figado, pois que faz rir tres horas por 300 réis apenas.

O PIRRALHO

é o jornal dos pirralhos por causa do colleguismo.

O PIRRALHO

é o jornal dos vaqueiros, porque distribue vacca aos assignantes.

O PIRRALHO

Redacção: R. 15 de Nopembro, 50-B

Caixa Postal, 1026—S. PAULO

Figura 14 – 25/01/1913, número 75, p. 26

2.2 DIGA-ME COM QUEM ANDAS... (E, PRINCIPALMENTE, O QUE FAZES)

N'O *Pirralho*, as notas sociais foram tomando espaço, tornando-se mais abrangentes com o passar do tempo e, por meio delas, encontramos o relato bem humorado da recém instaurada vida social paulistana. O desejo de civilização que

estava no imaginário de todos resultava numa miscelânea de comentários sobre as novas tendências na moda, as festas, seus convivas, as personalidades ilustres de passagem pela cidade, os bailes, a inauguração de espaços requintados, os cinemas, espetáculos teatrais e musicais, a literatura em voga, enfim, os luxos e novos hábitos da cidade em plena formação.

Um grupo chic posando para O Pirralho.

Um grupo chic posando para O Pirralho
Figura 15 - 01/02/1913, número 76, p. 14

Os colaboradores da revista não hesitavam em descrever detalhadamente os pormenores de algum evento do qual haviam participado. É possível conjecturar que esses relatos encontravam enorme receptividade junto ao público, já que, como foi dito anteriormente, esse tipo de informação ocupava uma parte considerável da revista e destinava-se única e exclusivamente a descrever a rotina da elite. Era uma maneira da população mais simples ter acesso ao interior da vida burguesa (aspecto que permanece até os dias atuais, vide a infinidade de periódicos específicos no assunto). Ironicamente aqueles que escreviam sobre tais acontecimentos faziam parte desse grupo, isto é, eram jovens oriundos de famílias ricas ou então, eram aqueles não tão abastados, mas aceitos nesses círculos de relações, por onde transitavam com livre acesso. Enfim, debochavam de si próprios.

NOTA MUNDANA

Boa, magnífica mesmo, a recepção que madame Silveira, digna esposa do sr. Francisco Silveira, socio da Companhia Prado Chaves, deu, a 31, às pessoas de sua amizade. O Pirralho esteve presente e, apesar de ter chegado às duas horas da noite, divertiu-se a faltar: dansou com as meninas mais chics, ceou bem, entrou no champagne, recebeu confidencias de suas amiguinhas, deu-lhes conselhos, e, às sete da manhã – vejam que horas! – depois de terminado o baile, é que saíu, não indo para casa sinão depois de ter ouvido primeiro a sua missa: o Pirralho é religioso.

(O Pirralho, 04/01/1913, número 73, p.20)

Observe que o repórter que comparece à festa é o “pirralho”, circulando com desenvoltura e familiaridade pela casa de Francisco Silveira que, segundo a nota, é sócio de Elias Chaves que, por sua vez, é cunhado do conselheiro Antônio Prado, o primeiro prefeito da cidade e membro de uma das famílias mais ricas e tradicionais do estado de São Paulo.

O colunismo social praticado pelo O Pirralho foi conduzido por meio de uma linguagem absolutamente informal; a prosa leve e divertida dos mexericos é revestimento para a zombaria; já o achincalhamento gratuito, este sim, era usado diretamente para desqualificar e ridicularizar quem quer que fosse. É importante ressaltar que seções desse gênero surgiam e desapareciam no decorrer dos números, embora, mantiveram-se basicamente iguais no conteúdo, ainda que mudassem de título.

NO TRINQUE

Vimos hontem no largo do Rosario: o Dr. Fausto Ferraz empunhando uma bandeira, de acordo com o 8º mandamento do Apostolado Silva Jardim; o Snr. Numa de Oliveira com um lindo alfinete na gravata representando a casa five ó clock tea isto é, o teatro municipal; O Snr. Pedroso, da Limpeza Publica, com umas calças cor de poeira da rua; o Snr. tenente Guilherme Prates passou ventando n'um automovel, vestido de principe de opereta; o capitão Alencar Piedade passou teso como si tivesse engulido bambú; o Snr. Conde de Prates fardado de coronel comandante da Briosia; o mestre Brotero com umas anquinhas á Pompadour; o sisudo e familiar Dr. Eduardo Fontes carregando um berço de criança; o Dr. Sebastião Pereira com um embrulho de empadas mas sem empadas e outros.

(O Pirralho, 16/12/1911, número 19, p.4)

A nota é assinada por Chico Patrulha, pseudônimo adotado por algum colaborador do semanário (podendo ser até o próprio Oswald), e discorre sobre a circulação de figuras proeminentes da sociedade paulistana num dia qualquer. Atente-

se para o sobrenome Patrulha, na clara evidência de que esses senhores foram “patrulhados”. Basta observar como é curiosa a ironia dispensada ao *five o'clock tea* do Teatro Municipal. Recém-inaugurado, o Municipal foi projetado nos moldes da Ópera de Paris a fim de atender as necessidades sociais e culturais da burguesia paulista. A noite da inauguração movimentou a cidade:

Chegou a noite da inauguração, com Tita Rufo. Tínhamos encomendado o “laudau” para às oito e meia. (...) Quando fomos entrando pela Rua Barão de Itapetininga, tudo parou. Os carros chegavam ao Municipal por tôdas as direções. (...) Atingimos a Praça da República às 8,30 e o Municipal às 10,15, no começo do segundo ato. Mas ninguém teve a iniciativa de descer e seguir a pé. Seria escandaloso. (...) No segundo intervalo passeava-se no “foyer”. (...) Tudo como em Londres ou Paris, vejam-se os quadros de Renoir, do fim do século (AMERICANO, 1957, p. 329-30).

O relato de Jorge Americano é duplamente interessante, pois além de mostrar a movimentação pela ocasião da inauguração, também evidencia a rigidez dos padrões de comportamento e suas regras de conduta devidamente respeitadas. A redação d'O *Pirralho*, durante algum tempo, irá se referir ao Municipal como o “elefante branco” da cidade, já que a ausência de uma programação permanente de espetáculos musicais e teatrais fez com que o local fosse aberto para o chá da tarde (e posteriormente para bailes e banquetes).

Mas para além do tom caçoador, essa mesma nota é um excelente exemplo de um recurso amplamente utilizado pela revista: o *nonsense* (berço de bebê, pacote de empadas sem empadas, roupa de príncipe de opereta, anquinhas à Pompadour etc.). Ao esmiuçar o cotidiano da cidade e seus moradores mais ilustres, a partir de uma linguagem sem sentido e coerência, com situações ilógicas e irreais, a revista subverte a ordem e os valores oficiais. Temos aí uma nova maneira de informar e, principalmente, tratar da vida nacional nas suas mais diversas formas e manifestações.

Figura 16 – 30/05/1914, número 145, p. 15

De certa forma, é possível colocar *O Pirralho* como um transgressor da moral e das boas maneiras, mas, ao mesmo tempo, está atento a quebra dos valores tradicionais, inclusive expondo publicamente os descuidados, papel que representa muitíssimo bem, com humor, deboche e sarcasmo. O curioso é que a adoção dessa postura parece ser menos em função do apego à tradição e mais decorrente da intenção de debochar de tudo e de todos. A maior expressão disso está no tom picante e indiscreto com que explorava a vida de homens e mulheres da sociedade paulistana, por meio de notas que relatavam os flertes, namoricos, insinuações sobre

supostas traições, comportamentos comprometedores, enfim, todo o tipo de situação pelas quais um atento jornalista d'O *Pirralho* ganha o dia por estar de olhos e ouvidos bem atentos.

Figura 17 – 27/07/1912, número 51, p. 19

Esse tipo de informação, engraçada e aparentemente sem consequências, é relevante por mostrar um certo clima de ambiguidade, visto que a quebra nos costumes e hábitos tradicionais não aconteceu rapidamente, isto é, as novas regras de conduta social (mais liberais e menos restritivas) demoraram um certo tempo para serem assimiladas pela sociedade. Ainda imperava uma certa moral e decoro no comportamento, principalmente no que diz respeito às mulheres.

CORTANDO

Aquelle sorriso indiscreto que Mlle. M. V. C. atirou a Mr. ... domingo no Velodromo entristeceu sua amiguinha e companheira do Skating. Saiba Mlle. que isto fez transparecer toda a volubildade do seu coração. E si aquella esbelto carioca soubesse do velho juramento que Mlle. lh'o fizera numa encantadora tarde de sport e em que ele chorando agruras indefiníveis confessou-lhe todo o seu amor! ...?...

O crepúsculo d'aquelle dia e a figura indiscreta de Cortando foram as testemunhas fiéis de um dialogo enternecedor e apaixonado! ...

O Tennis ! ... O Tennis ! ...

(O Pirralho, 18/07/1914, número 151, p. 10)

Na nota acima, o colunista alfineta o comportamento volúvel de uma senhorita, que apesar de comprometida com o “esbelto carioca”, flertou abertamente com um outro rapaz. Apesar do tom zombeteiro, essas notas tornaram-se um problema e um tormento para as vítimas submetidas à vigília atenta d'O *Pirralho*. Ora, mesmo com o

status de metrópole, a cidade de São Paulo não era tão grande e, por conta disso, torna-se relativamente fácil identificar algumas dessas pessoas por meio dos métodos, nada ortodoxos, adotados pela revista (as iniciais do nome ou o bairro onde residem). Proposital ou não, o fato é que a revista não se deixou intimidar por conta das críticas e ameaças que recebeu, reagindo com cinismo e humor:

Que revelações posso fazer, quando o preconceito descabido, me tolhe todos os direitos? Si digo que Mlle. namora, que flirta, que concede rende-vouz, no dia seguinte recebo uma serie de cartas anonymas ameaçadoras. Quando surpreendo embora seja tão comum, beijos que pedem beijos e que ocultando as iniciaes de Mlle. ou de Monsieur, indico apenas o bairro onde residem, os interessados, na maioria sempre complacentes, mandam-me dizer que se tocar mais no nome de fulana ou beltrana, tiram-me as costelas, deixam-me sem a massa encephalica, arrancam-me os dentes, embora eu já os tenha tão poucos. Si conto que madame gosta de namorar, ou porque o seu marido lhe seja falso ou porque ele goste da fazenda, logo dizem que sou indiscreto, e que isso não passa de uma pornographia. Que posso dizer?
(O Pirralho, 11/04/1914, número 138, p. 12)

Nesse ponto, é interessante fazer uma observação acerca dos pseudônimos, algo comum na imprensa da época. N'O *Pirralho*, o uso de tal recurso era muito frequente, principalmente, no que diz respeito aos comentários sobre a vida mundana e política. É fácil deduzir que o tom irreverente e debochado usado pela revista eventualmente poderia acarretar problemas, portanto, recorrer ao uso de apelidos constituía uma maneira de se proteger. Acredito também em outro motivo: os colaboradores ao assinarem seus textos com pseudônimos procuravam assim se eximir de qualquer responsabilidade. Ora, é a oportunidade de separar o homem das "letras oficiais", regulado pelas normas e padrões oficiais daquele que pode se expressar abertamente sobre qualquer coisa ou alguém, podendo, inclusive, criar atritos e polêmicas sem manchar sua reputação.

Mas para além das observações inconvenientes acerca do *high society* paulistano, a revista possuía outras colunas que revelavam práticas muito recentes naquele início de século: a moda e o esporte.

Os comentários acerca da moda e suas tendências eram tratados com especial cuidado, tal qual um guia. Fartamente ilustrado e, posteriormente, recheado com fotografias, as colunas dedicadas ao tema evidenciavam um período pleno de inovações no vestuário, principalmente o feminino.

As nossas lindas patricias, têm em geral, umas tantas preferencias por certos e determinados modelos de "toilette". Quer isto dizer que ellas, individualmente, pôdem realisar, pela graça das suas roupas, uma perfeita elegancia. Mas, vistas em conjunto, a sua elegancia fica destituida de suggestão e de graça. E isto se dá porque as moças paulistas, mal aconselhadas por suas costureiras, ou talvez porque, ao pôr á prova o seu gosto na escolha de um modelo, receiam forçar excessivamente a nota da moda, se contentam de vestir-se de accordo com o medelo recentemente vulgarisado. Não raro, quando uma senhora vae ao "atelier" da sua costureira para escolher um certo typo de "toilette", a costureira, ao mostrar-lhe as variedades de figurinos, já aponta aquelle que deve ser preferido, aconselhando-lhe a adopção; e procura justificar o seu conselho citando os nomes das clientes elegantes que o adoptaram. A cliente, por timidez, ou porque confia mais no gosto alheio que no proprio, submete-se. O resultado é o que se vê. A maior parte das senhoras elegantes que se mos-

tram no theatro ou em reuniões chics, têm uma certa uniformidade na linha geral da "toilette". O uniforme, em questões de moda, é sempre negativo. Fora da variedade não, ha beileza.

Raras são as moças que se arriçam a um certo modelo audacioso. Ah! a audacia, quando é tentada com intelligencia e intenção, é sempre suggestiva. Uma "toilette" audaciosa, mas de bom gosto, é sempre interessante e tem sempre um destaque de excepção.

Chamo a attenção das minhas leitoras para o modelo que illustra esta pagina. O conjunto é o que se pôde desejar de mais gracioso. Ha, talvez, um pouco de audacia fina na forma do chapéo, de cuja aba anterior sae uma longa fita de velludo negro, que deve ser atirada, um pouco ao acaso, sobre o hombro. Essa "toilette" é em «shantung», sem nenhuma guarnição, composta de um "corsage" chato, cerrado em cintura, ao qual se vem prender a saia "fou- cée". As mangas são de musselina.

Yvonne Roy

EXPEDIENTE

A contar deste numero, "O Pirralho" circulará quinzenalmente, em obediencia ao que deliberou a redacção, de que fazem parte, como Director e Secretario, respectivamente os srs. A. Lima Vieira e Lamartine F. Mendes.

Casa Amancio

AGENCIA DE LOTERIAS

- F. Rocha & Cia. -

Rua General Carneiro, 1

En frente aos Correios

Caixa do Correio, 176 — Telephone, 797

— SÃO PAULO —

Figura 18 - 1ª quinzena de setembro de 1917, número 243, p. 11

A urbanização da cidade pede roupas mais práticas, mais soltas; saem de cena os tecidos volumosos e os espartilhos, que tolhem o movimento. Além disso, o começo do século XX é marcado avanço dos movimentos feministas na Europa. Portanto, o guarda-roupa da mulher torna-se síntese de movimento, liberdade e emancipação:

Todo um novo estilo de vida floresce no Brasil. As mulheres saem do marasmo do lar em que viveram três longos séculos; inicia-se um culto à saúde; a ginástica; os vestidos livram-se dos espartilhos, sobem os comprimentos das saias (...) Vestidos soltos, a melindrosa toma conta dos ditames da moda: cintura baixa com enfeites laterais de veludo ou cetim, sem mangas, decotes quadrados ou em forma de U, cabelos curtos a “la garçone”, chapéus enfiados na cabeça cobrindo as sobancelhas e piteiras. (SPENGLER, 1993, p. 26).

Seguindo à risca a moda de Paris, garantia-se elegância e prestígio:

VIDA MUNDANA

Com a volta do bom tempo temos apreciado deliciosos toilettes leves, claras e vaporosas. E para as nossas encantadoras patricias, geralmente morenas, os trajes de verão assentam-lhes às mil maravilhas. A moda actual exige o contraste violento de cores. Por exemplo: um tailleur de brim branco com enfeites azues. Eis ahi. Estão em plena moda as jaquettes curtas. Para o traje de verão nada mais elegante que a simplicidade. Nada de exageros de enfeite, nada de fanfreluches. Em relação aos chapéus nada ha de fixo. Tanto se usa o chapéu de largas abas á la mousquetière como o ligeiro e singelo toquet.
(O Pirralho, 02/09/1911, número 4, p. 12).

O texto acima apresenta, além da dica de moda, dois elementos importantes. Em primeiro lugar faz uma referência à pele e aos cabelos mais claros das europeias, já que as paulistas (tropicais) são “geralmente morenas”; o outro elemento é a quantidade de expressões na língua francesa presentes no texto. Vale ressaltar que a boa educação da época exigia das famílias (as que possuíam dinheiro, claro) a proficiência da língua francesa, porque “o paulista teme o frio, viaja, e vai escaldar-se nos boulevards europeus. Que delicioso inverno São Paulo nos proporcionaria se não fôra esse exodo elegante” (O Pirralho, 22/06/1912, p. 9). Ou seja, mais do que um elemento de refinamento, o idioma é necessário para as temporadas fora do Brasil.

Paralelamente aos comentários sobre moda, havia uma seção que traçava o perfil de um indivíduo, homem ou mulher, e as características de sua aparência e

personalidade eram descritas com detalhes espirituosos. Mais uma vez, a revista usava e abusava do recurso de não revelar o nome do perfilado e cabia ao leitor descobrir a identidade da pessoa por meio das dicas.

Diferentemente das notas picantes e indiscretas, a coluna intitulada “Instantaneos” discorria, no geral, sobre a graça e a beleza das moças, no jeito de se portar e vestir (para os homens era basicamente a mesma coisa). Mas é possível encontrar um ou outro perfil mais crítico, ou seja, a descrição da pessoa era talhada em cima de suas faltas, defeitos e/ou desvios.

A moda de 1912

Figura 19 - 09/09/1911, número 5, p. 11

Curiosamente essa é a única coluna que permaneceu com o mesmo título e nos mesmos moldes durante os sete anos de existência da revista. A única mudança ocorrida é que, algumas vezes, em lugar do texto, havia a fotografia do perfilado.

Typo raro neste paiz selvagem em que vivemos: representa uma synthese internacional de preciosidades. É yankee na sua elegancia despreocupada; friamente ingleza nos seus habitos de apaixonada sports-woman; franceza na sua seductora beauté du diable etc... Alta, franzina, olhos negros a contrastar harmoniosamente com os cabelos que são loiros – a côr do ouro, a côr da pura graça “real” (sem malentendu). Brilhou no antigo CHANTECLER durante a estação de patinação no inverno do anno passado. Que prodigio! Por signal que quasi alcançou aquella cubiçado primeiro premio ... Não se recordam?

Kodak

(O Pirralho, 18/05/1912, número 41, p.10).

Chama a atenção a assinatura do perfil: Kodak. Trata-se de uma clara referência a uma marca norte-americana de máquinas fotográficas portáteis, modernas, mais leves, práticas e, principalmente, pequenas. Ou seja, o fato de facilitar o manuseio e o transporte permitiu que as pessoas comuns pudessem registrar cenas da vida cotidiana informalmente. E assim é a coluna “Instantaneos”: um registro pessoal, rápido e informal.

Figura 20 - 27/02/1915, número 176, p. 12

Outro fenômeno tipicamente moderno e que tinha seu espaço garantido n'O *Pirralho* era a prática de atividades esportivas. Mais uma vez, a influência europeia foi determinante para a introdução de diversas modalidades de esporte no país e a ação dos estrangeiros que aqui residiam acabou por firmar esse hábito. O hipismo, o remo, a natação, o atletismo, entre outros, encontraram grande repercussão na elite do país. Contudo, o futebol foi o soberano, pois difundiu-se por todas as classes sociais, visto que as práticas já mencionadas eram limitadas exclusivamente à elite do país, tendo os populares apenas como espectadores. Já o futebol era acessível a todos e podia ser jogado em quaisquer condições: “Em meados da década de 1910, o futebol institucionalizado ou não, fazia-se presente em praticamente todo o país, apropriado tanto pelas elites quanto pelo povo, estivessem eles próximos ou distantes”. (FRANZINI, 2009, p. 125).

Figura 21 - 03/10/1914, número 155, p. 17

N'O *Pirralho*, os relatos sobre a introdução das modalidades esportivas na cidade de São Paulo na maioria das vezes não eram lá muito sérios e restritos unicamente ao assunto. O jornalista responsável podia discorrer acerca de um jogo de futebol como também falar sobre a beleza das damas que assistiam a partida na arquibancada (inclusive, demorando-se mais nesses detalhes do que propriamente no jogo). No entanto, tais crônicas são de enorme importância por descreverem o interesse pelas mais variadas atividades físicas, que desde o final do século XIX já vinha estabilizando e consolidando valores tais como os cuidados com a saúde, a valorização do corpo e a probidade moral. Aliado a isso, há também o relato sobre a formação de clubes e agremiações que existem até hoje, tais como o Regatas Tietê, o Esperia, o Corinthians, o Palestra Itália (atual Palmeiras) etc.

Figura 22 - 02/02/1917, número 231, p. 14

Um outro aspecto igualmente interessante aponta que as práticas esportivas se configuravam também como eventos sociais, ou seja, um espaço para se frequentar, mesmo que só para olhar:

Aí está algo importante no desenvolvimento do esporte no Brasil: sua possibilidade de se constituir em um espetáculo, onde se podia ver e ser visto. (...) Por certo, parte de sua popularidade está ligada ao fato de ser uma diversão em uma cidade tão carente de opções dessa natureza, por tratar-se de uma atividade pública que permitia marcar as diferenças de classe. (MELO, 2009, p. 51).

AS REGATAS DE SANTOS

1. O vencedor do primeiro pareo, yole PERSEO, do Club-Esperia, tripulado pelos rowers, Eliseo Celestino, Ercole Rizziere, Alberto Cerroni, Dario Brasiliense e Domenico Fallani. 2 — O vencedor do quinto pareo, yole SÃO PAULO, do C. R. S. Paulo, tripulado pelos srs. João Cardoso, J. Carlos Krael, Augusto Brandt e Carvalho e Abelardo Luz. — Vencedor do sétimo pareo, yole CONSOR, do C. R. Tietê, tripulado pelos srs. Victor Mamede, José Amaral, Francisco Marcondes, Alcides Celso e João Guimarães.

Figura 23 - 28/12/1912, número 72, p. 16

A nota a seguir apresenta uma partida entre dois times de futebol da cidade de São Paulo: o Club Athletic Paulistano, fundado em 1900, e o São Paulo Athletic Club, fundado em 1888 por ingleses – em sua maioria engenheiros da São Paulo Railway, ferrovia que ligava o planalto paulista ao litoral – e talvez o mais antigo clube de São Paulo. Ambos tinham como sócios somente a elite da cidade. Charles Miller, por exemplo, o introdutor do futebol em São Paulo, foi atacante do São Paulo Athletic, clube do qual era sócio. O texto ressalta a importância dos ingleses no futebol, afinal foram eles os maiores propagadores do esporte pelo mundo. Prova disso é o vocabulário de jogo todo ele no idioma inglês.

Ninguém esperava por aquelle resultado, que equivale uma vitória, em toda a linha do Paulistano sobre o Athletic. Tres pontos a um: sim, senhores rapazes do Paulistano, o Pirralho jura que ficou enthusiado com os esforços de vocês. Isto sem querer torcer pois que o Pirralho também estima os ingleses que, falando a verdade, não desmerecem das suas tradições de bons foot-ballers.

O Kick-off coube aos ingleses que conseguiram levar a bola até a linha de halves do Paulistano.

- *All right, all right, exclamou ao meu lado um yankee de bonet e nariz vermelho como pimentao maduro, ao ver Moroow repelir brilhantemente um shoot em goal atirado por Gullo.*

(*O Pirralho*, 01/06/1912, número 43, p.13).

Um fato marcante acerca da coluna esportiva d'*O Pirralho* é que de 1911 a 1915 ela foi redigida pelo polêmico jornalista Baby de Andrade, aquele que tempos depois tornar-se-ia desafeto do jovem Oswald. Consta que na ocasião de sua primeira viagem à Europa, em 1912, Oswald de Andrade arrendou *O Pirralho* a Baby e Paulo Setúbal. O desentendimento entre eles tem início em 1915, em um dos retornos de Oswald à revista. Baby manifestou seu desagrado com a retomada d'*O Pirralho* por seu antigo dono. Seguiram-se brigas, discussões e até ameaça de morte. Ao final, Baby de Andrade se desligou do semanário e fundou *O Parafuso*, periódico tão controverso quanto seu proprietário. Até hoje as circunstâncias de sua morte são nebulosas, podendo apenas se conjecturar que, devido ao tom combativo, as críticas e ataques aos políticos paulistas presentes n'*O Parafuso* despertaram a ira dos poderosos, o que fez com que Baby sofresse censura, perseguições, ataques da polícia e inúmeros processos, o que, talvez, resultou na sua morte.

2.3 CONCURSOS, ENQUETES E CORRESPONDÊNCIAS: O ESPAÇO DO LEITOR

Os concursos e enquetes lançados pela revista faziam muito sucesso porque eram a garantia da participação direta dos leitores. Heloísa de Faria Cruz aponta que o estudo desse tipo de ação mostra a intenção dos editores em manter um clima de intercâmbio e identificação com seus leitores e, mais do que isso, torna “possível vislumbrar os hábitos, sociabilidades que se desenvolvem nesses espaços urbanos e que não aparecem nos jornais diários ou revistas de maior porte” (CRUZ, 2000, p. 119). O público participava votando e o resultado era anunciado nas páginas da revista, com direito a prêmios para os vencedores oferecidos pelos anunciantes.

CONCURSO DE TALENTO

O dr. Indalecio de Aguiar.

Figura 24 - 20/02/1912, número 27, p.11

No que diz respeito ao concursos, não faltaram modalidades: a moça que dança com mais elegância, o rapaz que é mais requisitado nos bailes, os(as) mais *chics*, os(as) mais inteligentes, os(as) mais bonitos(as), os(as) mais feios(as) etc.

OS CONCURSOS DO “PIRRALHO”

O Pirralho não é rico, mas com o concurso de beleza conseguiu juntar uns cobrinhos. Acabou o concurso e veio depois a Kermesse. Como rapaz que se preza de pertencer á roda elegante, o Pirralho foi ao Velodromo. Foi, não com a intenção de gastar, mas só para vêr a pequena e dar um dedinho de prosa ás moças – que tanto bem lhe querem. O facto, porém, foi que, não podendo resistir ás solicitações das suas amiguinhas, o Pirralho gastou o fructo de toda a sua economia e, agora, ás portas do carnaval, está prompto. Por isso, resolve abrir um novo concurso, á vista do esplendido exito financeiro do primeiro, que tanta propaganda lhe fez e tanta amizade lhe granjeou – pois todos os que figuraram no concurso, embora não obtivessem os primeiros logares, ficaram gostando do Pirralho. O concurso que o Pirralho abre agora é de dança e espera que desperte em todos os seus leitores e leitoras o mesmo entusiasmo do outro. Aos classificados nos primeiros logares, na apuração final, o Pirralho

offerecerá valiosos mimos, que oportunamente anunciará. Escusado será dizer que o maior escrupulo presidirá á contagem dos votos, devendo a apuração final ser feita por uma comissão completamente alheia á redacção da revista. Os votantes nenhum trabalho terão além do de recortarem e encherem os coupons seguintes e o enviarem á redacção do Pirralho – rua Quinze, 50b – São Paulo.

Figura 25 - 17/02/1912, número 28, p.11 e 12

Cara de pau é pouco para descrever o tom da chamada para o concurso de dança. Além da afetação, há o chiste descarado ao declarar que os concursos são uma fonte de renda e, portanto, na falta de dinheiro por que não lançar mais um?

Como já deu para perceber, *O Pirralho* era extremamente galante e simpático com as mocinhas, não faltando com elogios, gracejos e provocações. Todavia, tal postura justifica-se pelo fato de que era fundamental produzir um material que fosse do agrado e interesse do público feminino. Nesse sentido, a revista conseguiu atender muito bem a todos os gêneros, dispondo de eixos temáticos destinados a todos e também específicos para homens e mulheres (as colunas de moda, por exemplo).

ENQUÊTE ELEGANTE

No intuito de interessar cada vez mais as nossas amáveis leitoras, resolvemos abrir uma enquête elegante, em que serão consultadas a respeito da nossa revista, todas as senhoritas da nossa fina e chic sociedade. A lembrança desta enquete foi sugerida por uma formosa e distinta senhorita do bairro de Hygienopolis e ella mesma incumbiu-se de apresentar ás suas amiguinhas o nosso questionario e de enviar as respostas á nossa redacção. (...) Damos abaixo o nosso questionario:

- Mlle. gosta do *O Pirralho*?
- Qual a razão?
- Mlle. acha que *O Pirralho* é o pesadelo dos que namoram ás ocultas dos papas e das mamãs?

- Qual a sessão que mlle. mais aprecia no *O Pirralho*?
 - Já houve alguma revista em São Paulo tão bem feita e interessante como *O Pirralho*?
 - Tem mais alguma coisa a dizer a respeito do *O Pirralho*?
- (*O Pirralho*, 31/01/1914, número 128, p.12).

Havia também as enquetes literárias, em que os escritores e poetas da literatura oficial respondiam às perguntas d'*O Pirralho*. Muitas vezes, o teor dessas inquirições não eram nada convencionais, o que torna o material muito rico e interessante, visto que naquele tempo ainda imperava muita formalidade no meio literário, ou seja, não se dirigia a um membro da intelectualidade e da academia sem um mínimo de reverência e salamaleque. A revista rompe com isso a partir do uso de uma linguagem mais espontânea e não raro com perguntas desconectadas do âmbito literário; conseqüentemente, isso exigia do entrevistado uma postura menos sisuda e arrogante.

Os concursos e enquetes tornaram-se tão de agrado do público, que mesmo na ausência deles, os leitores enviavam cartas à redação a fim de pedir a publicação de outras apurações, não exatamente lançadas pelo *O Pirralho*. As mais comuns eram aquelas em que as moças elaboravam listas que constavam atributos e defeitos dos rapazes. Na contrapartida, os rapazes enviavam uma lista semelhante sobre as moças. Tais listas eram bastante diretas, isto é, sorte da pessoa que havia sido contemplada com um elogio, no entanto, não havia piedade nenhuma quando se tratava de anunciar, digamos um defeito ou um desvio.

Um grupo de rapazes pede a publicação do seguinte:

AS MOÇAS DA NOSSA SOCIEDADE

A mais graciosa	Zilda Magalhães
" " simples	Tilinha Nogueira
" " chic	Marisa Patureau
" " critica	Zaira Maia
" " innocente	Fidalma V. Mello
" " insinuante	America Sabino
" " gorducha	Margarida M. Castro
" " atrahente	Cacilla R. Durão
" " litterata	Edith C. Valente
" " pretenciosa	Edméa V. Mello
" " mignon	Lúzia P. Barros
" " orgulhosa	Elisa Lobo
" " meiga	Alice Barbosa
" " volúvel	Olga Veiga
" " scismadora	Edith P. Barros
" " sincera	Zilda Villaboin
" " intelligente	Noémia Nascimento
" " loura	Mela ia Novaes
" " mimosa	Sylvia Aguiar
" " enjoadinha	Ruth Penteado
" " sympathica	Risoleta C. Lima
" " corada	Marion Piedade
" " incostante	Ely Rocha
" " sisuda	Albertina T. Carvalho
" " saudosa	Martha Patureau
" " altiva	M. ^a José C. Mello
" " amiga do "Pirralho"	Julia de Carvalho
" " mysteriosa	Branca Merão

Figura 26 - 20/01/1912, número 24, p. 7

Pequena e sem muita regularidade, outra seção, o "Pirralho carteiro", se distingue por reunir as características do comportamento absolutamente distinto da revista. Por meio dela, os leitores encaminhavam à redação sugestões, elogios, críticas, solicitações e reclamações. As respostas eram permeadas de cinismo, chiste e ironia. Exceção apenas para as mulheres, que tratadas com muitos galanteios, intimidade e piadinhas espirituosas (raramente eram vítimas de algum achincalhamento).

“PIRRALHO” CARTEIRO

Jaime Pujos, Rua Oriente 98 – Bem melhor seria, v. Ex. dar outra orientação ao seu cérebro de tolo, que só tem a infelicidade de produzir sandinices. Recolha-se ao kioskue da sua insignificancia.

Benedicto Salgado “Poeta d’agua doce” – Os seus versos, deveriam ser um pouco salgados, no entanto, são de uma sensaboria que causa dó. A sua palestra, provocou-nos nauseas. Com que então lamenta a retirada do Ruy Blas? Bem mostra, que o sr. de estylo, não comprehende patavina. Admira-nos como o sr. tem a petulancia de estabelecer um paralelo entre Ruy Blas e Voltaire. É melhor que o sr. não ponha a mão em combuca...

Carlos Redondo – Concluimos pela sua cartinha, que de redondo o sr. não tem nada. Sabe o que pensamos? Que o sr. é um bom quadrado.

Mlle. Angelica – Os seus versos vieram tresandado justamente o perfume que muito apreciamos. Mas de tanto cheiramos, perdeu o perfume e atiramos a cesta.

Mlle Cecy – Levaremos em consideração a sua intervenção... no coração dos outros.

Willi Kurth – Requeira um exame médico. O Dr. Franco da Rocha é um especialista das molestias mentaes. A sua carta é de um louco em ultimo grau.

Violonista do Colyseu Campos Elyseos – A loucura do sr. Willi, é produzida pelo stigomya faciata, que por ironia da sorte existe em abundancia nos Campos Elyseos.

Antonio Monteiro Filho – O sr. é um scroc matriculado. Vê, quando resolve, entrar com as assignaturas que recebeu.

Barão Teffe – Mandamos fazer um cliché da sua carta. Lamentamos não poder arrematar a sua barba de velho semvergonha.

(O Pirralho, 30/05/1914, número 145, p.15).

Vale ressaltar que dentre tantas seções igualmente parecidas no mote, o “Pirralho carteiro” tem destaque porque ia fundo na grosseria desmedida, na falta de cerimônia e sutileza, aspectos pouco ou nada recorrentes nas demais.

O "Pirralho"

:: Carteiro ::

V. de Alvarenga
— Sorocaba — Veja
o que o senhor es
creveu.

VOLUPIA

Ella, mimosa, innocente
Com os labios côr de rosa
A pedir-me, em beijo ardente,
Que a não deixasse chorosa ;

Que fosse amanha, mui crente
De deixal-a bem nervosa
Em ciumes de amor demente.
Então, triste, lagrimosa,

Não sentiria tão cêdo
Nem abraços e nem beijos...
Não tinha o amor, tinha medo...

Agora, não vá pensar que eu reprodu-
za essa coisa por que ella está bem feita,
não é não, e porque está uma... enten-
den ?

Fedora de Souza — O sr. tem mesmo
razão de se chamar Feliciano.

Então não pôde fazer melhor do que
aquillo ?

Pois nós não podemos fazer melhor
coisa do que deixar o sr. inédito.

Celio Vieira — O amigo Alabão tem
um talento damnado, não é ? Voltolino
porém não pensa d'esse modo. E' o caso
de empregar pistolão. O Castello mora na
rua de S. Antonio 64.

Zé das Brocas — O sr. fez questão que
se saiba que é bobo. Estamos informados.

Nesidio Moço. — O amigo nos manda
uma bruta pagina de philosophia intitu-
lada Só. N'ella considera o sr. que, é
melhor a gente viver só, soffrer só.,
porque não escreve só para si?

De contornos burlescos, o “Pirralho carteiro” traça perfis por meio de termos depreciativos e a exposição ao ridículo. Segundo Sylvia H. T. A. Leite trata-se de um recurso – a caricatura verbal – muito importante já que:

(...) através dela claramente se patenteiam desvios, defeitos, enfim, os traços característicos. Uma expressão destoante, uma palavra deslocada do espaço habitual ou esperado, pode assumir grande peso e proporções inesperadas; um homem culto falando de modo incorreto ou inadequado poderá se tornar ridículo, o mesmo pode ocorrer com alguém inculto, tolo ou pretensioso que se expresse de maneira diferente daquela que lhe permitem suas possibilidades. O cômico se estabelece pela constatação da impropriedade, ao revelar a incongruência entre o teor do discurso e a vivência daquele que o profere (uma fala moralista na boca de uma pessoa de vida imoral, por exemplo). A linguagem empregada pelo caricaturado funciona como índice, revelando algo que até então estava oculto (origem social, nível intelectual, caráter, etc.) (LEITE, 1992, p. 89).

Resta imaginar que é preciso alguém com muita coragem – e até porque não dizer, falta de discernimento – para submeter sua carta a pena impiedosa dos redatores d’*O Pirralho*, e como se não bastasse ter seu nome publicado. É o caso do poeta Menotti Del Picchia, autor do consagrado poema *Juca Mulato* e futuro destaque do movimento modernista, que mesmo já próximo de Oswald de Andrade, não foi poupado de ouvir uns desaforos na ocasião da publicação de seu primeiro livro de poemas.

Sr. Menotti Del Picchia. Na carta que o sr. Jacintho Góes, para honra sua, lhe dirigiu, havia escripto: “quanto *de* asnatico e ridiculo se contem no seu livro „.

Esta phrase é muito correcta. Mas o senhor na faina de encontrar algum errinho nosso, supprimiu cynicamente a particula *de*, tornando a phrase não incorrecta, mas sem sentido. Isso prova que o sr. alem de burro é um reles cavillador.

Estamos informados.

Figura 28 – 17/02/1912, número 121, p. 18

2.4 ENTRE LETRAS, TELAS, PALCO E FITAS

O *Pirralho* dispensou especial atenção à vida artística e cultural de São Paulo, por meio de colunas e crônicas dedicadas ao teatro, ao cinema, à música, às exposições e seus artistas, à literatura e poesia. A cidade que antes vivia a ausência de locais para frequentar, agora vê surgir diversos espaços de entretenimentos privados, públicos e comerciais.

A CAPITAL ARTISTICA

A agitada e enervante Paulicéia que o cabotismo literario de Sarah Bernhardt crhisthmou de Capital artística, parece que vae fazendo jús a esse titulo. Os artistas que nos visitam não voltam de bolsos recheiados, tambem não voltam com elles vazios. Já não estamos felizmente no tempo em que Pedro Alexandrino, o colosso da natureza morta se viu obrigado a emigrar para poder fazer arte, nem tão pouco vemos alguem como Ferrigno fazer-se oleiro ou cousa parecida. Hoje já o público se interessa pelo movimento artístico, por isso mesmo que o ha, e já não come mais, como se diz entre o povinho, gato por lebre. Apareça quem tenha valor e exponha e desnecessario se torna o reclame para que seja coroada de exito o seu certamen.
(...)

(O *Pirralho*, 16/08/1913, número 104, p.19).

Os comentários destinados a recém instaurada vida cultural não apenas anunciavam a programação, como também já lançavam um comentário à peça, à exposição, ao filme, ao desempenho de atores e artistas, enfim. Além dos espetáculos nacionais, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo entraram no circuito internacional das companhias de espetáculos e O *Pirralho* dava enorme destaque à visita dos artistas estrangeiros.

O PIRRALHO

THEATRO
COMPANHIA

MARIA AMELIA

De mesuras saltitantes
Enche os rapazes de gula...
E os *gubirns* aspirantes.
Fazem claqué a *Pul-pula*.

ABILIO MENEZES

Se, de dentista, a *esmeralda*
Fosse a pedrinha do anel.
O *galan*, nadando em calda.
Chumbava dente... a granel.

GONÇALVES

Agora é a vez do Pery
O "*grosso*" do Boa-Vista
Cacique como não vi
Para as tribus... de revista.

VICENTE FELICIO

Nos *italianos* o Maia
E o Capolupo cantando
O Felício que inda ensaia
Vão de mansinho... matando

ARRUDA

D'aiarte, tem seus janeiros
E dos 40 já passa...
E' a inveja dos theatreiros
Por ser elle um rei... de graça!

Figura 29 – 2ª quinzena de agosto de 1917 – número 242, p.8

Para não fugir à regra, as colunas destinadas à programação dos cinemas detinham a linguagem despojada e o humor tão comuns na revista. Embora, e assim como nas colunas de esporte, algumas vezes as críticas fugissem do tema para discorrer unicamente sobre a frequência do local. Desse modo, é possível encontrar

textos inteiramente recheados pelos nomes das pessoas presentes na sessão, e nem sequer uma linha sobre o espetáculo ou filme.

Colyseu dos Campos Elyseos

Quinta-feira. O *Pirralho* chegou e disse ao porteiro:
 –Sou o *Pirralho*, preciso fazer a minha reportagem. O porteiro não o reconheceu e quiz virar bicho.
 Mas o *Pirralho* não quiz saber de prosa, atirou terra aos olhos do desaforado porteiro e entrou. Lá dentro, estava sendo exibida uma fita em que se viam muitos soldados. Palavra que o *Pirralho* ficou com medo; olhando, porém, em redor viu uma porção de senhoritas conhecidas e tranquillizou-se.

Figura 30 – 02/03/1912, número 34, p. 10

O cinema foi um dos mais claros instrumentos na reprodução da vida moderna. Os filmes daquele início de século – ou as fitas, como eram chamadas – refletiam o desenvolvimento desmedido das cidades, o ritmo alucinante das novas tecnologias, uma profusão de estímulos em cores e sons, além dos novos valores sociais e morais.

OS CINEMAS. UM PERFIL.

Continuamos a receber varias missivas, algumas assignadas por conhecidos cavalheiros, applaudindo a nossa campanha contra os cinemas pornográficos e nos encorajando, a proseguir.

Quer isso dizer que a maioria reconhece os perigos dos cinemas. Na pouca escrupulosa escolha de fitas é que está o perigo. São verdadeiras escolas de crimes, furtos, assassinatos, vinganças, adulterios etc.

O cinema explorado por gente sem escrupulo exerce uma influencia deletéria sobre os bons costumes. Exemplos de victimas dos cinemas não faltam. Quanto lar, que por ahi ainda não matroca, não se conspurcou nos cinemas!

Ainda havemos de contar alguns casos interessantes, assim como qualquer dia citaremos os nomes dos cinemas que se intitullam familiares e exhibem verdadeiras mazelas moraes. Imagine-se a influencia disto tudo numa terra solapada pelo malinguismo e pela confraria dos caça dotes! É de produzir uma obra verdadeiramente diabolica. Mas sobre este assumpto nos alongaremos na proxima chronica.

(O *Pirralho*, 16/12/1911, número 19, p.11).

A crônica acima é um interessante exemplo das rápidas transformações pelas quais a cidade de São Paulo estava passando, o que leva a pensar que, naquele momento, a metrópole ainda não havia se adaptado completamente à modernidade urbana. O autor do comentário está indignado com o conteúdo dos filmes exibidos na cidade – há até uma campanha contra os cinemas – que, segundo ele, exercem uma “influência deletéria sobre os bons costumes”. Esse tipo de comentário (bastante moralista, por sinal), ao lado de outros mais elogiosos sobre as fitas de cinema, serve bem para demonstrar o desprendimento d’O *Pirralho* frente a uma linha editorial homogênea, no sentido de que todos os colaboradores (fixos ou eventuais) deveriam ter a mesma opinião sobre tudo.

Figura 31 - 18/01/1913, número 74, p.12

Saudoso de tempos tranquilos e sem grandes variações, o cronista ainda não havia se dado conta que a vida moderna era muito mais intensa, estranha e até mesmo perigosa.

O início do cinema culminou com esta tendência de sensações vividas e intensas. Desde muito cedo, os filmes gravitaram em torno de uma “estética do espanto”, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo. A excitação predominou, por exemplo, no início do “cinema de atrações” (para usar o termo de Tom Gunning para os filmes centrados no espetáculo, antes do surgimento da integração narrativa, por volta de 1906) e nos vigorosos melodramas de suspense (...). Os filmes seriados do início da década de 10 (...) aperfeiçoaram todas as formas de perigo físico e espetáculo sensacional em explosões, colisões, engenhocas de tortura, lutas elaboradas, perseguições e resgates no último minuto (SINGER, 2001, p. 136).

Quanto aos comentários sobre as artes, aplica-se a mesma observação anterior, ou seja, aquela marca heterogênea da revista, a mistura de diferentes colaboradores que podiam ir em direções opostas e que faziam parte da redação é que dá o tom das notas. É simples: há quem goste da escola clássica, tecendo os mais elogiosos comentários aos seus artistas e obras. E, por outro lado, há quem rejeite o tradicional, passando assim a solicitar dos artistas, principalmente dos nacionais, uma mudança. É um verdadeiro mosaico de opiniões, tão de acordo com o momento (de transição).

Para melhor ilustrar isso, lanço dois exemplos: o primeiro é uma nota sobre a exposição da pintora paulista Beatriz Pompeo de Camargo, onde o cronista enaltece o realismo das cores e das formas nas paisagens e naturezas mortas retratadas pela artista. Trata-se de uma elegia aos moldes clássicos.

Figura 32 - 15/02/1913, número 78, p. 17

Na contrapartida, temos a capa da edição de número 19 (16/12/1911), numa evidente referência aos pintores nacionais que com bolsas de estudo, financiadas pelo estado ou patrocinadas por algum mecenas, rumavam à Europa para cursar aulas, frequentar ateliês e aperfeiçoar técnicas; no retorno ao Brasil, esses artistas vinham impregnados dos ares e modismos europeus, reproduzindo aqui os velhos moldes clássicos da academia, renegando, inclusive, os elementos da cultura brasileira. A ótima caricatura de Voltolino, mostra o pirralho vestido de “artista”, esnobe e afetado.

Figura 33 - 16/12/1911, número 19, capa

No que diz respeito à literatura, a revista foi uma alternativa para produção literária da época; as poucas editoras nacionais ainda valorizavam a produção estrangeira; junte-se a isso o fato de que poucos eram os autores nacionais que obtinham o privilégio de terem seus trabalhos publicados. Nesse sentido, os periódicos foram os maiores precursores da literatura no país e de vital importância na formação de várias gerações de autores.

Por suas páginas, os iniciantes das letras tiveram oportunidade de expor seus trabalhos em prosa e poesia, tais como Guilherme de Almeida, Paulo Setúbal, Monteiro Lobato, Cornélio Pires, entre outros. Por outro lado, a redação contou também com a participação de ilustres (nacionais e estrangeiros), que eram anunciados com muita pompa e estardalhaço: Olavo Bilac, João do Rio, Amadeu Amaral, Guy de Maupassant, Balzac. Tal situação conferia muito prestígio à publicação.

Francisca Julia da Silva

Damos hoje a reprodução autographa do soneto *Dança de Centauros*, uma das maravilhosas joias dos *Marmores* de Francisca Julia. É uma homenagem do *Pirralho* à grande poetiza acerca de quem Vicente de Carvalho escreveu o seguinte, quando se tratava de saber qual era o melhor poeta paulista: «Não lembrei até aqui um nome luminoso a que deixei propositalmente o ultimo lugar, como um lugar a parte. É um nome de mulher. Os poetas paulistas cederão com prazer a palma a essa poetiza, que é a melhor de nossa lingua D. Francisca Julia, a soberba artista das *Esphinges*, cujos versos têm a sonoridade solene e evocativa do bronze em que parece terem sidos fundidos...»

O autographo que reproduzimos foi-nos cedido pelo nosso collaborador Manuel Carlos, um dos maiores admiradores da insigne poetiza paulista, e em cuja opinião ella não é sómente a maior poetiza, mas também, o mais puro, o mais perfeito e genuino representante do parnasianismo na lingua portugueza.

É importante situar *O Pirralho* como um periódico que prestigiou a vida cultural paulistana e nacional. A revista dedicou muitas páginas na propagação das letras nacionais e estrangeiras, traçando um painel da literatura em voga do período. No Brasil daquele momento, o parnasianismo reinava absoluto.

Figura 35 – 04/09/1915, número 201, p.11

É irônico o caso de Olavo Bilac, o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”: aclamado e declamado, a revista dedicou páginas e páginas não só na exaltação e publicação de sua poesia, mas como também para sua participação na vida cívica brasileira (Bilac era republicano e nacionalista, o que agradava imensamente a trupe “pirralhiana”); ironicamente, tempos depois, o poeta se tornaria alvo das críticas dos modernistas. É Oswald de Andrade em dois tempos, duas medidas.

Além da publicação de contos, excertos de obras e muita poesia, havia também o espaço para as críticas literárias e as crônicas (um novo gênero situado entre o jornalismo e a literatura, e comprometida com fatos cotidianos):

Tornando-se mais leves, os jornais passaram a solicitar crônicas mais curtas e vivas, condizentes com as exigências da paginação, em vez dos folhetins que atravancavam o texto. (...) Quanto à crítica literária regular – uma vez por semana, na maioria dos casos –, atendia às mesmas necessidades modernas da imprensa: a de orientar os leitores sobre o que se publicava no mundo das letras (BROCA, 2004, p. 289).

N’O *Pirralho*, as crônicas reinavam absolutas. De diversos formatos e tons, esse gênero proporcionou aos colaboradores (efetivos ou não) muita liberdade de composição e, principalmente, humor.

MODELOS EM PROSA E VERSO

Eu tenho uma cozinheira chamada Joaquina. Bonito nome, não acham? Um dia destes, ao servir-me o almoço, perguntou-me a Joaquina:

– Dr, o sr. gosta de couve-flôr?

– Se gosto! respondi eu, pois para falar a verdade, eu gosto mesmo muito de couve-flôr. E acrescentei:

– Joaquina, vá buscar uma Botanica na minha bibliotheca.

– Uma o que? perguntou-me a Joaquina, porque a Joaquina não sabe o que é Botanica. Coitada!

– Uma Botanica! Disse eu, pronunciando bem as syllabas. U-ma bo-ta-ni-ca !

A Joaquina repetiu. U-ma bo-ta-ni-ca e foi buscar a Botanica. Eu fiquei comendo um beef com batatas, que é a coisa de que eu mais gosto neste mundo. Tenho uma receita estupenda para fazer beefs com batatas. Dali a pouco veio a Joaquina com a Botanica. Eu peguei o livro abri-o no capitulo das leguminosas e li:

“Couve-flôr. Etymologia: qu’houve?” - pergunta de um portuguez a sua mulher quando esta lhe appareceu muito assustada com um exemplar dessa leguminosa na mão. Como o portuguez tratava a mulher por flôr, e insistisse na pergunta, dizendo “qu’ouve, flôr?” – a leguminosa de

que tratamos ficou se chamando couve-flôr.

– *Compreendeu, Joaquina? Perguntei eu, interrompendo-me.*

– *Compreendi, sim sr., respondeu a Joaquina. Eu continuei:*

“Nome científico: quod habeas floris. Uso: serve para comer. O que sobra dá-se às gallinhas.”

Reflexões minhas:

– *A couve-flôr é todo um idyllo. Que lyrismo reçuma das suas folhas! Não é atôa que eu, quando como couve-flôr, sinto um gosto tão bom!*

– *É do vinagre, seu doutor! Apertou Joaquina.*

– *Qual vinagre, qual nada! É lyrismo!*

A Joaquina riu tanto que chorou.

GARCIA REDONDO¹⁵

(O Pirralho, 16/12/1911, número 19, p.11).

O objetivo deste capítulo foi mostrar a maneira como a construção da vida civilizada na cidade de São Paulo se manifestava nas páginas d'*O Pirralho*. Isto é, a intenção foi destacar o modo como a revista expressava esse momento específico, por meio da análise descritiva de suas seções. Os novos códigos de linguagem, mais informais, coloquiais e, principalmente, irreverentes, que combinados com o forte apelo visual de suas páginas não só renovaram e definiram a forma de se comunicar com o público leitor, como também são a maior demonstração de que a revista trafegava fora dos parâmetros determinados pela normas vigentes. E, no entanto, tal qual o período contraditório e difuso em que circulou, *O Pirralho* trazia marcas conservadoras, que insistiam em permanecer no cotidiano da vida moderna. Ora, carregada de elementos inovadores sob tantos e já mencionados aspectos, a revista mantinha-se igualmente contrária as mudanças em alguns momentos como, por exemplo, na hora de exaltar a “elite” da literatura oficial ou a arte nos moldes clássicos; no momento de criticar a postura um tanto liberal de uma moça ou o horror dos carros em alta velocidade trafegando pela avenida Paulista. Retomo a observação, feita no início deste capítulo, acerca da heterogeneidade a fim de explicar essa que é, em minha opinião, uma das maiores características d'*O Pirralho*. Por isso, tornou-se oportuno mostrar a revista por meio daqueles que a fizeram, ou seja, diversificada em valores e opiniões. Daí a importância de seus colaboradores – protagonistas, na realidade – que mesmo de forma involuntária e inconsciente (como se verá adiante), tornaram possível a construção de uma passagem para outro momento que, efetivamente, definiria os rumos da cultura nacional.

¹⁵ Manuel Ferreira Garcia Redondo (1854-1916), jornalista e escritor brasileiro, foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras).

Figura 36 - 09/12/1911, número 18, p.12

CAPÍTULO 3 - A CONSTRUÇÃO DO MODERNO

*Aliás muito difícil nesta prosa saber onde
termina a blague, onde principia a seriedade.
Nem eu sei.
(Mário de Andrade in Paulicéia Desvairada)*

Antes de iniciar o capítulo, é importante esclarecer que não é a intenção desta pesquisa realizar um debate sobre o significado do período – em que está situado *O Pirralho* – para a cultura brasileira. Isto é, mais do que discutir se a revista é ou não **pré-moderna** e, a partir daí, elencar os antecedentes que a colocam como precursora do modernismo, optei por discorrer acerca de sua estética original e importância renovadora, sem usar – enfaticamente – prefixos de anterioridade e/ou interpretá-la através da Semana de 22.

A razão disso está no simples fato de que a revista atinha-se ao **presente**. O que quero dizer com isso? Ora, não há sinais de conteúdos ideológicos na revista, ou seja, não se propagava rupturas nem mudanças, muito menos se buscava arrebatador adeptos, tal qual aconteceu com os modernistas. A minha premissa parte da ideia de que essa revista, tão própria da época em que circulou e tão concentrada no presente, não se deu conta do quão próxima já estava do futuro. A intenção deste capítulo é apontar os elementos esteticamente inovadores – nas mais variadas manifestações – originados a partir de um grupo de jovens que deu vazão a vontade de fazer algo diferente e, inclusive, ridicularizar os padrões formais estabelecidos na época.

A primeira coisa que chama a atenção na análise da linha editorial d'*O Pirralho* é a profusão de estilos de linguagem, visto que a revista foi prodigiosa ao extrapolar o modelo tradicional de texto. Ou seja, é sempre oportuno apontar para o estilo ousado da revista, que desconstruiu elementos da comunicação oficial, usando e abusando da coloquialidade e do humor. Junte-se a isso os recursos visuais largamente utilizados por *O Pirralho*, que resultaram numa forma de expressão muito eficiente para a penetração no imaginário de qualquer pessoa. A imagem a seguir ilustra bem o papel diferenciado da revista nos meios de comunicação da época, já que tira sarro da linguagem sisuda dos colegas (mais precisamente do jornal *Estado de São Paulo*), numa clara referência de que a informação transmitida esbarra num excesso de pompa e rococó até na hora de discorrer acerca de uma simples situação cotidiana.

Passeios campestres e descobertas históricas

1) Em preparativos.

Alumna — O tutú tá chelôso, chelôso.

Professor — (fazendo piada para o *Estado de São Paulo*) — Perfumoso, cheiroso tutú de feijão!

2) A primeira descoberta.

Alumna — Que bruta taaturama, fessô!

Professor — (no mesmo propósito) amarella, desesperadora taturana. Não fosse a guerra balkanica, quadrupla, essa bucólica, camponia aventura iria deleitar os meus leitores admiradores!

Figura 37 - 14/12/1912. número 70, p.18

Nesse contexto, o estudo de Bakhtin sobre os aspectos da cultura popular presentes na obra satírica de François Rabelais abre perspectivas consideráveis acerca do princípio regenerador da linguagem cômica. Ao demonstrar a natureza das festas públicas populares (mais especificamente o carnaval) no tocante à quebra de tabus, regras e relações de subordinação, Bakhtin apresenta uma visão carnavalesca (o grotesco e o cômico) do mundo em que impera a liberdade temporária e a negação

da “verdade” oficial, marcada basicamente pelas relações de dominação. É o momento de olhar o mundo sob perspectivas diferentes, sem a influência do juízo comum:

Na realidade, a função do grotesco é liberar o homem das formas de necessidades inumana em que se baseiam as idéias dominantes sobre o mundo. O grotesco derruba essa necessidade e descobre seu caráter relativo e limitado. A necessidade apresenta-se num determinado momento como algo sério, incondicional e peremptório. Mas historicamente as idéias de necessidade são sempre relativas e versáteis. O riso e a visão carnavalesca do mundo, que estão na base do grotesco, destroem a seriedade unilateral e as pretensões de significado incondicional e intemporal e liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam assim disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades. Daí que uma certa “carnavalização” da consciência precede e prepara sempre as grandes transformações, mesmo no domínio científico (BAKHTIN, 1993, p. 43).

A referência ao estudo de Bakhtin tem o propósito de destacar (na revista) aquilo que o autor denomina de ambivalência, isto é, o caráter positivo da valorização do grotesco – promovendo a inversão dos elementos tradicionais da cultura – em sua função absolutamente renovadora. E isso acontece a partir da incorporação de elementos da cultura popular – por exemplo, com a “carnavalização” do riso – para contrapor-se a cultura dominante. Dito de outra maneira, *O Pirralho* traz o popular para dentro do discurso oficial.

Daí a razão deste capítulo se intitular “A construção do moderno”, pois é justamente no afrouxamento dos limites entre o sério (oficial) e o cômico (não oficial) que reside a maior característica d’*O Pirralho*. A construção a que me refiro é aquela que, mesmo involuntariamente, demarcará os rumos da cultura nacional, no sentido de que determinados valores serão revistos e/ou expurgados, outros incorporados e/ou criados. A maior prova disso está na figura de Oswald de Andrade, que ao longo da existência da revista deixará evidente a sua própria transformação, resultado de inúmeras experimentações nesse que foi um singular momento de transição.

3.1 A LETRA E O DESENHO

Já se falou anteriormente sobre o uso da linguagem coloquial n’*O Pirralho*, própria dos folhetins que desde o século XIX incorporavam a oralidade do cotidiano em seus textos a fim de se distanciar da língua oficial empregada nos jornais. N’*O*

Pirralho o uso frequente desse recurso tinha como propósito inicial chamar a atenção, na medida em que trazia o humor para o texto. No entanto, por trás disso fica fácil deduzir que, por meio de uma linguagem calcada no chiste, na ironia e no deboche gratuito, algumas verdades (ou opiniões conflitantes) podem ser ditas sem que necessariamente se receba críticas e censura, já que, aparentemente, não há seriedade nesse tipo de argumentação¹⁶. Afinal, uma piada tem, geralmente, o efeito de provocar o riso, e não despertar uma reflexão profunda.

Figura 38 – 16/11/1912, número 66, p.12

Vejamos os comentários acerca do governo do marechal Hermes da Fonseca, que durante sua estadia na presidência do país, tornou-se o alvo predileto da revista que não economizava no material paródico a fim de fustigar e ridicularizar o político e seus partidários. A blague concentrava-se unicamente na personalidade do marechal, que aos olhos da revista não passava de um bufão estúpido, burro e incompetente.

DICIONARIO DO HERMES

(editado pelo Pirralho)

LETRA A

Arremedo – Fazer mal uma coisa que alguém faz bem.

Archeologia – É uma sciencia que trata dos arcos.

Archaico – Coisa em forma de arco.

LETRA B

Brazão – É uma braza grande.

Baixella – É uma terra baixa.

¹⁶ Cabe observar que *O Pirralho* possuía também em sua linha editorial textos com uma abordagem séria e centrada, especialmente no que diz respeito à vida política nacional. Basta analisar os editoriais de abertura da revista, por exemplo: em sua maioria, extremamente críticos, explosivos e, até, virulentos. Contudo, não é o objetivo analisar esse lado d'*O Pirralho*, visto que outros periódicos da época atuavam nesta mesma linha, portanto, era algo comum. O importante aqui é mostrar que, paralelo ao texto sisudo, havia na revista um outro tipo de interpretação acerca de uma mesma notícia e, em ambas situações, o que se via era o engajamento da trupe "pirralhiana", seja no sentido de apoiar ou detratar alguém.

Botânica – Arvore que dá muito no Brasil.

LETRA C

Casquilho – É casco de cavallo pequeno.

Cordilheira – É uma porção de cordas grandes e pequenas.

Cupulas – Coisa que fica bem em cima das egrejas.

LETRA D

Dactilographia – É machina de escrever com os dedos.

Direito – Coisa que se estuda na Academia.

Degenerado – Sujeito que sae maís ruim que o pae.

LETRA E

Enxoval – Todas as roupas que se compra para o casamento.

Enxovalhado – Sujeito que tem enxoval completo.

Enchente – Quando chove muito.

(O Pirralho, 09/08/1913, número 103, p.6)

Outro aspecto interessante é que n'O Pirralho essa fórmula (crítica + humor) teve a adição de um componente igualmente poderoso: a linguagem visual. Nesse momento, entra em cena o artista Voltolino e seu traço inconfundível. De participação intensa na imprensa paulista e carioca, e com enorme popularidade, Voltolino foi o maior intérprete do cotidiano urbano e da mentalidade da época. Contudo, é na caricatura política que encontramos a maior excelência do artista, que soube satirizar, como poucos, os políticos da recente república.

Figura 39 – 23/03/1912, número 33, p.12

"Papae Pinheiro – Essa espada não serve, é muito pesada para o meu pequeno..."

Figura 40 - 18/15/1912, número 41, p. 6

O desenho de Voltolino destrói a imagem de mandatário de Hermes da Fonseca, inclusive ridicularizando sua figura de militar (algo que a redação d'O *Pirralho*, de pensamento liberal, apontou sempre como, entre tantos outros, um aspecto negativo do governo: o militarismo). Ao examinar a ilustração acima verifica-se a posição inferior de Hermes diante da figura de Pinheiro Machado (político gaúcho da República Velha e apoiador da candidatura de Hermes à presidência) numa clara alusão da influência que o "papae" exercia no marechal. O brinquedo cavalinho de pau, colocado propositalmente aos pés de Hermes, acentua ainda mais a sua posição de subalterno, já que como criança ele seria incapaz de tomar decisões maduras e responsáveis, daí a necessidade de se cercar de pessoas comprometidas em "educá-lo". E para completar o quadro, Voltolino acentua comicamente uma característica física do marechal: a baixa estatura, o que o torna mais diminuto. A intenção da caricatura do artista é mostrar Hermes da Fonseca tal qual um boneco, pequeno e insignificante.

Figura 41 – 09/09/1911, número 5, p. 10

E é também na crítica social que o desenho de Voltolino encontra a mais pura essência da ironia. Nesse sentido, não faltou assunto para o artista diante das mazelas sofridas pela população menos favorecida.

Ouso afirmar que boa parte do sucesso d'*O Pirralho* deve-se ao papel fundamental desempenhado por Voltolino que conferiu uma marca distintiva à revista. No fichamento de todos os exemplares d'*O Pirralho*, observei que alguns números só são merecedores de análise por conta das ilustrações do artista, sendo o restante pouco curioso ou interessante.

PROTECCÃO A INFANCIA

A policia não permite que os menores de 15 annos sejam gentilmente explorados pelas companhias lyricas.

Mas a policia permite que os menores de 15 annos sejam miseravelmente explorados pelas fabricas e officinas.

Figura 42 – 02/09/1911, número 4, p. 6

Protestos da Light

Conductor – Cuidem mais das crianças. Quasi que o bond sae dos trilhos!...

Conductor – Cuidem mais das crianças. Quasi que o bond sae dos trilhos!...

Figura 43 – 27/04/1912, número 38, p.7

Aliás, no último ano da revista a contribuição do artista vai se tornando escassa até desaparecer por completo. E mesmo com a participação do jovem Di Cavalcanti, do genial artista Ferrignac e a massiva inserção de fotografias, a revista perde muito de sua característica original e que, certamente, foi a chave para seu reconhecimento. O humor tão peculiar da revista foi-se embora com Voltolino.

Voltolino tece em ritmo acelerado o ajuste premente às necessidades simbólicas mais imediatas. São esboços urgentes da nova configuração social: o proletariado urbano, que surgia do curso da industrialização, os tiques consolidados da velha oligarquia governante, a pequena burguesia profissional, os encontros entre o italiano e o paulista, entre o caipira e o operário... Voltolino é o intérprete da cultura de âmbito urbano, na etapa correspondente ao início da industrialização que, aliás, chegava até o artista, exigindo-lhe um trabalho regular e periódico, realizado dia a dia. As novas condições de trabalho imprimiam possibilidades e, ao mesmo tempo, determinações à percepção e à expressão, que se organizava através dos modernos veículos de comunicação. A linguagem de Voltolino está nas raízes das transformações das artes, que se evidenciam em 22 com o movimento modernista. A irreverência, a polêmica e a crítica, o humor, a livre figuração vinham sendo preparados na linguagem de comunicação social. Iam pouco a pouco minando a autoridade dos princípios de representação acadêmica (BELLUZZO, 1992, p. 8).

A união da letra e do traço é um dos grandes méritos d'O *Pirralho*, pois estabeleceu outras maneiras de **dizer** que superavam o modelo tradicional de texto. Coube a caricatura¹⁷ a tarefa lúdica de informar e, sobretudo, numa época em que o número de analfabetos era grande, o recurso possibilitava a esse tipo de público o contato com o noticiário do dia a dia, estabelecendo uma eficiente maneira de divulgar e interpretar os acontecimentos. De assimilação imediata, esse gênero atraía o público e ajudava a vender o jornal, ou seja, a ilustração carregada de humor e ironia tornou-se “um recurso poderoso que educava, fazia rir, enfeitava e potencializava uma incipiente imprensa das letras” (MARTINS, 2008, p. 67). Atrelado a isso, é significativo

¹⁷ A invenção da caricatura é atribuída aos irmãos Carracci, que trabalhavam na Academia de Bolonha (Itália, século XVI). O editor e artista, Angelo Agostini (1843-1910) foi o maior expoente da caricatura no Brasil. Segundo Ana Maria de Moraes Belluzzo, “A palavra vem de *caricare*, carregar, exagerar, acentuar, ampliar certos aspectos da pessoa retratada (...) a caricatura revela-se uma conquista do homem moderno, definida no período histórico da crise dos valores renascentistas, quando os artistas adotam procedimentos anticlássicos e quando contrariam a “perfeição ideal”. As obras desviam-se do normal, das normas de proporção e equilíbrio e, muitas vezes, se insurgem contra a harmonia da composição. São obras de natureza problemática e paradoxal, antinaturalistas, emancipadoras de novos processos artísticos” (BELLUZZO, 1992, p. 12).

destacar que o avanço das técnicas de impressão e reprodução “permitiu às artes gráficas pela primeira vez colocar no mercado suas produções não somente em massa, como já acontecia antes, mas também sob a forma de criações sempre novas” (BENJAMIN, 1994, p. 166).

Dono de um traço sintético e penetrante, Voltolino soube suprimir a distância entre a vida e a arte, isto é, na sua aproximação direta com o destinatário. Tal qual o pintor da vida moderna de Baudelaire, Voltolino foi o artista do movimento, do circunstancial, da multidão.

Figura 44 - 01/06/1912, numero 43, p.8

Mas para além da crítica política e social, o artista Voltolino emprestou seu traço a outro gênero bastante comum na revista: as historietas ilustradas. Já abordei no capítulo II sobre o uso recorrente da linguagem *nonsense* na revista, o que resultava em uma prosa absolutamente surreal. Mas o que tornava essas historietas muito representativas e inovadoras é a inserção de uma sequência de imagens que

acompanhavam e comentavam o discurso verbal. Voltolino consegue criar uma narrativa em que seguramente o texto acrescido de imagem ganha uma outra configuração, ampliando o conteúdo e o alcance da mensagem, algo que não aconteceria se expressada isoladamente.

Commercio Varejista e feiras livres

Antigamente o commercio varejista engordava....

...à custa da magreza do freguez.

Hoje, felizmente, vieram as feiras livres

E o povo engorda-

Mas o commercio varejista damna-se.

Figura 45- 24/04/1915, número 184, p.5

Na crônica intitulada "A imensa desgraça de ante-hontem" (29/06/1912, número 47, p. 18) fica evidente a presença do tom *nonsense* e, especialmente, a ironia utilizada para desqualificar obras de escritores populares da época e, de quebra, alguns jornais diários.

O PIRRALHO

A imensa desgraça de ante-hontem
No jardim da Luz
O macaco alemão imbecilizado
e um avestruz com colícas.

O *Pirralho* tem uma bruta paixão por uma alumna da Escola de Pharmacia. Todas as tardes, quer chova quer faça sol, o *Pirralho* toma o bonde da Ponte Grande, desce na Luz e entra no jardim, onde espera a eleita do coração. Como às vezes a pequena tarda a sair da aula, o *Pirralho* costuma levar livros e jornaes para matar o tempo. Uma tarde destas, parece que o raio do conselheiro A. Cancio injectou demais o pessoal da Escola de Pharmacia, e às 5 horas a menina ainda não passara pelo jardim da Luz. Os jornaes estavam todos lidos de fio a pavio; os livros a *Morte de Deus*, do Saturnino Barbosa, o *Manual de Perfeito Cozinheiro*, do dr. Soares do Couto Esher, e outros desopilatorios — estavam igualmente lidos. Que fazer? Damnado da vida, o *Pirralho* emburruhou a livralhada nos jornaes, meteu o emburruho debaixo do braço e foi ver os macacos. Gostou tanto dos bichinhos, que foi a uma quitanda próxima, comprou um bruto cacho de

avançou no emburruho e cada macaco pegou num livro ou num jornal. O alemão quasi morreu de rir com a *Morte de Deus*, do Saturnino Barbosa. Outro teve um faniquito por causa de um artigo do dr. J. J. no *Correio Paulistano*. Um terceiro, que agarrara num volume da revista da Faculdade de Direio, depois de folhear o uma porção de vezes, parece que não achou nada que prestasse e poz-se a rasgar o com as unhas. Por fim, fez pilulas com os pedacinhos de papel e enguliu-as. Desgraçado macaco! Dali a pouco, o infeliz pegou a coçar a barriga, como quem

aspecto respeitavel, com as feições descompostas pelo terror. Immediatamente, o Nacarato fez parar a ambulancia, e um esculapio correu a soccorrer o desconhecido. Este, porém, apontou para o lugar onde se acham as emas e avestruzes, dizendo: — Vamos lá! O Nacarato, o medico, o desconhecido e o *Pirralho* correram para o lugar indicado, e encontraram um enorme avestruz gritando que estava com uma colica horrivel. Sem indagar de mais nada, o Nacarato empurrou o avestruz para dentro da ambulancia, e fomos todos para a Central. O *Pirralho* ia tocando o *fonfon* da sereia. Quando chegámos á Central, o macaco e o avestruz estavam desacordados. Foram a braços para a sala de operações. Aqui é preciso explicar que o macaco, ao fazer as pilulas fataes, empregara, não somente pedacinhos das folhas da revista da Faculdade mas tambem um retalho do *Correio Paulistano* em que estava emburruhado o volume. Essa circunstancia

se sente atacado de uma indigestão! O primeiro pensamento do *Pirralho* foi chamar a ambulancia.

Correu a uma esquina e tocou o telephone para a Central. Dalli a pouco, vinha a ambulancia, com o

Nacarato na boléa. O macaco, dando gritos lancinantes, foi mettido na carangueijola, que ia voar para a cidade, quando appareceu a correr numa

que davam as modas. A macacada

Figura 46 - 29/06/1912, número 47, p. 18

O pirralho é, como sempre, o personagem principal da rocambolesca aventura, que começa com um grupo de bichos lendo os jornais e os livros do moleque, e termina com a ida de um “macaco alemão” e de uma avestruz ao hospital, depois de terem “digerido” muito mal a leitura. A participação de Voltolino confere à crônica mais comicidade, no sentido de atribuir aos animais características humanas (antropomorfização). A partir daí penso que a caricatura do artista contribuiu enormemente para a interpretação do texto, pois complementa visualmente a mensagem, ou seja, se tais leituras fazem mal aos bichos (desprovidos de raciocínio) o que dirá aos homens...

3.2 SÊO REDATÔ, NÓIS É TUTTO GIURNALISTA

O grande mérito d’O *Pirralho* foi a irreverência. Um grande caldeirão cultural, onde o velho convivia com o novo, resultando numa mistura única e singular (e de muita transformação). Já discorri anteriormente acerca do curioso aspecto da revista em divulgar, por exemplo, a poesia parnasiana, a elegante (e tradicional) agenda social da alta sociedade paulistana ao mesmo tempo em que valorizava a publicação de caricaturas (verbais e visuais) escrachadas e reproduzia a linguagem do falar urbano. Nesse contexto, o fato d’O *Pirralho* não ter sido nada homogêneo já é por si só um elemento estético muito inovador.

Uma das tendências *avant-garde* da revista está justamente na publicação de colunas que parodiavam a diversidade social e cultural de São Paulo, já que a cidade daquele início de século era uma verdadeira torre de Babel, por conta do surto imigratório. Além disso, por trás da cidade que se “civilizava”, havia um Brasil ainda rural, composto por um enorme contingente populacional que estava à margem da modernização. Tudo isto contribuiu para a criação de um gênero literário, inspirado na mistura de falas que se ouviam pelas ruas da cidade.

Tais colunas fizeram muito sucesso junto ao público e alguns críticos acreditam que essa foi, talvez, a explicação para o grande número de vendas d’O *Pirralho*. De alto teor cômico e sarcástico, esses textos expressavam, na realidade, a integração do imigrante e do caipira na efervescente São Paulo da *Belle Époque*. Contudo, e apesar da enorme receptividade junto aos leitores, esse gênero não encontrou respaldo ou reconhecimento nos círculos literários e acadêmicos da época. Foi sempre tido como literatura menor e, algumas vezes, ferozmente criticado seja pelo uso incorreto da língua portuguesa ou pela inadequação de expressões estrangeiras. Enfim, acredito que no caso dos personagens escolhidos para ilustrar essa pesquisa, tais críticas ou até mesmo a desconsideração por seus trabalhos pouco ou nada os tenha afetado.

Inclusive, acredito que a rejeição foi também a inspiração para a feitura de uma prosa absolutamente demolidora.

Aliás, Bakhtin explica que a partir do Romantismo, o Ocidente incutiu um desprezo pela arte satírica:

A concepção estreita do caráter popular e do folclore, nascida na época pré-romântica e concluída essencialmente por Herder e os românticos, exclui quase totalmente a cultura específica da praça pública e também o humor popular em toda a riqueza das suas manifestações. Nem mesmo posteriormente os especialistas do folclore e da história literária consideravam o humor do povo na praça pública como um objeto digno de estudo do ponto de vista cultural, histórico, folclórico ou literário. Entre as numerosas investigações científicas consagradas aos ritos, mitos e às obras populares líricas e épicas, o riso ocupa apenas um lugar modesto. Mesmo nessas condições, a natureza específica do riso popular aparece totalmente deformada, porque são-lhes aplicadas idéias e noções que lhe são alheias, uma vez que se formaram sob o domínio da cultura e da estética burguesas dos tempos modernos (BAKHTIN, 1993, p. 3).

N'O *Pirralho*, foi o Juó Bananére, *barbiere* e *giornalista* do *Bó Retiro*, o grande cronista popular da cidade em movimento. Mais do que apresentar um estilo paródico único, ou seja, o macarrônico (misturando dois idiomas, o português e o italiano), Juó propositalmente andou na contramão da cultural tradicional. Aliado a ele temos outras duas colunas, de menor pretensão e sucesso, mais igualmente inovadoras: a prosa caipira em a "Correspondência de Xiririca" e "O Birralha – xornal allemong".

Juó Bananére (ou João Banana) era o pseudônimo do jornalista Alexandre Marcondes Machado, que sucedeu Oswald de Andrade na coluna "Cartas d'Abax'o Piques"¹⁸, inaugurada por ele com o pseudônimo de Annibale Scipione. Posteriormente, Juó Bananére abandonaria a coluna para se lançar a frente do "O Rigalegio", um "Dromedario Inlustrato" de "anarchia, sucionalismo, literatura, vervia, futurismo, cavaço". Dois detalhes a observar: o tal "Dromedario", ou semanário, era uma revista dentro da revista, ou seja, e como se verá mais adiante, *O Pirralho* abre espaço para esse tipo de brincadeira, utilizando o recurso de várias publicações distintas dentro de uma única revista. O outro detalhe é o termo "futurismo", lançado em primeira mão pela revista, antes mesmo da divulgação desse movimento no Brasil.

¹⁸ A região do Abax'o Piques (ou Piques) era o reduto dos italianos em São Paulo e compreendia o bairro do Bexiga e adjacências.

Mais uma vez, a participação de Voltolino foi fundamental na composição do personagem, pois coube a ele, além de retratar o Juó, a concepção do projeto gráfico d'O *Rigalegio*. Resumindo: temos aí um material esteticamente inovador para a época, não só por conta da linguagem empregada como também pela interferência gráfica.

Juó Bananére no traço de Voltolino
Figura 47 – 30/12/1911, número 21, p. 9

O personagem Juó, além de jornalista colaborador d'O *Pirralho*, era também barbeiro no bairro do Bom Retiro. Mas não para por aí, pois ele acabará por se lançar como poeta futurista, candidato à Academia “Baolista de Lettera”, capitão da polícia etc. Esse mosaico de profissões (e pretensões) confere a Juó Bananére a capacidade de explorar todos os assuntos, ou seja, ele tece comentários acerca de tudo, desde os fatos mais banais e corriqueiros da cidade, passando pela literatura e pelas artes, até as questões políticas e os assuntos internacionais. O que não faltou foi assunto e, principalmente, opinião.

AS CARTAS D'ABAX'O PIGUES

Lustrissimu Redattore du “Pirralho”

(...)

També li tegno di cuntá un acuntecimento che accunteceu commigo na Scuola Normaliste. S'immagine ch'io mi tenía andato lá per a vede as “piquena” e p'ra m'inamurá c'uma dellas. Intó mi stava molto cuntento sopra da garçata, inxergano as piquena, quano xigó p'ra mi uno surdado e mi disse:

- *Non póde andá parato qui vicino da Scuola Normaliste! Va andano...*
- *Eh! come no: intó as rua non só publigos?*
- *Che publica né nada! va andano...*

E quello indigraziato pigo di m'impurrá co'a mon.

– Eh! non brinca gamerata! Non brinca...

– Va saino gargamano! ... va saino...

– Gargamano é a maia!

– Va simbora taliano porche! sinó ti porto p'ro quartelo! ...

Intó! ... quello indigraziato no mi xamó di porche? ... Porche vá elle!

Intó elle mi dissí che steje preso, ma inveiz io che non só troxa, mi fiz a gacetada ingoppa a sua gabeza e mi fui saino co'a barriga.

Do suo griato

Juó Bananére

(O Pirralho, 02/12/1911, número 17, p.4)

Num primeiro momento não é fácil compreender o texto macarrônico, visto que além da mistura de dois idiomas, há também o registro oral (com suas deturpações linguísticas). Mas o próprio Juó se encarrega de explicar sua peculiar maneira de escrever ao afirmar que “a artugrafia moderna é una maneira di scrivê, chi a genti escreve uguali come dice”.

Figura 48 – 08/03/1913, número 81, p. 21

É muito interessante perceber que os textos de Bananére trazem em si uma interpretação única da cidade de São Paulo naquele período e, sobretudo, o personagem é a síntese da integração do imigrante na sociedade brasileira.

Sobretudo, torna-se relevante apontar que o fato de Marcondes Machado ter criado um gênero próprio, que não estava vinculado a nenhuma corrente artística e/ou literária do momento – muito pelo contrário, posto que Juó esculhambava com tudo, o que, em minha opinião, já é um sinal evidente de ruptura – o aproxima muito do modernismo, pois seus textos (tanto a prosa como a poesia) continham aspectos que seriam amplamente explorados e consolidados posteriormente pelo movimento (a “artugrafia moderna”, por exemplo).

SONETTO FUTTORISTE

Arma minha gentilia che pait'iste
 Molto p'ra zima da torre da matrizi ;
 Si lá dove butaste o tuo narisi,
 Vucê si alembra che io també stô molto triste...

Non ti squeça ch'io t'amê p'ra burro,
 Co amore maior do pon d'azuccara :
 Che una veze dansemos a mazurcara
 I disposa io ti dê un brutto murro.

Ma si quano io murrê també,
 I vinhá dirittigno p'ru céu,
 Vucê stá anamurando arguê,

Ti giuro per Morffeú
 Che io perdo a gabeza
 I ti quebro a gara.

Figura 49 - 15/03/1913, número 82, p.19

Nesse sentido, recorro a um exemplo que por si só é capaz de mostrar toda a inovação estética de sua arte. É n' *O Rigalegio* (24/01/1914, número 127, p. 17), num artigo chamado “Hermeze = Gioconda” que o *giornalista* narra de forma engraçada o roubo de um retrato do marechal Hermes da Fonseca. Mas para além do texto sarcástico, no melhor estilo do macarrônico, há uma imagem do retrato roubado: em versão foto-montagem (ilustração concebida por Voltolino), o rosto de Hermes está sobreposto na famosa tela renascentista de Leonardo da Vinci, a *Monalisa*. Surpreendentemente, cinco anos depois, em 1919, o artista francês Marcel Duchamp, faria sua própria releitura da obra, ao inserir bigodes na famosa dama do renascimento.

O RIGALEGIO

Organo Independente do Abax'o Piques i do Bó Retiro
PRORPIETÁ-DA SUCIETÁ ANONIMA JUÓ BANANÈRE & CUMPANIA

Redattore e Direttore: JUÓ BANANÈRE

1914

REDAÇÃO: FICINA: Largo do Abax'o Piques pigdo to migatorio

HERMEZE - GIOCONDA

Una notizia sensazionale incircoló ontí na città desd'a manhã, cos giornali mattotino.

Di tuttas parti, os piqueno venditore dus' giornali grida vano:

— Ogla o Stá, o Curren, o Cumerço i o «Regalegio». O rapitto do Maresciallo:

Otro gridava:

— A storia da Gioconda! O robbo inzima do ritratt' do Hermoze!

Tuttos munno stava con una brutta agitacó e io també.

Intó io cumpré o Cumerço pur causa di cunhecé o fat-timo.

As nutica cuntava che d'in-zima a fabbrica di gartuxo du Rigalengo fui arubado o ritratto du Hermoze. Io gó medita-menti p'ra traiz con treiz at-tacco di faniquitto.

Quano vurté do attacco fui nu Guarany, tumé un gar-pinhato di bacací p'ra rifrescá a gabeza i piguê di penzá inzima istu ladró originalo.

Quano io stavo cosí impõe-gupato aricilí un tiligramo do Funzequinha co'a seguntima maniera:

Bananère

Abax'o Piques

Zam Baolo.

Rubáro ritratto migno páio gartuxo Rigalengo. Pido inlus-tro amigne indiscobri ladró.

Gratificacó cento milareis.

Funzequinha.

Aóra io ariqué a bunita tio-ria du notabile Lacarato ingre-ze, o dott. Jerloco Olimes, i xiguê ingoppa os segunté ari-surtado, disposa di studiá molto bẽ tuttas fotograffia do lugaro do grimo, che mi mandó o Fun-zequinha.

Primiére: — O ladró é stra-niero e non acunhecia o Brasile, pur causa che si era brasileiro i acunhecia ista robba qui, tenia di sabé chi o Hermoze tem ca-guira chi péga na geníi chi mexi c'oelli.

Segundo: — O ladró devi tẽ dois metro venti de arto pur causa che o ritrattó stavo pin-durado a dois metro venti in-zima do chõ.

Tambẽ non é gordo maise di un centesimo di grossura, pur ausa qui nu saló andove stavo u ritratto, tutto stavo molto bẽ fixadinho i o ladró non putevo appassá sinó p'ru burraco da fixadura, i come istu burraco da fixadura, non tẽ maise di un centesimo di grosso, o ladró tambẽ non podi tẽ.

Intó io já sê chi o ladró é straniéro, tẽ dois metro venti di

arto e un centesimo di gros-sa. Ma guistu non basta Vedia-mo avanti!

Nu meie des fotograffia venia tamé un toquino di cigáro marea «bentiví» i un pidaço di papele rasgado i tutto scritto di

aquillo, o seu possuidor disserá estava ali a partitura d'uma opera a do Brotéro e versor Inedictos só viriam á luz quando elle, o cabelludo maestro não ste mundo,

o ritratto du Hermoze, mas guista robba io indiscobri n'un instantiguo.

O tal niazozante vulevo o ritratto pur causa que é proprio capolavoro, fatto da o Luigi Frango, o maise celebre pittore di «tabuleta» da zone.

Fatto istus indiscobrimenti, io vim lá inda a Villa Marian-na pur causa di sapiá o gioço, indiscobri lá un tale Fretas-alle, chi di acordimo c'oas in-vormagó di polizia stá sfazeno o mercatori di arti qui in Zam Baolo.

Mas, inveiz, pertigno d'elli non murava o tale Cavaliere da a garta io fiquê trapaglado, ma enoformo dize a regala «sardado veggio non si aperta». Intó io fui na padea e dissi para o La-carato:

— Dottore! non tẽ aí un ga-binetto di indenticacó un fun-zi-nario di dois metro venti di arto, un centesimo di grossa, che fuma e gáro bentiví, scrive versoses inedito i é prontó?

Aóra o Lacarato pigó tuttos archivio, viró, viró e achó lá un tale S. Machado, gritó co di arti du Pirathu con istus signalo.

Intó io co Lacarato mandemos prendé o tale S. Machado che interrogatto dissi che nu die 18 distu meza o sig. Fretasalle, mercatori di arti i autori do celebre libro de versoses «Ar-re-beato», mandó xamí elli i offe-recé p'relli di arubá o ritratto du Hermoze che illó apagava cingunta massoni.

Primiére o S. Machado non quize, ma disposa si alembró che «chi roba de ladró tẽ cento anni di perdó»...

I arubó!

(Cliché do Imparcial)

literatura chi ingontráro tambẽ nu saló du robbo.

Ora, é invidenti chi o ladró é fumanti i non tẽ atamo, cioè, é un prontó.

E' fumante pur causa che o toquinhó fui illo chi fumó i é prontó pur causa che o cigáro «bentiví» é o maise barato do l'Universimo.

O pidaço di papele stavo scritto cosí:

ha do pincel, tirou-lhe uma a adegas, queremos dizer p-eria do maior collecciondor etos de Arte.

copla, do original authentic, e que ha multas coplas da Gioconda e quem seja o original, está n'uma ca vivenda de Villa Mariana e quadro de Jonas de Barros e e outro do leão, o famoso leão adador do Cavallero. Está tapa-lagem o vê, E sabemos até que curioso que perguntou si era um

Come si vede qui stá o brutto imbroglío c'oa Gioconda, coa Villa Mariana, co Brotéro, ecc., ecc.

Invidentementi guista robba é una garta di qu'quere game-rata carregando outro di arubá o ritratto do «Giocondo» da Funzeza. Mediatamenti io aper-cibi che nista garta estava tutta a decifragó do iniguima i traté di ariconstituf a lettera sopra.

Disposa di molto lavoro intel-ltuale indiscobri che a lettera era d'un tale nigoziante di obi-getti di arti che sta morano inda Villa Marianna, pigadó c'un tale Juó di Barro, cavalliere officiali ingomendatore da ordi du lió, p'ra un otro sugetto che scrive versoses inedito arubá a Giocon-da, che nistu gaso non poda dixá di sé o ritratto do Hermoze.

Aóra faltava sabé pur che amutiva istu gamerata vulevo

EXPERIENTE

ARTIGOLO I — Chi insigná o Pirath non apaga o Rigalejo.

ARTIGOLO II — Chi non insigná apa-ga trezentó.

ARTIGOLO III — Istu giornale é o or-gano diffensore da proteçó p'ru animale.

ARTIGOLO IV — Du Hermoze da Fun-sega tambẽ.

ARTIGOLO V — Chi non vutá n o Luig Vampa p'ra governatore da Repu-blica sarà esguliambato nos anti-golios du Rigalejo.

ARTIGOLO VI — Non si ricepe né si disinvorve origali.

JUÓ BANANÈRE

Girente

Café Guarany
O-MAISE COTUBA

Rua 15 de Novembro

Sobre esse episódio, a pesquisadora Cristina Fonseca, em seu interessante estudo sobre a obra de Marcondes Machado e o personagem de Juó Bananére, lança a teoria de que a visão irônica da linguagem e da arte (acrescida de uma postura anarquista) presente em Juó Bananére se aproxima de alguns princípios do movimento dadaísta:

Juó Bananére foi, talvez, o único artista dadá do modernismo no Brasil. Mais exatamente, uma espécie curiosa de artista pré-dadá das artes brasileiras, já que ele antecede o dadaísmo europeu em pelo menos três anos, a considerar a data em que lançou “O Rigalegio” pela primeira vez em, em 1913. Sua obra tem características muito próprias, que o diferenciam num aspecto fundamental dos dadaístas europeus e americanos: ele não tem, como estes, uma visão pessimista de mundo; não propõe nunca a destruição do universo assentado pela destruição em si, mas sim como forma de “liberação foliona” da vida e da arte. Por isso, em seus textos, existe sempre uma intenção “brincante” de realidade. Sua desordem programada é sempre utopista e libertária. Isto só é possível porque ele é um artista do riso. Nesse aspecto, tem uma visão otimista de mundo e de linguagem (FONSECA, 2001, p. 88-89).

Entretanto, foi essa mesma ironia demolidora de Juó Bananére que colocou fim a bem sucedida parceria com *O Pirralho*. Em 1915, na ocasião da visita de Olavo Bilac à cidade de São Paulo, a revista não poupou confetes e lisonjas àquele que era o poeta mais aclamado do Brasil. Na contramão dos salamaleques – e pasmém, no mesmo número da revista – o *giornalista* também faz comentários sobre a presença “du Bilaco” na cidade. Ironizando o acontecimento, Juó audaciosamente ridiculariza a postura arrogante e elitista do príncipe dos poetas; mas o golpe de misericórdia se dá com a sensacional paródia macarrônica feita a partir dos poemas de Olavo Bilac. Com isso, Juó Bananére sucumbiu a sua própria arte: deixou de ser cômico e inofensivo para se tornar incompreendido e *persona non grata* para a redação da revista. Ora, Juó (Marcondes Machado) só antecipou aquilo que aconteceria anos depois sob moldes modernistas, isto é, a crítica severa contra Olavo Bilac e todos aqueles que estavam presos à feitura de uma arte acadêmica e, portanto, tradicional, imitadora, rebuscada e sem foco na valorização da cultura nacional.

Havia n’*O Pirralho* duas outras colunas com esta mesma configuração, isto é, que brincavam com o linguajar estropiado do imigrante e do caipira (ambas também ilustradas por Voltolino). O escritor e poeta regionalista Cornélio Pires, com o pseudônimo de Fidencio da Costa, assinava a coluna “Cartas de Xiririca” em que

narrava o olhar perplexo e cômico do caipira frente a modernizações da capital. Parceiro de Juó, Cornélio (Fidencio) usava do dialeto caipira para ironizar os cidadãos.

Figura 51 – 02/09/1911, número 4, p. 7

Já “O Birralha, xornal allemong”¹⁹ se assemelha ao estilo criado por Marcondes Machado, pois construiu uma linguagem macarrônica na mistura do alemão com o português. E assim como *O Rigalegio*, também foi uma revista dentro da revista.

Nos três casos, por trás da brincadeira com as variações linguísticas e o uso da paródia na composição dos textos, está um (novo) gênero que já naquele momento ousa se libertar das convenções do período. Entretanto, somente Juó Bananére ganhou vida independente e popularidade. Fenômeno de público, existiu para além de seu criador que, curiosamente, permaneceu desconhecido.

¹⁹ Não há a menor referência quanto ao colaborador desta coluna e durante todo o fichamento dos números não encontrei nenhuma evidência a esse respeito.

Correspondencia de Xiririca

Seô Redatô do
Pirraio.

Cumo eu vinha
dizeno, tomei no
primero dia ua
barrigada de riza-
da e perdi nho
Guiérme.

Notro dia, qua-
no sahi de um ho-
té de déstão o
poiso, fiquei da-
nado da vida c'o a
pirraçada uns in-
talianinho baruien-
to que nem bai-
taca na roça de mio
u tiriva na arve-
de fruita! O praga

dos quinto!

Despois fui percurá um bonde,
esse dianho desse vagão grande
que anda assustano a gente na rua.
Campiei inté achá um que ia na
casa de nho Rodorpho das Miran-
da, um bonde que dizia *Reser-
vado*. . . O desgraçado do home co-
bradô me tropelô do bonde disque
aquillo num era p'ro meu *órada-se*.

Cum muito custo, eu que já tava
cum reiva de tá largado na rua
por nho Rubião, no virá ua es-
quina, rumei ua imbigada. . . advi-
nhe inê quem seô redatô! — No
meu amigo e quase compadre nho
Rodorpho!

Ota alegria! Taquei um abraço
nelle e fomo bebê um *quentão* nua
casa e vê butica, chamada *Caste-
lão*.

Ahi intão-se eu contei prelle que
fui largado que nem cachorro sem
dono e elle viu que meu beico tre-
mia de reiva!

— Num farmá, Fidencio; você
vae assisti no *Hoté Visuvio* e eu
pago a diaria c'oas cundição d'ocê
riuni os vótante do bairro p'ra
mim.

Eu fui logo aceitano, só p'ra
morde desfeiteá nho Rubião.

Na vespra de eu vim simbora
nho Rodorpho me mandô por nho
Futelle, u Fidelle num sei cumo é
o nome, um mundo de muda de
covê, quiabo, abóbra, mandioca
e batata que eu já samiei p'ra a
visinhança.

Aquelle que é home bão! Elle
disse que vae nomeá eu espetô de
quarterão, coroné da guarda nacio-
ná, e diretô da prantação! Ahi é
que vô se arregalá, e eide distri-
buí p'ros parcero pulitico um
mundo de fexe de *papum* pr'as
cochera. . .

Sem mais inté otra vista.

Fidencio da Costa.

Figura 52 – 26/08/1911, número 3, p.11

Xornal allemongs
Rettatorr - refe Brofezorr Peterslein

Anno brimero
Numero drinda e zede
Zinaturra: tois lidros
zerfexes

O Biralha

Zan Baulo, brimero te Junho nofezendo toje

O vamilia allemong

Adé oxe demos valato noss goises to-Allemanhes, mas borém ainta nong demos dito a brasser te vasser o egzagda tesgribzong to vamilia allemong, gue intsigudifelmente, esdá o melhiór e mais fatorósse e mais ponide no inderro munto!

Esdá muido inderezande o xenealogia tos allemongs; muido crantemende inderczande e ung esduto tivizil, borguê esdá no mais remodo andieuitate.

Demos castado fez annos barra vazer as esdudos nezarios. Os opras gue a resbeido egzisdem no Ailemanhes, esdong crantemende numerosas. Demos *Deutschland und die Deutschen*, ta brofezor togdor vilozofo Hermann von Wasserstükl, lende te muidas uniferzitades — esde opira esdá gombosda zomende te tois zendo zedenda e tois folumes xá bupligados, valdando ainta o bupligazong tos abundamendos dômadós bela zubre-tigdo brovezor, gue, tefido a zua morde, zerão bupligadas por zeu mulher, gue dampem esdá uma imbordandemende illudre zápia -- e gue escreferem dampem sobre a azumbdo, demos ung zerrie te vilosovos: J. Trinkedich, F. Küsselhm, L. Keinwassertrinkt, A. Immerbeswen edz. edz. edz.

O gollezong te esdes lifros, esdá no piplidoga an-

Der sehr important allemongen

NEUEN

Mang sagt toden allemongen das Kommera hier, sehr brefemende, ein important deutsch. Toden sind prevenierten für ein granden manivesdazionem vasser. Herr Maxor Peterslein ficará deu official orador esdato. Toden werden beber vielenjopen.

Wird enkontrad sein, amananen manhanhen, schönes Allemonges Mocinhos, in Antonio Prado Platz, 8 morgens, das Kassament procuranden ist. Sie está sehr poniten und têm Geld.

adrobolixiga te Perlin, gue esdá ogubanto o zubervizie te tussentos vinde médro, guarenta tois decimédros, finte cendimédro, zessenda millimédros guatratos, isdo é, tussendos finde quadromédros, tois cendimédros edz. e gondem o inzieniviganzia de quatro pilliões, drinda e nofe milliões tuzentos e tois mil e guarenta e zingo lifros, tos gues nofezendo zingoenta e tois, zopre o balbidande azumbdo do xerazão to munto.

Endong, tesbois te craves e loucos esdudos, esdife jecando na gonglussão te gue o munto esdefe, deste o brinzibio, berveidamente allemong! As esgribdores esdam unanimes barra tisser isdo, te môto gue nong esdá bozifel o duvita no gazo brezende.

Barra revorzar mais ainta o azerzão esdife gonzuldanto as homens illudres, indelixendes e insdruídos, gomo esdam a togdor Xota, Xota e oudros. A zubra ticta togdor esdefe embredanto barra mim ung felha vodogravia, no qual esdá glaramende brofato gue mesmo na Baraiso, a Atão xá pepla jóbs e ussava a gabazete milidar e o Efa gomo bon esbosa, zerfia elle, gomo vazem oxe o allemongsinhos gue esdán drapalhatores. Esde vodocrafia esdará zendo bupli cata na brozimo numero.

Peterslein, vilosovo.

Figura 53 - 01/06/1912, número 43, p.14

3.3 LE ENFANT TERRIBLE: A MARCA DE OSWALD DE ANDRADE N'O PIRRALHO

A inquietude natural do jovem Oswald de Andrade torna-se uma possível explicação para sua participação descontinuada na revista: por várias vezes arrendou *O Pirralho* e por outras tantas reassumiu a redação, entretanto, afastado ou não da direção e sempre envolvido em outros projetos, nunca deixou de ser um colaborador. Sua trajetória n'*O Pirralho* é muito significativa, pois traduz as novas formas de enfrentamento e posicionamento diante de um momento de muitas, e profundas, transformações. Dito de outra forma, Oswald de Andrade já demonstrava sua vocação para o novo, ou seja, inquieto e curioso sempre estava em busca de experimentações; sua personalidade já dava indícios do grande agitador cultural que estava por vir.

Figura 54 - 10/02/1912, número 27, p.16

Figura 55 – 16/03/1912, número 32, p. 14

(Ambas as ilustrações acima fazem referência a ida de Oswald para a Europa e seu novo posto de correspondente internacional d’O Pirralho)

Mas, enquanto isso, o jovem era pura ambiguidade e contradição (e diga-se de passagem, estes dois aspectos o acompanhariam até o final da vida). Retomo o que já disse anteriormente: Oswald de Andrade era um homem de seu tempo – um tempo de transição – cheio de dualidades, ainda preso a padrões formais de socialização, na mesma medida em que já despontava para a ruptura, dando sutis sinais de iconoclastia (é claro que sua primeira viagem a Europa, em 1912, e o contato com as vanguardas contribuiu enormemente para isso):

(...) um Oswald pré-modernista, de cavanhaque alourado, lembrando um oficial da guarda imperial russa, escrevendo em colaboração com Guilherme de Almeida peças em francês (*Mon coeur balance*) e saudando Emílio de Menezes em vesperais parnasianas. Apesar disso, já revelava o futuro autor de *Serafim Ponte Grande* e os pruridos iconoclastas que iriam caracterizá-lo. Mantinha a seção “Lanterna Mágica”, onde em meio a muitas crônicas anódinas se mostrava não raro combativo. Em *O Pirralho* publicara alguns capítulos das *Memórias sentimentais de João Miramar*, romance cuja forma submetida a completo desmonte iria produzir a versão modernista do romance lançado em 1924 (BROCA, 2004, p. 312).

Outro aspecto da personalidade de Oswald de Andrade – que se acentuaria muito com o passar dos anos, o tornando famoso por isso – era o temperamento combativo (e brigão). Some-se a isso, uma pitada de arrogância, visto que Oswald devia considerar *O Pirralho* a revista mais original do planeta, portanto, era comum o jovem atacar (por meio de pequenas notas na revista) outros periódicos que, segundo ele, estavam copiando seu periódico em uma ou outra coisa. Contudo, também era do gosto de Oswald de Andrade tripudiar em grande estilo como, por exemplo, na publicação d'A *Fita Moderna*, que fazia paródia de uma publicação literária de circulação na cidade de São Paulo e com grande receptividade junto ao público leitor: *A Vida Moderna*, lançada em 1907 e rival d'O *Pirralho* que, segundo Brito Broca (2004), ambicionava ter a importância e o alcance nacional da revista *Kosmos*, editada no Rio de Janeiro. E é claro, a versão d'O *Pirralho* ganhou o privilégio de ser, assim como *O Rigalegio* e *O Birralha*, uma revista dentro revista.

No caso específico d'A *Fita Moderna*, o jovem optou por desqualificar a publicação, tirando dela qualquer indício de respeitabilidade. Como? Em primeiro lugar, a revista era de propriedade de “um sindicato de bicheiros”; ora, naquele momento, havia uma forte campanha de repressão na cidade de São Paulo contra o jogo do bicho e *O Pirralho*, partidário da causa, lançava muitos textos salientando as consequências nocivas do vício nos jogos de azar (lado de bom moço da revista). Portanto, uma publicação que tinha por dono um bicheiro não poderia, de forma alguma, circular no interior das boas casas de família. Para completar, o redator-chefe era o Conselheiro Acácio, personagem da obra *O primo Basílio*, do célebre escritor português Eça de Queirós; político burocrata e convencional, era medíocre, um falso moralista e dono de uma pretensa erudição, portanto, logo se vê que o redator não se constituía em modelo de cidadão a ser seguido e respeitado.

Embora o propósito d'A *Fita Moderna* tenha sido ridicularizar a rival d'O *Pirralho*, é preciso destacar a sua originalidade, sobretudo no que diz respeito ao emprego da linguagem humorística. E, mais precisamente, me refiro aquilo que Bakhtin chama de a “linguagem familiar da praça pública”, caracterizada basicamente pelo uso frequente de grosserias (BAKHTIN, 1993, p.15). Nesse sentido, a linguagem empregada n'A *Fita Moderna* era degradante, mas tinha como objetivo provocar o riso, tal como nos festejos carnavalescos com sua inversão de valores; ao mesmo tempo tira da versão original sua aura elitista, sua posição elegante. Foi a maneira nada convencional do jovem Oswald expor sua opinião e expressar uma crítica (independentemente dela ser justa ou não).

A FITA MODERNA

Propriedade
de um syndicato de bicheiros

Cavação Paulista

Redactor chefe: Conselheiro Acacio
Collaboradores diversos

Jornal humorístico, genero funebre

• Memento homo quia pulvis est.

As gartignas d'Abax'o Pigues

Lustrissimo dottore Amançu

Io, desdo pichinigno che tenia una brutta vulunús di ingolaborá ingoppa a vostra impopulare i nutavile rivista, a FITTA.

Ma o signore non é capaze di divigná quale é o mutive de ista minha vulun-tá?!

Si o signore divigná io ti dó uno arillogio Roscoppio, marca intaliana, che mi fíz presente o Luigi Vampa.

Eh! u che!! o signore non divigna!

Io vulevo pur causa che o signore é u migliore prufettore do o giogo do os bixo, che io stó facendo a Ameriga c'ueilli.

Pur ista amutivo urganiso p'ru signore os pretésto da maise grande stíma i inconsideraçó.

Juó Bananerigno

Capitotenento inda a briosa

POSTESCRIITTIGNO—Io insigno Juó Bananerigno, pur causa che é a gartigua.

IO TAMBIGNO

ACRÓSTICO

E' bella e faceira
De olhar bello e vivo
Innocente bregeira
Tem o semblante captivo
Humilde é feiçeira.

Arthur M. Junior

Privilegio

Não se trata do privilegio de exclusividade que é privilegio da nossa privilegiada revista

Trata-se de uma alegria larenta (do lar).

Não se trata porém de um filho nas

cido nem de uma filha também nascida. Trata-se (estamos confusos e não com fusos).

Mas como iamós dizendo — é um privilegio que o governo acaba de privilegiar o nosso chefe director e distincto Manuel Pagante.

S. exa. (vamos dizer commovidos) inventou um de fazer vélas sem pavio!!!

Cacao, Confeitos, Chocolate garantidos purissimos só os da Casa Falchii.

Pensamento

Herculano é o Beethoven, e eu sou o maestro Carrapatini da lingua portugueza.

D. SYLVIO DE ALAMEDA

— Eston precisando de uns cobres, seu Mané.

— Hoje não pode ser: a barbuteta estava muito carregada.

A DYSPEPSIA DO GENIO

POEMETO
DE
Saturbosa Burnino

Um dia em que me achei coçando o umbigo,
Na postura bizarra de um fakir,
Acudiu-me á lembrança o plano antigo
De algo escrever que me fizesse rir.

Recordei-me de um sonho que tivera,
Sonho de poeta, sonho de cientista,
Arrebatado pela azul esphera,
E'brio da phantasia de um artista.

Não vol-o contarei em verso tardo,
O meu sonho, mui vago e mui subtil
Para caber no deste pobre bardo
Metro ronçeiro, archaico e—ai!—Infantil.

A INDIGESTÃO

De azas aos hombros, voo.
Subo até aos astros e aos planetas.
Sedento, exausto,
Sorvo gulosamente o leite da mamica de Venus.

Mas ai! cáem-me as azas,
E eu também cáio.
O leite astral
Dêra me uma indigestão.

DEZ ANNOS DEPOIS

Nunca pude curar-me dessa indigestão.
Fiquei dyspeptico.
E' que um pobre mortal não pôde impunemente
Mamar, como eu mamei, num astro.

A Historia do Leão, da Onça, do Burro, da Vacca, do Porco, do Macaco, da Barbuteta e do Surucucu

Roman de Mers

por
J.

com o pseudonymo de Pingueirão

I PARTE

CAPITULO 1

De como havia um Burro, um Porco e uma Vacca

Era uma vez um palz grande, grande que ia embora por charnecas, campos, ca-

fesacs, florestas, verdes collinas, montanhas, rios, pedreiras e vastas, vastissimas campinas.

Então num chiqueiro havia um Porco. Na estrebaria havia um Burro e na leiteira havia uma Vacca.

O autor por falta de espaço e não pela de esquecimento, deixa aos amáveis leitores a composição psychica dos tres personagens que vem da surgir como appareces necessarias ao curso do romance.

Apenas nos resumimos a declarar que o Burro trabalhava o dia inteiro, o Porco

comia o dia inteiro e a Vacca leitava o dia inteiro na leiteira.

CAPITULO 2

De como o Porco virou a cabeça do Burro

Então o Porco, que era anarchista, um dia foi na estrebaria do Burro e disse para o Burro:

—Você trabalha o dia inteiro, porque não dá ás de Villa Diogo..

—O Burro deixou-se seduzir pelas infameis palavras de Mestre Porco e, sem mais espera vem espóra, pregou um par de coices na estrebaria, cabiu a casa, e galopou pelo campo á fóra.

Mas Oswald de Andrade tinha outras formas de manifestar sua opinião e dentre elas estava a coluna “Lanterna Mágica”, que abordava diversos temas. De política à literatura, o aspirante a escritor teceu algumas crônicas bem singulares, nas quais já se é possível perceber as mudanças no discurso, isto é, a roupagem conservadora em Oswald ia dando lugar a figura de controverso e, mais do que isso, tais textos passam (devagar) a questionar os moldes da cultura vigente. O maior exemplo disso está na “Lanterna Mágica” de 02/01/1915 (número 168, p. 6, 7 e 8), com o famoso artigo intitulado “Em prol de uma pintura nacional”, em que Oswald de Andrade já dá indícios de uma preocupação com a valorização da cultura brasileira. Na crônica, o jornalista traça uma espécie de elogio ao pintor Almeida Jr. que, segundo ele, era o único que, naquele momento, detinha o título de precursor de uma pintura nacional, pois seu trabalho expressava “a tendencia do typo nosso, em paysagem, em estudos isolados de figuras ou composições historicas de grupos”.

Este emblemático artigo é, na realidade, uma crítica aos pintores nacionais, sobretudo àqueles que tiveram o privilégio de obter a bolsa de pensionato artístico financiada pelo estado que, embevecidos com a vivência europeia, tratam, logo que retornam ao país, de renegar todo e qualquer trabalho que tenha como inspiração os tipos e as paisagens do Brasil. Para Oswald, o grande equívoco desses pintores está justamente no fato de que eles absorveram e sacramentaram uma visão estilizada da Arte (com a maiúsculo, segundo a fina ironia do jornalista) em que só se é possível conceber a paisagem a partir da “noção polida e calma”, típica da Europa. O jovem crítico acredita que no encontro com a “nossa natureza tropical e virgem, que exprime luta, força desordenada, e victoria contra o mirrado insecto que o quer possuir”, tais pintores são tomados de pavor. Oswald encerra o texto salientando que a razão do pensionato é somente oferecer a aprendizagem técnica, e que “incorporados ao nosso meio, á nossa vida, é dever d’elles [os pintores] tirar dos recursos imensos do paiz, dos tesouros de côr, de luz, de bastidores que o circumdam, a arte nossa que afirme, ao lado, do nosso intenso trabalho material de construção de cidades, e desbravamento de terras, uma manifestação superior de nacionalidade”.

Acredito que, em alguns momentos, a participação de Oswald de Andrade n’O *Pirralho* foi tão intensa que é possível presumir que o jovem estava por trás de muitos textos e colunas, sempre fazendo largo uso dos pseudônimos. No entanto, para a comprovação desta suposição seria necessária a autenticação, por meio da análise aprofundada do material por um especialista na obra do autor. Tomei por base as colunas em que ele assina com o verdadeiro nome e, a partir daí, pude estabelecer as semelhanças de estilo: a prosa de afronta e combativa, a ironia provocativa, um tom de humor bem particular, entre outros aspectos. Mas tudo não passa de conjectura.

3.4 OUTROS TRAÇOS, OUTROS NOMES

Voltolino foi, sem sombra de dúvida, o grande timoneiro d'O *Pirralho* e sua importância lhe confere o *status* de grande artista da vida paulistana desse início do século XX. Contudo, já observei que a colaboração de Voltolino a partir do último ano da revista vai ficando menor, tanto que há alguns números sem nenhuma ilustração dele. Muitas podem ser as razões, entre elas está o ritmo intenso de trabalho do artista que, já um ilustre conhecido, era solicitado para colaborar em dezenas de outras publicações. Para preencher este espaço deixado por Voltolino, a redação contou com a participação de vários caricaturistas e ilustradores. Dentre estes temos o ainda jovem Emiliano Di Cavalcanti. Muitos construíram, a partir do trabalho na imprensa, uma sólida carreira no cenário artístico nacional. Outros apenas figuraram naquele momento, sendo posteriormente esquecidos.

Figura 57 - 12/05/1917, número 237, p.10

Naquele momento, a cidade de São Paulo oferecia oportunidade de profissionalização e, principalmente, um emprego àqueles que, porventura, decidissem viver do desenho:

(...) São Paulo oferecia aos interessados em desenho alguns lugares para se formarem e várias revistas para exercerem suas atividades. Pode-se pensar que São Paulo representava para os artistas do lápis um grande campo em expansão para trabalharem. Já o Rio, apesar das várias revistas ilustradas que viu surgir na mesma época, tais como *O Malho* e *Fon-fon!*, tinha um grande número de artistas visuais já formados pela Escola Nacional de Belas-Artes. Praticamente todos os grandes nomes do gênero na época estavam trabalhando no Rio, ao passo que em São Paulo, talvez pelas instituições voltadas ao ensino das artes serem mais recentes, o campo ainda possuía postos abertos para os novos artistas, que, como Di, quisessem nele ingressar (SIMIONI, 2002, p. 58).

Além de Di Cavalcanti, outro artista também deixou sua marca nas páginas d'*O Pirralho*: Ferrignac (pseudônimo do artista Inácio da Costa Ferreira). E ambos imprimiram à revista um traço absolutamente distinto de Voltolino: não havia a existência de um humor debochado e de um desenho explosivo, carregado de significados. Tanto Di como Ferrignac tinham traços mais leves, sintéticos; e o humor vinha por meio de uma fina ironia.

Figura 58 - 20/04/1917, número 234, p. 3

Essa primeira fase da trajetória artística de Di Cavalcanti nada tem a ver com o artista que brilhou, mais tarde, por conta de um trabalho voltado à interpretação da realidade brasileira. Ao contrário, pois nesse início de carreira, temos um Di Cavalcanti

fortemente ligado às tendências da *art nouveau* e às correntes artísticas europeias do fim do século XIX. No entanto, é importante ressaltar que é nesse exato momento que se dá o ingresso do artista no cenário artístico brasileiro e sua contribuição no mundo da imprensa – pouco festejada pelos críticos, inclusive há quem desconsidere esse material – é extremamente importante para que se compreenda a totalidade do artista. É sempre oportuno salientar que a concepção de arte no Brasil ganha outras conotações a partir do movimento modernista. Inclusive, como já observei antes, a produção artística e literária do período em que está inserido *O Pirralho* (o chamado pré-modernismo) é comumente analisado através da Semana de 22 e seus desdobramentos. Ora, Di começou sua carreira sob o clima da *Belle Époque*, portanto, não dá para simplesmente negar (ou apagar) o aspecto mundano e refinado de seus trabalhos neste período.

Ferrignac também é um artista fortemente influenciado pela estética do *art nouveau* e tal como Di, tem uma maneira muito particular de retratar a figura feminina; esta é longilínea e o traçado claro, seguro, com contornos ondulantes e/ou geométricos, conferindo a imagem um ar de sofisticação. Entretanto, diferente de Di, que teve uma carreira ascendente, Ferrignac²⁰ foi um daqueles artistas que esteve a margem do movimento modernista e, talvez, por isso acabou sendo esquecido.

Figura 59- 2ª quinzena de setembro de 1917, número 244, p.15

²⁰ Ferrignac (1892-1958) foi muito próximo de Oswald de Andrade, tendo tomado parte do grupo que reunia Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida e Leo Vaz na garçonnière da rua Líbero Badaró. Dessa união nasceu o livro "O perfeito cozinheiro das almas deste mundo", encabeçado por Oswald, no qual é possível conferir a participação do artista.

A parceria entre os dois artistas é bastante profícua²¹, o que rende, em 1917, uma interferência gráfica transformadora na revista com a inserção de novas vinhetas e cabeçalhos. E é uma pena que a revista, nesse mesmo ano, tenha chegado ao fim, pois se levarmos em consideração tudo o que já tinham feito até então, é de supor que outras surpresas inovadoras estavam por vir.

Figura 60 - 22/06/1917, número 239, p. 5

²¹ Também é possível observar parceria entre Di e Oswald, cujos resultados podem ser vistos na publicação seriada do romance "Memórias sentimentais de João Miramar", com a ilustração do artista (O Pirralho, número 238, p. 7)

Figura 61 - 05/05/1917, número 236, p.14

Ella. — Eu cá também *non ducor, duco...*

Figura 62 - 12/05/1917, número 237, p.14

♦♦♦ O trocadilho teve a sua phase aurea no mez passado, quando o Morse o Cyro e o Paulo Arantes se encontravam diariamente na secretaria de Palacio.

Uma tarde, o Morse entrando perguntou, batendo numa das mesas.

— Esta madeira é boa?

— Não, faz o Cyro.

— Pois então é mamadeira.

D'ahi a pouco vingava-se o meigo e fidalgo official de gabinete do Dr. Altino:

— Disse hoje o papae que se este frio continua, eu vou mas é para a Russia.

— Como, pois lá géla, observou o brilhante jornalista.

— Sim, mas anda um eterno tempo quente!

Seguiu-se uma serie de horribeis calembourges, uma verdadeira chuva de pilherias arrasantes, na qual tomou parte activa o Capitão Afro que apparecera tambem.

— O' este é vagabundissimo! Pelo amor de Deus! Piedade! exclamavam uns para os outros. De repente diz o Capitão Afro:

— Vocês não acham que o Paulo já tinha este ar antes?

— Este é bom, disse um.

— Qual, respondeu o calmo calouro acho simplesmente afroso!

☿ ☿ ☿ Depois que o Moacyr Piza deu para ser trocadilhista nem o velho campeão Morse o alcança. Logo apos ao almoço a Vicente de Carvalho no Trianon, dizia o poeta satyrico ao Alcyr:

— Ha um erro de revisão no nome de seu pae.

— Como?

— Porque elle *Rein alto*!

Ainda a proposito do discurso do Dr. Reynaldo Porchat, elle commentava em uma roda.

— Desta vez não foi gato por lebre, foi lebre por *chat*!

□□□□ Effectivamente o gordo jornalista é um *parvenu gaffeur* na carreira...

E depois — meu Deus! — como inabilmente se denuncia nos menores gestos, no indomável mau gosto pelas cheviottes claras, no sonoro estylo de sublime pompa.

A coluna "Feiras das vaidades", que aborda o colunismo social, tão comum n' *O Pirralho*, é o resultado da reformulação gráfica realizada por Ferrignac.

O Sport no Rio e em S. Paulo

O inicio da temporada de 1917. — O Prado
das surpresas e dos "craks" inesperados —
Irá longe a temporada?

Turf carioca

As ultimas corridas no Derby e no Jockey Club. Os grandes Premios "Rio de Janeiro" e "Jockey Club de Buenos Aires" — Marne e Gallia.

Duas brilhantes corridas effectuam nos dois passados domingos as sociedades cariocas. Alcançaram o successo retumbante que caracterizam as suas grandes festas. Na reunião promovida pelo Derby Club effectuou-se a disputa do "Grande Premio Rio de Janeiro", uma das provas mais importantes do nosso turf, pois marca o encontro da turma dos animaes, exchangeiros de 3 annos. A realização dessa pugna despertou agradável impressão na colossal assistencia, e terminou pela victoria esperada, mais brilhante de Marne, que derrotou Blitz, Solidago, Grave, Knight e Drina, animaes dos melhores da turma.

O heróe da carreira, é um excellento potro inglez, filho de Onadalfa. Seu entraineur, o provector Ameico Azevedo, quasi nada o fez correr anno passado, desde quando está o magnifico animal aos seus cuidados, rouxe-o no fim do anno para S. Paulo, e aqui, o potro melhorou consideravelmente, tendo até ganho diversas carreiras brilhantes, tornando-se assim depositario das maiores espe-

ranças dos seus proprietarios, os srs. Mesquita e Carrão. A victoria do Marne collocou-o no primeiro plano da turma, da qual elle é considerado, por isso como o *crak*.

O "Grande Premio" Jockey Club de Buenos Aires" instituido com fundos offerecidos pela sociedade que lhe dá o nome, para animar a importação, pelo Brasil, dos productos argentinos, teve tambem uma disputa brilhante, muito embora se contasse, de antemão, com a victoria de Gallia, uma excellente potranca argentina.

A filha de Gallia foi o primeiro animal, até hoje, que logrou ganhar as duas provas effectuadas pela sociedade turfista porteña. No mez passado ganhou o premio Republica Argentina, embora apertadissima pela linda potranca paulista Bailarina, laureada na exposição do Jockey Club Paulistano. No pareo de domingo, fez o *doublet*, batendo Boa Vista, um desenvolvido potro nascido no Rio de Janeiro e premiado na exposição do Jockey Club, e sua companheira de boxe Lutetia e outros concorrentes de paizes respeitaveis.

❖ ❖ ❖ O grande premio Cruzeiro do Sul cuja disputa no Jockey Club, do Rio de Janeiro, se effectuou no primeiro domingo do mez corrente, marcou mais uma brilhante victoria para a criação paulista, cujos productos, aliás, já figuram na maioria na lista dos

vencedores da importante prova para animaes do paiz, promovido no Brasil.

Levantou-o um excellento cavallo paulista, Hurrah! nascido no Haras S. José, e criado pelo actual proprietario o sr. cel. Limeira de Paula Machado, como tambem daquelle estabelecimento de criação. Com esse triumpho o sr. Paula Machado inscreveu o seu nome como um dos criadores paulistas cujos creoulos tinham ganho mais de uma vez o grande pareo.

A proposito do triumpho alcançado por Hurrah! vem a proposito mencionar-se as phases principaes da performance do filho de Jumpnet e Amandine. Hurrah! aos dois annos, quando ainda inedito era considerado um assombro, tal a sua velocidade. Justamente por ser tudo nesse honroso concerto, foi por demais sacrificado nos seus trabalhos, o que produziu uma apparente decadencia do animal.

Assim, as suas carreiras ao lado dos seus companheiros de turma foram sempre pessimas. Apoz um periodo de verdadeiro martyrio para o cavallo, veio elle para São Paulo; aqui o seu entraineur, livre das vistas do patrão tendo a convicção de que o animal estava sendo morto pelo trabalho demasiado, levou-o com cuidado. Dois ou tres mezes apoz, as condições do Hurrah eram taes que todas as pessoas que o viram trabalhar na Mooca foram, de novo, da opinião de que o filho de Jumpnet não teria mais competidor na turma. E os factos, ao que parece, se encarregam de demonstrar essa asserção.

Taças-Hebé e Fucks

No proximo domingo, na Capital Federal, será effectuado o en-

O logotipo da coluna dedicada aos esportes ganha uma nova leitura elaborada por Di Cavalcanti

Figura 64 - 22/06/1917, número 239, p.17

APÊNDICE - A PRESENÇA DA ART NOUVEAU N'O PIRRALHO

O movimento *art nouveau* surgiu na Europa e caracterizou-se por sua ampla penetração nas artes aplicadas (arquitetura, artes gráficas, mobiliário, objetos de decoração, design de joias etc.). Segundo o professor e historiador de arte Flávio Motta, “o período mais agudo desse movimento se insere entre 1892/93 e 1914. Começou assim com o sentido metódico adotado pelo arquiteto Victor Horta (1861-1947) na Maisson Tassel, em Bruxelas, e terminou com a Primeira Guerra Mundial (1914-18)” (MOTTA, 1983, p. 452).

Tido como renovador, esse movimento nasceu a partir da ruptura com as tradições – crise da pintura acadêmica –, o nascimento do simbolismo, o interesse dos europeus pela arte japonesa (desde os impressionistas) e, principalmente, a busca de uma nova arte que pudesse representar a realidade social marcada pela industrialização, o avanço das tecnologias, o progresso e a urbanização.

Com um estilo que impressiona pela beleza, delicadeza e elegância das formas, a inspiração dos artistas da *art nouveau* veio da natureza:

Na verdade, os artistas do movimento idolatravam a natureza, mas por “natureza” referiam-se a uma cálida e intensa vitalidade natural cuja expressão não deveria ser feita pela imitação de suas manifestações superficiais. O que propunham era uma busca das raízes mais profundas da criação natural, para descobrir os processos ocultos que determinam o crescimento e o desenvolvimento das plantas e dos animais. Deviam dominar a quintessência da natureza e extrair dela o patrimônio de estruturas fundamentais e sintéticas subjacentes às diversas formas da vida animal e vegetal. Eis porque os traços estilísticos mais óbvios do *art nouveau* são as formas fluidas e as linhas entrelaçadas e coleantes, cujo propósito era representar o processo interminável da criatividade natural. Resultam daí as formas orgânicas, biomórficas e fitomórficas que, nas obras do *art nouveau* – seja na arquitetura, nos móveis, na cerâmica ou nos cartazes da propaganda –, impressionam à primeira vista (BARILLI, 1991, p. 13).

No Brasil, a *art nouveau* aconteceu com uma certa defasagem em relação à Europa e, por conta disso, estendeu-se um pouco além do período que marca o final do movimento. Contudo, a aquisição desse estilo por nossos artistas se deu mais pela intenção de afirmar o ideal de modernidade, do que precisamente numa reação ao academicismo.

Figura 65 - 18/07/1914, número 151, p. 2

Nesse contexto, a entrada do movimento no Brasil coincide com uma atmosfera de efervescência cultural e dinamização da imprensa. Por isso, a *art nouveau*, aplicada às artes gráficas, marcou tanta presença no meio jornalístico, editorial e publicitário do país.

N'O *Pirralho*, a *art nouveau*, aliada ao projeto gráfico moderno e de qualidade, se fez presente na composição dessa arrojada revista. Os ornamentos espalham-se por suas páginas e não é raro topar com uma delicada flor estilizada (símbolo do movimento) ao lado de uma caricatura de Voltolino, por exemplo.

Figura 66 - 13/12/1913, número 121, p.4

Entretanto, esse estilo é utilizado largamente na ornamentação das muitas seções, colunas e ilustrações d'O *Pirralho*, conferindo a estas páginas um aspecto de delicada beleza.

Figura 67 - 2ª quinzena de fevereiro de 1917, número 232, p.18

Figura 68 - 27/06/1914, número 148, página 7

A união dos elementos florais com figuras femininas é outra característica da *art nouveau*:

As composições florais, na sua graça ondulante, encerram uma sensualidade e delicada suavidade, que evocam naturalmente a mulher. E tão naturalmente que a mulher acaba por se unir à flor nas representações cénicas do panorama da Arte Nova. (...) Os tipos femininos libertam-se, quer representando danças felizes, como nos cartazes de Chéret, quer nas elegantes estilizações de Mucha ou na morbidez de Klimt. (CHAMPIGNEULLE, 1973, p. 94).

N'O *Pirralho* essa representação estava presente nas molduras dos poemas publicados e no columnismo social; mas foi principalmente nas páginas destinadas à propaganda que este modelo estético encontrou toda sua criatividade e requinte, pois tornava a campanha e produto atraentes, estimulando o consumo. Não se pode deixar de mencionar a contribuição de muitos artistas, que encontraram na publicidade a garantia de emprego e, de certa forma, a divulgação de seu trabalho, já que cada um deles agregava aos reclames uma marca própria.

Filhas de Eva!

«Deve temer-se mais o amor de uma mulher do que o odio de um homem»
SOCRATES.

Temer o amor de uma mulher bonita / . . . E' boa! Só mesmo Socrates teria essa opinião . . . Uma sentença assim não parece ter sahido da cabeça de um homem! . . . Não podemos de maneira nenhuma concordar com o philosopho. Demais Socrates, foi injusto e de uma severidade de arrepiar os caellos . . . Tambem nem tanto ao mar, nem tanto á costa . . . Ao revéz de Socrates, um insigne poeta da nossa geração, como todos os poetas que não são philosophos, tem mulher em outra conta, tanto que em suberbs versos diz:

"Meu amor, se andas perdido,
Sem saber quem te perdeu
Nos meus olhos tens a escada
Por onde se sobe ao céu"

Ora! E' facto que se não pode negar: O Paraíso existe. Todos o a'mejam. E' cubicado . . . E para se lá chegar? Quantos soffrimentos, quantos tropeços, quantos trabalhos sem conta! No entanto o vate sonhador nos diz que temos nos olhos da mulher o roteiro seguro, sem desvios, sem encruzilhadas para se chegar ao céu!! Deante de tão ponderado conceito o homem deve temer o amor de uma mulher? Nunca! Nunca jámais! Nós deixamos o philosopho em terra e embarcamos na canção com o poeta, e certos estamos que inúmeros serão os nossos companheiros. E assim sendo, lembramos-lhes, de vespera, a CASA FREIRE, que é alli ao Triangulo, á rua S. Bento, aonde se tomam as passagens.

Rua de S. Bento, 34-B

CASA FREIRE

Figura 69 - 25/01/1913, número 75, p.34

Figura 70 - 27/03/1917, número 233, p. 28

O Pirralho

SONETO

II

(Do Livro em publicação "NÓS")

*Eu não sei quem tu és. Sonhei-te linda,
amei-te em sonho e vivo neste sonho
Para encontrar-te, numa dor infinda
puz-me a caminho, pallido e tristonho.*

*Tu não sabes quem sou. Sonhas-me ainda
a alma triste dos versos que componho.
E, suspirando pela minha vinda,
pulsa, em teu peito o coração risonho.*

*Sonhamos... Quando, um dia, eu fôr velhinho,
hei-de encontrar-te, velha no caminho...
E, juntos, cambaleando, aos solavancos,*

*nós levaremos, pela tarde calma,
toda uma primavera dentro da alma,
todo um inverno de cabellos brancos...*

Guilherme de Almeida

Figura 71 - 20/04/1917, número 234, p.6

Figura 72 - 01/02/1913, número 76, p.30

Tida por muitos como um estilo de arte típico da *Belle Époque*, voltada exclusivamente para satisfazer a necessidade da elite de apreciar beleza, carregada de futilidade e tendo como única finalidade o ornamento de objetos de uso doméstico e pessoal, o *art nouveau* ainda hoje não encontra um conceito definitivo, ou melhor, não há sobre esse estilo estético uma única conceituação. De acordo com Champigneulle, a *art nouveau* é, antes de mais nada, um estado de espírito; além disso, afirma que toda a arte é, a princípio, nova, portanto “esta merece perfeitamente o título” (1973, p. 104), posto que anunciava um mundo novo. Contudo, vale lembrar que esse movimento nasceu de ideais de renovação e, mesmo sendo um estilo de apurado senso estético, deve-se levar em consideração o importante papel desempenhado na evolução e modernização das artes gráficas e do design de um modo geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de mais nada, é importante iniciar este esboço final observando que *O Pirralho* foi uma daquelas publicações que souberam captar com muita argúcia as transformações de seu tempo e só por este motivo a revista torna-se um importante documento, na medida em que oferece esclarecedores indicadores para o estudo do período histórico, da cultura brasileira, da história do periodismo e, o mais importante para esta pesquisa, do processo a partir do qual significativos elementos estéticos, que caracterizaram a modernidade e o moderno, penetraram na sociedade paulista em particular e na brasileira em geral. Principalmente, se levarmos em consideração os padrões formais predominantes na imprensa periódica daquele início de século XX *versus* a maneira nada convencional com que *O Pirralho* apresentava o dia a dia da cidade de São Paulo, usando e abusando do humor, do chiste e da ironia como ficou demonstrado ao longo das páginas deste trabalho.

No percurso de investigação busquei evidenciar o caráter singular da publicação em questão, dando destaque ao emprego de recursos diferenciados de linguagem, associados a uma interferência gráfica única. Contudo, é preciso reconhecer que isso só foi possível graças a uma determinada situação, isto é, a urbanização da cidade de São Paulo corroborou para a formação de uma imprensa moldada na atmosfera de modernidade. Nesse sentido, imaginemos o forte impacto que as mudanças ocorridas na cidade de São Paulo daquele início de século causou no tranquilo e provinciano burgo de outrora; numa velocidade vertiginosa, a cidade passou por uma profunda remodelação urbana, social, econômica e cultural. Entretanto, e apesar dos ares de civilização e modernidade que se instauravam, esse período também tem como característica a coexistência de dois mundos distintos e antagônicos: de um lado, o tradicional, antigo e, para muitos, arcaico; de outro, o moderno e inovador, além da valorização do tempo de progresso que estava por vir. Quer isso dizer que, mesmo diante de tantas alterações na rotina do cotidiano, aquela sociedade sedenta de legitimidade por meio da incorporação de novos (e importados) conceitos culturais, sociais, tecnológicos etc., também assegurava certa continuidade em relação ao passado, o que fazia com que a contradição entre o “velho” e o “novo” não se expressasse em toda a sua potência. Reunidos esses aspectos temos o tom para a composição de novas maneiras de articular e veicular notícia.

Para começar, *O Pirralho* foi uma publicação de muitas mãos, muitas cabeças, daí sua heterogeneidade. Junte-se a isso, uma linguagem visual que, por si só, já é esteticamente inovadora, já que além de complementar o texto, também ocupa o lugar

dele. E o maior exemplo disso está em Voltolino que conseguia fazer com que, muitas vezes, o texto se tornasse apenas um mero coadjuvante de suas ilustrações.

É incrível conceber que numa mesma redação conviviam, até que harmoniosamente, personalidades tão distintas em valores e opiniões. E tal condição traduziu-se numa miscelânea de textos, o que tornou possível encontrar numa mesma edição diversas abordagens para um único tema. Parece ser justamente no seu caráter heterogêneo que reside a identidade d'*O Pirralho*; portanto, mais do que apresentá-lo por meio da dicotomia entre o velho e o novo, conforme se vê na maioria dos estudos sobre este período de transição e ambiguidade – o denominado pré-modernismo –, optei por examiná-lo a partir de suas características próprias. Para isso, retomo aqui o que afirmei sobre o fato da revista estar com um pé no futuro, mesmo sem o saber. Acredito que o elemento transformador presente na revista está numa espécie de *libertação temporária*, tal qual Bakhtin definiu como uma das características da cultura popular em seu estudo sobre Rabelais, em que todas as relações hierárquicas, as regras, os tabus e, principalmente, as verdades dominantes são abolidas. Trata-se de um laboratório de experimentações da trupe “pirralhiana”, que de forma assistemática – e sem a preocupação de serem levados a sério – decidiram romper com as convenções, daí o humor e a sátira presentes n'*O Pirralho*.

A marca moderna da revista ganhou forma nos bastidores de sua redação, quando jovens de diferentes origens e sedentos por oportunidades de expressão se reuniram em torno de objetivos comuns, qual sejam, por em prática uma série de anseios e ideias, além de contestar o rigor com que a arte, a cultura e, por que não dizer, a própria vida eram tratadas. E o mais curioso: em nenhum momento, no espaço de tempo em que a revista existiu, se evidencia um projeto concebido com esta finalidade, portanto, é possível afirmar que todas as estripulias d'*O Pirralho* foram realizadas sem nada de articulado e preconcebido que apontasse para a intenção de estabelecer uma nova estética.

Ainda assim, *O Pirralho* antecipa a estética modernista, já que posteriormente muitos dos aspectos presentes em suas páginas foram utilizados como bandeira por aqueles que promoveram o modernismo no Brasil, marcando o panorama cultural nacional. Nesse sentido, é importante, mais uma vez, destacar a figura de Oswald de Andrade; sem dúvida, ele imprimiu sua marca n'*O Pirralho* e é por meio da revista que assistimos sua evolução como homem das letras e das ideias. A convivência com pessoas irreverentes e criativas, o contato com diferentes linguagens, manifestações e valores, enfim, com a diversidade e heterogeneidade presente no grupo que deu vida ao periódico, tornando-o tão rico e formidável, contribuiu para desenvolver o espírito inquieto e iconoclasta daquele que tanto fez pela renovação da arte e da cultura.

Uma última consideração: após o fichamento e a análise de todos os números d'*O Pirralho*, ficou evidente as inúmeras possibilidades de estudos sobre este tipo de material. Procurei realizar aqui um pequeno recorte diante de tantos vislumbres. Por exemplo: investigar a contribuição de periódicos como *O Pirralho* – efêmeros, por não terem tido muito mais do que dez anos de existência, e sem os compromissos assumidos por outros jornais já tradicionais – para o desenvolvimento da imprensa em São Paulo, renovando a linguagem e a própria concepção do que é “fazer” um meio de comunicação; outra possibilidade é pesquisar o real valor dado pela imprensa às mais variadas manifestações culturais e artísticas que tiveram lugar no início do século passado, sejam elas ligadas às classes abastadas ou expressão da cultura popular. Isso sem mencionar a presença dos artistas e suas contribuições gráficas. Enfim, o que não falta é assunto.

A propósito da longevidade d'*O Pirralho*, com circulação entre 1911 e 1918, é importante destacar que dentre as revistas com essas características, publicadas especialmente em São Paulo, a iniciativa de Oswald de Andrade alcançou um êxito considerável, pois muitas foram as publicações dessa época que sequer atingiram o primeiro ano de vida. De qualquer maneira, insisto que esse tipo de material impresso, embora seja conhecido e já tenha sido bastante estudado, é ainda fonte de pesquisa sobre a história da cultura e da sociedade brasileira, pois contêm aspectos que merecem ser explorados com maior profundidade.

Curiosamente, o término desta pesquisa ocorreu justamente no ano do centenário de lançamento da revista *O Pirralho*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo: Saraiva, 1957.
- ANDRADE, Oswald. *Pau Brasil*. Paris: Sans Pareil, 1925. (edição fac-simile)
- _____. *Um homem sem profissão*. São Paulo: Globo, 2000.
- ANDRADE, Mario. *Paulicea Desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922. (edição fac-simile)
- ANTUNES, Benedito. A Língua Macarrônica n'O Pirralho e a Vanguarda Modernista. In: WATAGHIN, Lúcia (org.). *Vanguardas*. São Paulo, 2003, p. 239-249.
- ÁVILA, Affonso. *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec / Ed. UnB. 1993.
- BARILLI, Renato. *Art Nouveau*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do Modernismo*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1992.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.1)
- _____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Obras Escolhidas, v.3)
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- BUENO, Eduardo (Org.). *Os nascimentos de São Paulo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyril – crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Senac, 2001.
- CANDIDO, Antonio. Prefácio inútil. In: ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2002, p.11-16. (Obras Completas de Oswald de Andrade)
- CHAMPIGNEULLE, B. *A Arte Nova*. Lisboa: Editorial Verbo, 1973.
- CHARNEY, Leo; SCHWATZ, Vanessa R. (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.
- CONTIER, Arnaldo Daraya. O nacional na música erudita brasileira: Mário de Andrade e a questão da identidade cultural. In: *ArtCultura*. Uberlândia, n. 9, jul-dez, 2004.
- CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana: 1890-1915*. São Paulo: Educ, 2000.

- DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- DURAND, José Carlos. *Moda, Luxo e Economia*. São Paulo: Editora Babel Cultural, 1988.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 83-102.
- ERNICA, Maurício. Uma metrópole multicultural na terra paulista. In: SETUBAL, Maria Alice (Coord.). *A Formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra – v.1*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.
- FONSECA, Cristina. *Juó Bananére: o abuso em blague*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- _____. *La Divina Incrensa*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 107-131.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira – 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LEITE, Sylvia Helena Telarolli de Almeida. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas, rigalejos: a caricatura na literatura paulista (1900-1920)*. Tese de doutorado, FFLCH – USP, 1992.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*, v. 3 e 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Rubens de Oliveira. *Um ciclone na Paulicéia: Oswald de Andrade e os limites da vida intelectual em São Paulo (1900-1950)*. São Paulo: Unibero, 2001.
- MELO, Victor Andrade de. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 35-70.
- MOTTA, Flávio L. Art-Nouveau, Modernismo, Ecletismo e industrialismo. In: ZANINI, Walter (coord.). *História geral da Arte no Brasil – v.1*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles / Fundação Djalma Guimarães, 1983, p. 452-484.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PAES, José Paulo. *Gregos e Baianos: ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. (Org.). *História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SIMIONI, Ana Paula. *Di Cavalcanti ilustrador: trajetória de um jovem artista gráfico na imprensa (1914-1922)*. São Paulo: Sumaré, 2002.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWATZ, Vanessa R. (orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2001, p. 115-148.

SPENGLER, Airton. *Decifrando a moda – glossário*. São Paulo: Editora STS Publicações, 1993.

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – 28/12/1912, número 72, p. 11	24
Figura 2 – 24/02/1912, número 29, p. 9.....	28
Figura 3 - 28/12/1912, número 72, p. 22.....	29
Figura 4 – 16/12/1911, número 19, p. 14.....	30
Figura 5 - 18/05/1912, número 41, detalhe capa	32
Figura 6 - 27/07/1912, número 51, p. 11.....	35
Figura 7 - Logotipo de capa d'O <i>Pirralho</i>	36
Figura 8 – 18/01/1913, número 74, p.6.....	37
Figura 9 – 01/02/1913, número 76, p.30.....	37
Figura 10 – 02/11/1912, número 64, p. 15.....	38
Figura 11 - 27/07/1912, número 51, capa.....	39
Figura 12 - 01/11/1913, número 115, p. 6.....	41
Figura 13 - 28/03/1914, número 136, p. 8.....	41
Figura 14 – 25/01/1913, número 75, p. 26.....	43
Figura 15 - 01/02/1913, número 76, p. 14.....	44
Figura 16 – 30/05/1914, número 145, p. 15.....	47
Figura 17 – 27/07/1912, número 51, p. 19.....	48
Figura 18 - 1 ^a quinzena de setembro de 1917, número 243, p. 11.....	50
Figura 19 - 09/09/1911, número 5, p. 11.....	52
Figura 20 - 27/02/1915, número 176, p. 12.....	53
Figura 21 - 03/10/1914, número 155, p. 17.....	54
Figura 22 - 02/02/1917, número 231, p. 14.....	55
Figura 23 - 28/12/1912, número 72, p. 16.....	56
Figura 24 - 20/02/1912, número 27, p.11.....	58
Figura 25 - 17/02/1912, número 28, p.11 e 12.....	59
Figura 26 - 20/01/1912, número 24, p. 7.....	61
Figura 27 – 04/01/1913, número 73, p.12.....	63
Figura 28 – 17/02/1912, número 121, p. 18.....	64
Figura 73 – 2 ^a quinzena de agosto de 1917 – número 242, p.8	66

Figura 30 – 02/03/1912, número 34, p. 10	67
Figura 31 - 18/01/1913, número 74, p.12.....	68
Figura 32 - 15/02/1913, número 78, p. 17	69
Figura 33 - 16/12/1911, número 19, capa	70
Figura 34 - 25/01/1913, número 75, p. 8.....	71
Figura 35 – 04/09/1915, número 201, p.11	72
Figura 36 - 09/12/1911, número 18, p.12.....	75
Figura 37 - 14/12/1912. número 70, p.18.....	77
Figura 38 – 16/11/1912, número 66, p.12	79
Figura 39 – 23/03/1912, número 33, p.12	80
Figura 40 - 18/15/1912, número 41, p. 6.....	81
Figura 41 – 09/09/1911, número 5, p. 10	82
Figura 42 – 02/09/1911, número 4, p. 6.....	83
Figura 43 – 27/04/1912, número 38, p.7	83
Figura 44 - 01/06/1912, numero 43, p.8.....	85
Figura 45- 24/04/1915, número 184, p.5.....	86
Figura 46 - 29/06/1912, número 47, p. 18.....	87
Figura 47 – 30/12/1911, número 21, p. 9.....	90
Figura 48 – 08/03/1913, número 81, p. 21	91
Figura 49 - 15/03/1913, número 82, p.19.....	92
Figura 50 – 24/01/1914, número 127, p.17	93
Figura 51 – 02/09/1911, número 4, p. 7	95
Figura 52 – 26/08/1911, número 3, p.11	96
Figura 53- 01/06/1912, número 43, p.14.....	97
Figura 54 - 10/02/1912, número 27, p.16.....	98
Figura 55 – 16/03/1912, número 32, p. 14	99
Figura 56 – 07/12/1912, número 69, p.21	101
Figura 57 - 12/05/1917, número 237, p.10.....	103
Figura 58 - 20/04/1917, número 234, p. 3.....	104
Figura 59- 2 ^a quinzena de setembro de 1917, número 244, p.15	105

Figura 60 - 22/06/1917, número 239, p. 5.....	106
Figura 61 - 05/05/1917, número 236, p.14.....	107
Figura 62 - 12/05/1917, número 237, p.14.....	107
Figura 63 - 22/06/1917, número 239, p.7.....	108
Figura 64 - 22/06/1917, número 239, p.17.....	109
Figura 65 - 18/07/1914, número 151, p. 2.....	111
Figura 66 - 13/12/1913, número 121, p.4.....	111
Figura 67 - 2 ^a quinzena de fevereiro de 1917, número 232, p.18.....	112
Figura 68 - 27/06/1914, número 148, página 7.....	112
Figura 69 - 25/01/1913, número 75, p.34.....	113
Figura 70 - 27/03/1917, número 233, p. 28.....	114
Figura 71 - 20/04/1917, número 234, p.6.....	115
Figura 72 - 01/02/1913, número 76, p.30.....	116

ANEXO

S. Paulo, 26 de Abril de 1913

N. 88

A LUCTA PELA PRESIDENCIA

O PIRRALHO - Aqui, senhores não são os partidários que se batem. porque n'esse caso o da direita venceria... Trata-se de espatifar a cara do juiz, por isso aposto no Pinheiro Machado

Anno II

União Brasileira Sociedade Paulista Beneficente e de Pécúlios - Sede: S. Paulo, Rua de S. Bento, 21, Telephone, 2712, Caixa, 410. A única associação de pécúlios por falecimentos que faculta o seguro conjunto nos casados. Peçam prospectos na sede social.

300 rs.

26/4/1913 - Número 88, capa

PIRRALHO

Anno 6 - Nº 237

- Preço 400 réis -

Na pasta do Exterior

A CONVERSÃO DE SÃO PAULO

12/05/1917 - Número 237, capa

AS CARTAS D'ABAX'O FIGUES

Uno scandalo monumental — Os inciviliste —
O scrittoio do garonello Piadade — O suo
xapillo — O telegramme — O protesto ingop-
paa a polizia — Altros appuntamenti —
O inguerito.

Lustrissimu
Redattore du
«Piralho»

Intó non té visto istas ro-
ba che fizero ingoppa o xapillo do inlus-
tro comman-
danti da briosa?
Intanto mi stó maginando che
isto fui opera dos incivilista, por
causa que o garonello vá sê o in-
deputado.

S'immagine o redattore che un
indisgraziato intró a semanima pas-
sata intro o scrittoio do garonello,
sgualhambó tutto os papelos che
stava sopra da a mesa e si fiz u
telegramme ingoppa o suo xapillo!
Eh!... ma intó isto é prucedini-
mento di personas indugatas? Certo
che no!

Che si pensa che é o garonello
Piadade? Si pensa che elle é uno
sbarra bottas qualquiere? uno ofi-
ciale da «briosa»? um capitó? In-
veiz stó muito inganados! Elle é,
nó uno ufficiali, ma u comman-
danti generalo da «briosa» e pre-
tendente co'a gadêra d'indeputado
e també fumos cumpagnero junto
comigo no grupo do «Bó Retiro»
donde era també professore o Jota
Jota.

Intó o garonello si fiz u prutesto
ingoppa a polizia e o dottore Pi-
nherino stá prucedendo o inguerito.

A FUTEBOA.

Támbe io mi fui vedê a futebola
ingoppa o Vilódro. Estive molto
bunita! si signore!

Inveiz quano io mi stava molto
contento por causa che o Meneis
tenia dado uno bunito puntapé so-
pra da bola o Joaqui o pitó chi né
o surdado e io pensei che fosse
p'ra pigá o Meneis inda a gadêa e
mi fiz lógô u prutesto. Intó o sur-
dado mi queria butá p'ra fóra do
Vilódro, ma o Lacarato non dexó.

Quano fui cabado o matis os
Mariganos, donde joga o Meneis e
támbe o Ugollino, tenia fazido quat-
tro golos e os Attletico nó tenia
fazido né uno. Intó os Mariganos
ganháro uno bunito galice di prato
e una purcó di lire sterlinia co'a
gara du *Piralhu*.

O Meneis ganhó també u pacoto
di balas.

Inveiz u migliore du matis fui di
notte na gaza do Vanordigo che si
dexó pagá o xampagno.

Evviva o xampagnó!!

* *

Támbe li tegno di cuntá un ac-
cuntecimentp che accunteceu com-
migo na Scuola Normaliste.

S'immagine ch'io mi tenia andato
lá per a vede as «piquena» e p'ra
m'inamurá c'uma dellas.

Intó mi stava molto contento so-
pra da garçata, inxergano as pi-
quena, quano xigó p'ra mii uno
surdado e mi disse:

— Non póde andá parato qui
vicino da Scuola Normaliste! Va
andano...

— Eh! come no: intó as rua non
só publicgos?

— Che publica né nada! va an-
dano...

E quello indisgraziato pigó di
m'impurrá co'a mon.

— Eh! non brinca gamerata! non
brinca...

— Va saino. gargamano!... va
saino...

— Gargamano é a maia!

— Va simbora talianó porehe!
sinó ti porto p'ro quartelo!...

Intó!... quello indisgraziato non
mi xamó di porche?... Porche
vá elle!

Intó elle mi dissí che steje preso,
ma inveiz io che non só troxa, mi
fiz a gacetada ingoppa a sua ga-
beza e mi fui saino co'a barriga.

Do suo griato

Juô Bananere.

A Revolução Pernambucana re-
sumida em duas palavras: o Dantas
quiz colher a *rosa*, mas emaranhou-
se de tal modo na *silva*, que agora o
governo federal anda tomando cada
providencia de se lhe tirar o *bar-
rete*...

Romeu e Julieta

Foge de mim, Rodolphinho!
Desce a escada! Vae-te embora!
Que no levante ja brilha
O vivo clarão da aurora.

Es um tolo namorado,
Meu ministro agriculteíro!
Tu não vês que no horizonte
Vem surgindo o Conselheiro?

S. Paulo, 23 de Dezembro de 1911

PIRRALHO

NUMERO 20

Assignatura por Anno 10\$000

Semanario Illustrado
d'importancia

evidente

Redacção: Rua 15 Novembro, 50-B

NATAL

E o Natal chegou. Ultimo adeus ao anno que se vae, grata evocação das longinquas alegrias e dos pezares idos.

E todos, os tristes e os alegres, os bem-sucedidos e os mal-afortunados, todos nesse dia, se retemperam na mesma chimerica esperança, todos se embalam no mesmo sonho indeciso dum outro anno, duma outra vida, de outros ideaes.

E' como um resurgimento.

Essa festinha deliciosa, das creanças, cheia de mil pequenos nadaes duma simplicidade adoravel, reconforta os corações já calejados, na lucta de todo o dia refaz as temperas abatidas por os desenganos da vida e lança nas almas um vago de saudade por esses tempos inescqueiveis de menino, esse tempo que passou e que não volta mais.

Nada mais alegre, nada mais festivo que esses pinheiros verdes lanzejoulados de luzes, palpitando de fitas com cestinhos de bombons pendentes de seus galhos, bonecas emaranhadas na folhagem, pandeiretes oscillando por entre um atordoamento de adornos vivos e de enfeitos de mil cores! Nada mais enlevante que a anciedade ingenua das creanças na expectativa dos presentes, naquella candida admiração pelo esplendor fulgurante das arvores, mesclada dum amor inconsciente pelo Menino-Deus.

E ao lado, um presepe todo cheio de musgo verde-claro, lagos feitos de chrystal, moinhos, estradas brancas, e, ao longe, muito ao longe, os treis reis magos á procura da mangedoura ambicionada. E lá vêm elles, socegados, ao clarão da estrella extraordinaria, silenciosos, pachorrentos, esperando o "dia de reis" para transporem o portal da choupana divina.

E por sobre tudo isso paira uma alegria sincera e infantil, todo um transparecer de fe' simples, de culto ingenuo, de doce catholicismo. E a alma então, dos que já descem a collina da vida, se dilata, se expande toda num sentimentalismo pueril, e ante a magnificencia dessa simplicidade invejavel das crean-

ças. E todos riem, dizendo um ultimo adeus ao anno que se vae, evocando as longinquas alegrias, os pezares idos, na doce esperança do anno novo que vem despondando...

"O PIRRALHO"

Reassumiu a direção do *Pirralho* o nosso companheiro Oswald Junior.

Paulo Setubal, que com tanto brilho de talento dirigiu a revista ultimamente, continua como seu redactor-secretario.

Quer, porém, descansar uma semana; e, informado de que em Caxambu se ama muito, parte para lá, em busca de novas emoções.

Voltolino, firme no posto, talentoso como sempre apezar de ter ficado noivo ante-hontem.

O nascimento do Capitão e a sua vida

O Capitão nasceu! cantou o Chantecler de sobre a mangedoura.

Onde? perguntou a vacca.

No *São Paulo!* respondeu o Raphael.

No presepe estavam tambem o Glycerio e o Campos Salles, pais do menino prodigio.

E em pouco tempo o menino falou, e "tres reis magos" vieram de suas longes terras para adoral-o.

Guiou-os uma estrella grande e brilhante.

Num instante o Capitão cresceu e tornou-se admirado por todos e n'uma occasião deu um quinau em 7 sabios que tinham achado o elixir da longa vida.

Alguns dias depois já tinha 33 annos e começou a "prégar" a sua candidatura.

A festa no Municipal em benefício da matriz do Braz

A menina Renata Camillis, que fará o papel de *Dina* na *Parba*.

Concurso annual de belleza

Organizado pelo PIRRALHO

Estamos nos aproximando da apuração final do nosso concurso de belleza.

Mais quatro ou cinco semanas e os nossos leitores saberão quaes as vencedoras do concurso.

Chegou portanto, o momento em que todos esperam ansiosos o resultado desta lucta renhida.

Qual é a moça que não deseja vêr o seu nome em primeiro lugar, e qual o moço que não quer que a sua namorada triumphe no nosso concurso?

Pois bem, para se obter este resultado, sabem todos quaes os meios que devem empregar. Porisso mãos á obra.

O resultado do nosso segundo concurso de belleza até quinta-feira era o seguinte:

Graziella Sampaio	1964
Cybele de Barros	1925
Zuleika Nobre	1784
Julia de Carvalho	1765
Fulvia Pereira Bueno	1715
Dea Durão	1624
Leonor Salocco	1428
Marianinha N. do Valle	1415
Consuelo Lobo	1219
Renata Crespi	925
Leonor Ferraz	922
Etelvina Ribas	894
Tilinha Nogueira	865
Ruth Penteado	852
Zaira Duarte Nunes	845
Edmea Vieira de Mello	838
Mimi Miele	785
Alzira Forster	764
Julietta Roos	721
Anna-Paes de Barros	684
Gilberta Lefevre	680
Cleonice Gozzoli	678
Magdalena Sampaio	615
Ninette Ramos	572
Odila Pujol	534

Jacintha Ronchi	428
Edina Ferraz Sampaio	410
Odetto Ribeiro	374
Sylvia Bohn	274
Beatriz Livramento	265
Eleonora M. Ferreira	221
Abigail Duanter	215
Brazilia Pereira de Carvalho	182
Elza Muniz Gomide	175
Ermelinda Pires	172
Diva Dauntre	170
Leontina Coimbra de Castro	145
Maria Gozzoli	138
Bertha Garibaldi	108
Maria E. Pinto da Silva	75
Lucilla Seabra	60
Aracy Lacerda	45
Marianna Olette de Figueiredo	42
Marcilia Galvão	40
M. Lourdes Bittencourt	35
Olga Guizard	30
Angelina Caputo	25
Anitta Paula Leite	20
R. de Vergueiro	18

Afim de evitar toda e qualquer duvida, a apuração final do concurso será feita por pessoas totalmente extranhas á redacção.

Communicamos que ás quatro senhoritas mais votadas em nosso concurso serão entregues lindos mimos, gentilmente offerecidos por quatro importantes casas desta capital,

O Pirralho

2.º CONCURSO DE BELLEZA

Qual'è, na opinião de v. exa. a moça mais bella de S. Paulo?

O marechal, como todos sabem, phantasiou-se terça-feira gorda d'este anno.

Andou, andou, calado e circumspecto, e estava já muito contente por ninguém o reconhecer.

Vae, porém, que um grupo travesso de moças, fez parar o mysterioso mascarado:

—O que que você prefere, mascarado—as loiras ou as morenas?

—Isso *vareia*, respondeu o marechal.

Foi um successo.

—Olha o Hermes de mascara, olha o Hermes, o Hermes!

A festa no Municipal em benefício da matriz do Braz

Ignacio Romero Gil, interprete do *Eleazar*.

A UM FREI

Livido e só! por onde quer que partas,
Por onde quer que sigas, irmão Bento,
Vaes arrastando a magua e o soffrimento
Por entre esse rumor das alpercarras.

Batina rota, olhar cansado, farras
Barbas de ancião, segues, de passo lento,
Sem odio, e sem revolta, e sem lamento,
Que essas virtudes Deus ha de pagar-las.

Prégar o bem e a paz! Caminhas, de olhos
Cegos á gloria e alheios á canceira,
Por entre flôres e por entre abrothos,....

E tu, que és santo, alma dourada e lhana,
Tu vens de um ventre e marchas para a poeira
Como um simples mortal da especie humana.

S. Paulo, 10 Março 1913.

NUTO SANT'ANNA

O "Pirralho" Sherlock Holmes

(Conclusão)

— Como hei de eu descobrir quem foi que atirou o *confetti* cor de rosa no noivo daquela moça? pensava

o *Pirralho*. Estas moças sempre toam cada uma! Enfim, como pôde haver nesta história alguma tranta-gem desse sr. noivo, vamos lá ver em que isto dá. Concerteza foi alguma moça. Talvez alguma amiga da sympathica noivinha. Sympathica deveras. Mais do que isso: bonita. Mais do que bonita: linda. Mais do linda: bella, bellissima! Estou apai-xonado, exclamava o *Pirralho*.

Mas, que é que estou fazendo? Censuro o noivo da moça, suspeito de uma tratantagem, e ao mesmo tempo cometto uma falta de fidelidade à minha gentil amiguinha... Não... bem pensado, isso é até excesso de fidelidade... Mas, procuremos saber quem foi que atirou o *confetti*.

O *Pirralho* estava imerso nessas profundas reflexões, quando viu passar a seu lado o illustre carbonario dr. Bettencourt Rodrigues, tão carbonario em politica como em gram-matica. O conhecido esculapio saudou cortezmente o *Pirralho*, que, distraído, respondeu com certa indifferença. Isso molindrou o dr.

Bettencourt, que chamou o *Pirralho* à palavra.

— Oh doutor, estava tão distraído, que não o reconheci. Desculpe-me. Mas que vejo? Que é que o sr.

leva ali na botocira do paletot? Um *confetti*?

Um *confetti*, carissimo *Pirralho*? Nunca. Isso que ali vez é a insignia da legião d'honra.

Do que?

Da legião d'honra.

O sr. está mesmo com cara de legião d'honra, murmurou o *Pirralho*. E acrescentou, alto: Bem doutor, adeus, tenho um pouco de pressa.

— Adeus, *Pirralho*, não te esqueças de mim.

Não te esqueço. Lembranças ao dr. A. Cancio, de Carvalho.

E separaram-se.

A minha amiguinha mora em tal bairro, continuou o *Pirralho* a reflectir. Nesse bairro, só ha uma casa que vende *confetti*. É facil saber se alguem comprou *confetti* cor de rosa mais de uma vez. Esse alguem deve ser uma moça, e essa moça uma rival da minha amiguinha. Mas, antes de tudo, é preciso conversar com a minha amiguinha.

E o *Pirralho* deu um assobio.

Dali a pouco, a mocinha appareceu, muito vermelha.

— Prompto? Já descobriu?

— Ainda não, mas falta pouco. Diga-me: suspeita de alguem?

— Sim, *Pirralho* suspeito. Como és bom. Como adivinhiaste a minha magua. Como és meigo! Querido *Pirralho*!

— Perdão, senhorita. A senhora está mas é me fazendo uma declaração amorosa. Lembre-se do seu noivo.

Ella escondeu o rosto nas mãos e foi assim que falou:

— Suspeito de uma amiga, que, na terça-feira de Carnaval, só brincou com *confetti* cor de rosa.

— Bem, quer um conselho?

— Se quero! Os teus conselhos são de ouro!

— Pois o meu conselho é este: finja que se esquece delle.

— Impossivel!

— Faça um esforço.

— Pois bem. Farei o que me dizes, mas sob uma condição.

— Eu tambem tenho uma condição a impor.

— Qual?

— Não digo.

— Porque?

— Tenho vergonha.

— Toliho!

Envergonhado, de olhos baixos, o *Pirralho* murmurou, passando os dedos pela aba do paletot:

— A condição é que a sra. finja que me está namorando, para fazer raiva ao seu noivo.

— Aceito.

Um leal aperto de mão firmou o pacto.

E ali está em que deu o *Pirralho* Sherlock Holmes.

Cigarros CANADIAN
A Melhor Mistura

Trabalhos de Engenharia
O Engenheiro Civil

J. Ayroza Galvão Junior
S. PAULO - Rua Concelção, 12

A. A. NASCIMENTO

o invejavel fabricante de cofres nacionaes de grande resistencia, tem sempre em deposito grande quantidade de cofres á

RUA QUINTINO BOCAIUYA, 1-Teleph. 2082-FABRICA NO BRAZ-Teleph. 2066-S. PAULO

O PIRRALHO

O PIRRALHO NOS CINEMAS

BIJOU

A exhibição do grandioso film «Vidas perdidas» atrahiu a este cinema uma numerosa e selecta concorrencia.

O Pirralho não só gostou da fita soberba, como ficou satisfeitissimo por encontrar uma infinidade de amigui-

nhas no elegante cinema da rua São João.

Além desse film foram exhibidos muitos outros, que agradaram muitissimo.

Annuncia-se para breve a importante fita «Absalão», que com certeza levará ao Bijou uma immensidade de pessoas.

O Pirralho não faltará.

RADIUM

Este elegante cinema continua a ser o ponto de reunião da fina flor da nossa sociedade.

E não é para menos: pois além de serem exhibidos no Radium bellissimos films que o nosso publico tanto aprecia, a orchestra das Damas Viennenses executa na sala de espera os mais lindos trechos de operas e operetas.

A grandiosa fita da casa Nordisk O direito da juventude impressionou muito as senhoritas que assistiram a exhibição, todas ellas amigas do Pirralho.

Entre estas notamos H. L. engracadinha, S. V. um tanto aborrecida, C. P. risouha, J. F. L. pensativa e N. R. elegantissima.

IRIS

As sessões deste cinema são sempre concorridissimas.

Durante a semana foram exhibidas lindissimas fitas dentro as quaes convem destacar «Almas extraviadas» «A dor» de Chopin» que foram muito apreciadas.

Annuncia-se ainda para breve «Julietta e Romen».

HIGH LIFE

A soirée chic de quinta-feira ultima, que foi a segunda desta serie de espectaculos que terão de apparecer daqui a algumas dezenas de annos nos nossos romances, como pontos de encontros patheticos amorosos, esteve muito além da expectativa.

Não havia no salão todo, lugar sequer para uma cabecinha de alfinete. Além disso, na platéa e nos camarotes, somente um ou outro homem, destaca-se como pequenos pontos negros no meio de uma chusma compacta de rostinhos encantadores. A volta então, em pé os homens se acotovellavam.

O Pirralho ficou deslumbrado. A vista da enchente, em lugar de dar o nome de todas as moças que lá estiveram, limita-se somente a dizer que esteve lá tudo quanto ha de mais chic em São Paulo.

Não faltou uma moça sequer da Av. Angelica, de Hygienopolis, dos Campos Elyseos etc.

PELOS THEATROS

São José

Com a linda opereta «Sereia» de Leo Fall, realisoou o seu festival artistico a intelligentissima actriz-cantora Sylvia Marchetti, a figura mais proeminente da companhia Marchetti.

Como todos esperavam o triumpho foi completo e a talentosa artista teve ensejo de ver quão grande é a admiração que o nosso publico lhe vota, pois os mais fartos e calorosos applausos lhe foram dispensados.

Depois de ter a «seratante» cantado a valsa do primeiro acto da opereta «Eva» de Franz Lehar e os couplets de Mimi da Bohemia de Leoncavallo, foram lançadas ao palco muitas flores e o Pirralho, que apesar de pequeno, gosta de prestar homenagens a todos aquelles que se elevam pelo talento, mandou espalhar em todo o theatro uma grande quantidade de retratos da distincta artista.

Quarta-feira passada realisoou o seu beneficio com os dois ultimos actos da «Divorciada» e a comedia «Lei», o bravo artista comico Caetano Tani, que recebeu do numeroso publico que enchia o theatro, as mais estrepitosas ovações.

Com esse espectáculo, que foi deveras muito divertido, despediu-se de São Paulo a excellente companhia dirigida pelo eximio artista cav. Marchetti, que durante dois mezes trabalhou aqui com grande gaulio do nosso publico.

Com a comedia «Francillon» de Dumas Filho estreou neste theatro quinta-feira passada a companhia de Christiano de Souza, de que faz parte a conhecida e applaudida artista Lucilia Peres.

Nos proximos numeros o Pirralho falará detidamente desta companhia, que está destinada a alcançar grande successo.

Polytheama

O nosso publico não se cansa de ir todas as noites ao velho theatro da rua São João, pois o programma é sempre caprichosamente organizado.

Todos os artistas da «South American Cour» são fartamente applaudidos.

Entretanto actualmente o que mais attrahe o publico a este theatro é o «trio Davies» que no «circulo da morte» executa emocionantes e difficeis trabalhos e recebe todas as noites entusiasticas palmas.

Chapelaria incendiada

O cordão infallivel.

Cousas de um typo que vae desaparecer de São Paulo

II - ULTIMA PHASE

Conclusão

7) Pinta momos e pau d'agua.

8) Chiiiiij...

Chegou a tal ponto a ousadia dos «smarts» em materia de tropelias automobilisticas, que a policia lhes oppoz em defesa dos transeuntes da estrada do O' e da immediações da Ponte Grande, o argumento sempre convincente do soldado de cavallaria. Tem até um pouco daquillo a que se convenciou

chamar de «côr local», essa acertada providencia. O diabo é existirem automoveis de 30 e 40 cavallos, sem contar os «smarts».

E o **Pirralho** applaude o proposito do sr. Secretario da Justiça, dr. Sampaio Vidal, de não ter condescencias com os taes moços bonitos.

INSTANTANEOS

A. B.

E' clara, rosto oval, cabellos negros. Emprestam-lhe particular encanto á physionomia quasi classica, dous grandes olhos muito pretos e sonhadores. Elegantissima, denota um fino gosto na composição das suas «toilettes». Cuida essencialmente da «coiffure», que sabe modelar ao tom dos ultimos figurinos. Quem a visse, aos domingos, na missa conventual de Santa Cecilia, para logo partilharia das nossas justas observações

Kodak.

Para ser lido pelo Gabriel

Santa Ritta hoje fez annos
Quantos? Não posso dizer...
Já fiz esforços insanos
Para a verdade saber...

Si quando a terra surgia
Toda risonha e catita
Do diluvio, já existia
Com Noé o Santa Ritta.

Sei que desde tempo antigo
Com homens de genio andou:
Foi sempre da Arte amigo,
Sempre co'a Arte privou.

Muitas vezes em Corintho
Viu Homero recitar
Era conviva distincto
No festim de Balthasar.

Em Roma andou com Petronio
Treadilhou a valer:
Ajudou a Suetonio
A grande historia a reyer.

Ouviu gratuitamente
Bellos concertos de Pan,
Nos autos de Gil Vicente
Representou de galan.

Com Alvares de Azevedo
Tomou parte em pagodeiras
Realizando (isto é segredo)
Byronianas borracheiras...

Inda hoje assiste as proezas
Dos nossos poetas de tom
Que versejam sobre as mezas
Discretas do Bar «Baron».

Mas agora dos seus gosos
O maior o sobrehumano
E' ouvir os sons naviosos
Na viola do Herculano.

Santa Ritta! Annos ridentes
Te venham em profusão
São os votos mais ardentes
Do Moreira ESTRAGADO...

KORLICK'S MALTED MILK

Um alimento poderoso e agradável,
composto de Leite puro e rico e escolhidos
cereaes maltados.

S. Paulo, 19 de Outubro de 1912

PIRRALHO

NUMERO 62

Assignatura por Anno 10,000.

Caixa do Correio 1026

Semnario Illustrado
d'importancia

..... evidente

Redacção: Rua 15 Novembro, 50-B

Conversa fiada

Por uma destas tardes pardas e esponjosas, como eu descesse a rua 15 á procura de uma sensação, dei de cara com Abel Ortigas, o super-elegante.

— Anda dahi; vem cá tomar um appetitivo. E entramos no *Progre-dior* ao som do *Conde de Luxemburgo*. Quando saímos, Abel Ortigas confundia o *Toreador* com *Mme. Butterfly*.

Excellente rapaz, o Ortigas!

Já as lampadas electricas enlauravam a rua, e o céu estava de um violeta opaco de pintura symbolista. A porta do *São Paulo Club*, o habitual grupinho politico-sportivo. Começaram a passar as *ródeuses*.

Foi quando o meu companheiro iniciou a catilinaria:

— E' preciso erguer o nivel intellectual desta terra. E' preciso fazer espirito. E' preciso fazer com esse espirito uma publicação que espalhe pela cidade o aneio por um renascimento literário capaz de assinalar a nossa época. E' preciso...

— E' preciso que te sentes, se não queres cair.

E entramos no *Guarany*.

— Um appetitivo! Mas, como te ia dizendo, é preciso fazer qualquer cousa de inédito, de fino, de *charmant*... E' preciso fazer Arte.

— Você hoje não está bom. Vam-nos embora.

Saimos.

— São Paulo precisa de mostrar que aqui também se vive. Na publicação que eu imagino — uma revista — a chronica das modas teria um lugar distincto. E' verdade que já temos rapazes elegantes; mas é preciso fomentar a arte, a sublime arte de vestir. Demais, se é verdade que temos rapazes elegantes, também é verdade que elles são insignificante minoria asphyxiada pela turba-mul-

ta dos sebosos que usam botinas cambaias e calças amarrotadas. Que horror! Não imaginas a nausea que me causam esses individuos. Não pagar dividas — vá! Não comer — vá! Mas andar como um estudante pobre, de roupa velha!... Que horror! E' preciso disseminar noções de elegancia, apurar o senso esthetico dos paulistas.

E, insensivelmente, fomos entrando na *Brasserie*.

— Um appetitivo! Infelizmente, faltam-me capitaes. Senão, varias que revista fazia eu! Um primor! Que gravuras! Que photographias! Ah! Mas eu não desanimo! Eu sou tenaz! Já comecei a chronica, a primeira chronica! Ha de ser um *bi-belot* de Arte, com muito estylo! Ah! Sobreretudo com muito estylo. O que falta a essa gente que por ahi escreve é o estylo. Não imaginas como me faz soffrer essa falta.

— Bem, vamo-nos embora, Ortigas.

Saimos. O Ortigas continuou a tagarellar. Quando se interrompeu, estavam sentados a uma mezinha do *Magestic*.

— Um appetitivo!

Dessa vez não esperei que o Ortigas reatasse o fio da prosa. Pretex-tei um encontro marcado num theatro e despedi-me. E' excusado dizer que quem pagou todos os appetitivos fui eu.

Ha em São Paulo mais Ortigas do que parece. Elles sonham coisas fantastasticas e se não as realizam é porque a missão delles se resume em proclamar a imbecilidade do resto dos mortaes e... filar appetitivos.

JOÃO VADIO

«O Pirralho» no Rio está á venda na charutaria do Bar Brahma, baixos do Hotel Avenida.

SONETO

Eu não me aventurei aos grossos mares
Desse remoto e fabuloso Oriente,
Para de louros adornar a frente,
Por meio de perigos singulares.

Lá do Ganges nos inclytos palmares,
A's lanças não me expuz da infida gente;
Nem percorri da inculta Africa ardente
Os desertos e inhóspitos logares.

Não fui a Ormuz soberba á cata de ouro,
Para me accrescentar; e ao Rôxo-Estrelto
Não fui sitiar o Turco ousado e o Mouru:

Mas na amorosa guerra mór proveito,
Móres honras colhi, mais verde louro,
Vencendo a fortaleza do teu peito.

AGENOR SILVEIRA

Instantaneos

M. R. N.

Mile. M. R. N. já não podia por mais tempo se esquivar á teimosa impertinencia da traçoieira objectiva de Kodack.

Demais, quem não conhece essa pallida e sympathica creatura de talhe delgado e flexivel; de formoso semblante emmoldurado por caracões negros de velludo; de olhos grandes e scismadores, profundamente rasgados *en boutonnière*? Essa que tão assiduamente vai ás soirées elegantes do High-Life, quão frequentemente apparece no nosso triangulo, onde a todos encanta com a sua graça que deslumbra?

Mas nisso não pára a admiração dos que mais intimamente a conhecem. E' que para esses tem Mile. maiores attractivos que não apenas os de elegantissima *snoob* a revelar em cada *menu détail* de sua toilette o curioso e raro *goût exquis des moindres choses*. — Mile. é dotada de fino talento, de solida cultura literaria de mais a mais sempre augmentada pelo *docens docendo* *locetur* horaciano...

KODAK

Os amigos do Pará

O governo do Pará, João Coelho e Cia Light uma grande extensão de terreno.

Não percam a ocasião as companhias estrangeiras. Está aberto o leilão.

"A Bota Ideal"

RUA DIREITA, 6-A

NAS PRINCIPAES CIDADES DO INTERIOR E EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

Pirralho Sportsman

FOOT-BALL

Não faltaram applausos aos rapazes do *Germania* e do *Americano* no ultimo *match* de *foot-ball*. Venceu o *Americano* por 3 a 0. Mas ambos jogaram bem.

O *Germania* esteve sem sorte; quasi todo o tempo o jogo esteve no seu campo.

No segundo *of-time*, o pessoal mostrou mais combinação, mas já era tarde: o *Americano* tinha já dois *goals* e Alencar fez o terceiro.

Niel, a todo o momento cortava os passes do pessoal do *Americano*,

e *furou* uma bola que o Irineu mandou ao *goal*, sem que o Casimiro pudesse defender.

Menezes e Itaborahy auxiliados pelos Bertone trabalharam, trabalharam muito mesmo.

Manne e Baugartner, no segundo tempo, entraram em brios e fizeram muito, mas ainda assim deixaram a desejar.

Eurico, Irineu, Octavio e Alencar jogaram... como sempre.

A defesa do *Germania* é que esteve fraca. Buckner, deixou que o Irineu agisse a vontade.

Casimiro não esteve de sorte; já o mesmo não aconteceu a Hugo.

O *Americano*, com a victoria do ultimo *match*, collocou-se em primeiro lugar, no campeonato deste anno.

Pingos

~ de ~

cera

Na questão da presidencia
Que está amollando a paciencia
De muito politico,
Ninguém se lembrou ainda
Da figura heroica e linda
Do nosso bom Capitão.

DR. XAROPE

Ainda não appareceu no mercado nenhuma valsa com o titulo de *A batalha de Iranj*. Já appareceram, entretanto, os phosphoros de duas cabeças marca José Maria.

— Como defines aquella salga-deira no Paraná?

— Pretexto para sessões maçônicas e poesias e discursos nephe-libatas.

Trovas populares

Entre no gallinheiro
Bem agachadinho ansim;
Quando fui tirá os ovo,
A gallinha «cuspiu» ni mim.

O cachorro rói o osso
Porque não póde inguti;
Criança pequenô baba
Porque não sabe cuspi.

BURJOÑAS

GONOCCEINA

Attesto que tenho conseguido os mais satisfactorios resultados com a GONOCCEINA — formula e preparação do pharmaceutico Samuel de Macedo Soares, nas affecções inflammatorias das vias urinaarias; catarrho da bexiga, blenorragias. É um preparado que me inspira confiança, e por isso o prescrevo sempre, certo de seus bons effeitos nos casos indicados.

Dr. J. Cardim Pinto.

A GONOCCEINA encontra-se nas principaes pharmacias e drogarias e no Deposito Geral PHARMACIA AURORA, Rua Aurora, 57 - S. Paulo.

No Palace Theatre

A pirralhada celebre

O RIGALEGIO

Bromedario Ilustrado

ANARCHIA, SUCIALISMO
LITERATURA, VERVIA
FUTURISMO, CAVAÇO

Organo Independente do Abax'o Piques i do Bó Retiro
PROPRIETÁ DA SUCIETÁ ANONIMA JUÓ BANANÈRE & CUMPANIA

Re attore e Direttore: JUÓ BANANÈRE

1913

REDACÇÃO I FICINA: Largo do Abax'o Piques piga'o co migatorio

A MIA VAMIGLIA

Meise uno Bananère p'ro o mondo — Jo non sabiva nada — O páio — A máia — G nomino do piqueno — G badrinho c'oa madrigna — A futtgartia che vignó impubrigata ingoppa o «Pirralhu» — Agora si che stá diretto — Altras nuíças do fatto

Oggi io vó nucoiá p'ros minhos amigos i inletores un fatto molto mais impurtando do parecimento do gometá i també do grimo da a mala:
S'imagina che vignó, nascido maisse un Bananère p'ro o mundo!!! Uh! porca miseria, che bó!!!

Istu tale é uno figlio che tive a Gurmelniga mia figlia inda a settimana passata. Eh!!! mam-ma mia! che bunitigno!!! Pichignio piore da aranza pèra. Illo già tó quattros dente, já mi sabe axamá di giornalistes, i já stá prendendo afazé a barba pur causa di ficá barbiere també uguali come io.

Io non sabiva nada

Incominciando cos precedinti du fatto, io stavo indo o sab-butto da tellua pigano o Giudase inda a Barafunda giunto co Zé garpintiere e indo o Zé garpintiere mi dissi p'ra mim.
— Eh! Juó! vamos sísti uno spettacolo indo o Bolideama?
— Intó vahnos!

Intó fumos, i xiguemos lá i emprenhos duos gallignero, uno p'ra mim e altro p'ro, Zé.

Aór piguemos di sísti o spettacolo che stava una brutta porcheria i quano fui mezzanotte o spettacolo cabaro i nois fumos s'imbora p'ra a gaza.

Io hivi a perna di un giúda-se che io piguó indo o Bó Retiro pur causa di dá p'ro Ferrigno.

— Eh! Ferrigno! iscnita!!!
Divigne che fui che io truxe p'ra vucé! dice io quano intrai.
Ma ché! porca miseria!!! in-veiz do Ferrigno vignó a Juo-quina furimosa di rabbia i mi dissi p'ra mim.

— Galabocca só stupido!
— Che!! stupido é a máia!...
— Non pode afazé barnilo, sou gara di poppottamó!
— Non bringa vá!! che sinó io ti prego a mó.

Ma di repentinio io scutí un xóro di granzinha novigna. Intó a Juoquina mi dissi.

— Non stá scuitano?
— Che! fui a Gurmelniga che tive a luiz!?!
— Issso mesimo.

Intó io també teve una ver-

tija e fiqué quattros óres ac-corlado sè sintido.
Io éro avó!

O nomino do piqueno

Disposa cuntacé un brutto frége co pissalo pur causa do nomino piqueno.

A Gurmelniga co Garluccio vulevano che illo si xamava Juó, uguale come io non quize pur causa da modestia.

A Juoquina queria que bntasse o nomino di *Viadutto di Zanta Figenia* pur causa che illa gosta molto de istu talo viadutto.

O Beppino, invez, só pur causa che illo é gonduttore do garadura já queriva butá o nomino de garadura nu lequeno. Garadura vá elli.

Io inveiz nó! Io só uguali come o Baró do Rio Brango. Gusto só dos nomino timolo-gio, i pur istu amutiv, come o piqueno vignó nascido inda a semana zanta io buté p'ra elli o nomino di *Semanigno Santo*, istu si chi é curretto!

O Pa'ó

O páio do *Semanigno* é o Gar-luccio, ingraxato instabeleido indo o *larghe-du Arrusá-co Saló* di ingraxato a moda di *parigi*.

Io só o sógro d'elli e illo é mio genero. Intó a Juoquina é a sógra.

A máia

A máia é a Gurmelniga mia figlia, guzinhera formada c'oa Scuola p'ra Normaliste i també a italia-

nigna maisse bunitigna che tive indo Abax'o Piques. Uh! che xique a Gurmelniga.

O Garluccio p'ra si gaza c'olla tive de mi afazé o barbiere di grazia settes dia uguali co labó padro da Raffaella che nuq vulevo dixá o Jacó si gaza c'olla.

O padrigno c'oa madrigna

O padrigno fui io che cavé. Uh! porca miseria che padrigno xique.

Io mandé vigná direttamente do Rio Pretto o dottore Gagiadigno.

Illo ficó molto cuntento c'oa onria che io fiz p'ra elli, e io també fiqué. A madrigna fui maisse difficile p'ra cavá, pur causa che io vulevo che era o Jamettelo ma illo intó non quizi. Pur istu amutiv o Gagiadigno

vae afazé o padrigno i a madri gna tudo di una veiz.
O Gagiadigno si che é un bó rapazo.

A "ratta" da futtgartia

Ma io non sê! sempre che io tenho di mandá afazé a futtgartia da a vamiglia, tó cagnira nu meio.

S'imagina che a *semanina* pas-sata io mandé afazé una futtgartia do mio pissalo pur causa di impubrica ingoppa o «Pirralhu». Ma quelle indigraziao du futtgartio pigó una porcheria di machina, di maniere che inveiz di sai o ritrato direito, sai tudo errado.

A Gurmelniga che já stava c'as vespra di afazé a luiz, vignó futtgartiada c'oa saia gorta i pichinigna, pichinigna!
O Garluccio non sai. A Juo-quina sai feia p'ra burro, quano iuveiz ella é xiqua di fazé xurá a genti.

Io já dè parte p'ra polizia i aora vó butá un processo p'ro futtgartio.

Eh! intó illo stá pinsano che gambá é rapaza?!

Oggi io stó impubricano una molto maisse migliore che io mandé fazé inda a *Futtgartia* Inlegante do Bó Retiro a migliore do l'Universimo.

Ista si che sta xique.

A nuova futtgartia da a mia vamiglia

AS GRANDES PAGINAS LITTERARIAS

(Tradução inédita para o «Pirralho»)

Fragmento de "La fausse maîtresse,"

DE HONORÉ DE BALZAC

Paz e Clementina ficaram sós.

— Eu vou d'ixal-a, madame, disse Thadeu, porque vae decerto reunir-se a elles na opera...

— Não, respondeu ella, a dança não me agrada, e dão esta noite um *ballet* detestavel. *La Révolte ou Sérad*.

Um mment de silencio.

— Ha dois annos, Adam não teria ido sem mim, falou ella sem olhar Paz.

— Elle a ama loucamente, respondeu Thadeu.

— E é porque elle me ama loucamente que talvez amanhã não me ame mais, exclamou a condessa.

— As parisienses são inexpiáveis, disse Thadeu. Quando são amadas loucamente, querem ser amadas com a razão, e quando se as ama com a razão, accusam de não se saber amar.

— Ellas têm sempre razão. Thadeu, continuez elle sorrindo. Conheço bem Adam e não lhe quero mal. E' leviano e sobretudo grande senhor. Viverá sempre contente de me ter por mulher e nunca me contrariará em nenhum dos meus gostos, mas...

— Qual é o casamento que não tem um mas? disse docemente Thadeu procurando dar outro curso aos pensamentos da condessa.

O homem o menos avantajado teria tido talvez o seguinte pensamento, que quasi enloqueceu esse amoroso:

— Se eu não digo que a amo, sou um imbecil.

Reinava entre os dois um desses terribes silencios cheios de pensamentos.

A condessa examinava Paz disfarçadamente enquanto elle a contemplava pelo espelho. Enfiando-se mais na sua *bergère*, como um homem satisfeito que digere, n'um verdadeiro gesto de marido ou de velho indifferente, Paz cruzou as mãos sobre o ventre, fez passar rapida e machinalmente as polegaras um sobre o outro e ficou olhando aquillo estupidamente.

— Mas enfim, fã-me bem de Adam! exclamou a condessa. Diga-me que elle não é um leviano, você que o conhece!

Foi um grito sublime.

— Chegou o momento de levantar entre nós barreiras definitivas, pensou o pobre Paz, resolvendo-se a uma heroica mentira.— Falar b m? disse elle em voz alta. Eu o amo demais; a senhora não me accreditaria. Falar mal, sou incapaz... Assim o meu papel é bem difficil entre os dois. Clementina baixou a cabeça e olhou a ponta das botinas de verniz de Paz.

— Vocês do Norte têm só a coragem physica, não têm constancia nas suas resoluções, murmurou ella.

— O que vae ficar fazendo sósinha, perguntou Paz, tomando um ar de ingenuidade perfeita.

— Não me faz companhia então?

— Desenlepe-me, preciso deixal-a.

— Como? onde vae?

— Vou ao Circo, elle abre-se nos Campos Elyseos esta noite e eu não posso faltar.

— E porque? disse Clementina interrogando o com o olhar um pouco zangado.

— Será preciso abrir-lhe o meu coração, disse elle confundindo-se, confiar-lhe o que esconde até do meu caro Adam, que cre que eu só amo a Polonia?

— Ah! Um segredo de nosso caro capitão?

— Uma infamia que a senhora comprehendêrã e de que me consolará.

— Você infame?

— Sim, eu, conde Paz, estou loucamente apaixonado por uma rapariga que corria a França com a familia Bouthor, gente que tem um circ, como o de Francini mas que só «explora» as feiras. Fiz o director do Circo Olympico contractal-a.

— Ella é bonita? disse a condessa.

— Fara mim, fez elle melancolicamente.

Malaga, é o seu nome de guerra, é forte, agil, souple. Porque eu a prefiro a todas as mulheres do mundo? Em verdade, não sei dizer. Quando a vejo, os cabellos negros retidos por uma faixa de setim azul esvoaçando sobre as espaldas nuas, *oliedres*, vestida de um corpete branco bordado de ouro e de um *maillot* de seda que faz della uma estatua grega viva, os pés em calçados de setim usado, passando com bandeiras na mão, ao som de uma musica militar, através de um immenso arco de papel que se rasga no ar, quando o cavallo foge a todo galope e ella recaba com graça sobre elle, applaudida sem *claque* por todo um povo... bem, isso me commove!

— Mais do que uma bella mulher num baile? disse Clementina com uma surpresa provocante.

— Mais, respondeu Paz, com uma voz estrangulada. Aquella admiravel agilidade, aquella graça constante n'um elegante perigo me parecem o mais bello triumpho de uma mulher. A. Cinti, a Malibrani, a Grisi, a Taglioni, a Pasta e Ellsler, tudo o que reina ou reinou sobre o scena não me parece digno de decamarrar os cothurnos de Malagá, que sabe descer e montar n'um cavallo ao grandissimo galope, que se esgueira por laixo, á esquerda, para montar á direita, que voltaia como um fogo fatuo branco em redor do mais fegoso animal, que pôde se sustentar sobre a ponta de um só pé e recahir sentado, balançando as pernas, sobre o dorso do cavallo sempre ao galope e que enfim, de pé, sobre o corcel sem re-deas, faz meias, quebra ovos e prepara uma omelette, deante da profunda admiração do povo, do verdadeiro povo, canponenos e soldados!

Na feira, em outros tempos, essa encantadora Colombina equilibrava cadeiras na ponta do nariz, o mais bello nariz grego que tenho visto. Malaga, madame, é a *adresse* em pessoa. De uma força herculeas, ella não precisa sinão de seu punho mignon ou de seu pequeno pé para se desembaraçar de tres ou quatro homens. E' enfim, a deusa da gymnastica.

— Deve ser, estúpida...

— Oh! continuou Paz, divertida como a heroína de *Peveril du Pic*. Descuido sa como uma bohemia, ella diz tudo o que lhe passa pela cabeça; incommoda-se com o futuro como a senhora poderá se incommodar com o dinheiro que joga aos pobres, e escapam-lhe coisas sublimes. Nunca-lhe convencerá de que um velho diplomata valha um bello rapaz, e um miltão não lhe faria mudar de dea.

O seu amor é para um homem um orgulho perpetuo. De uma saude verdadeiramente insolente, seus dentes são trinta e duas

perolas de um oriente delicioso engasta das n'um coral.

O seu focinho, e'la diz assim, tem, conforme a expressão de Shakespeare, a frescura e o sabor, d'um focinho de novilha. E' ella dà grandes maguas! Ama bellos homens, homens fortes, Adolfos, Augustos, Alexandres, athletas e palhaços. Seu instructor, um horroroso Cassandre, moia-a de pancada, e foram necessarias mulhares de sovras para lhe dar a sua *souplesse*, a sua graça a sua intrepidez.

— Você está bebado de Malaga! disse a condessa.

— Ella chama-se Malaga nos annuncios, respondeu Paz com o ar offendido.

Mora na rua Saint-Lazare, num pequeno *appartement* do terceiro andar, no velludo e na seda e vive lá como uma princeza. Assim tem duas existencias a sua vida de feira e a sua vida de mulher bonita.

— E ama você?

— Ella me ama, vae rir, unicamente porque sou polonês! Ella vê sempre os poloneses conforme a gravura de Poniatowski saltando no Elster, porque para toda a França o Elster, onde é impossivel algem se a fogar, é um rio impetuoso que enguliu Poniatowski. No meio de tudo isso sou bom infeliz...

Uma lagrima de raiva que veio aos olhos de Thadeu commoveu Clementina.

— Vocês homens, amam o extraordinario!

— E as mulheres! fez Thadeu.

— Conheço bem Adam, e estou certa de que elle me esquecerá por uma fazedora de magias como a sua Malaga. Mas onde a conheceu?

— Em Saint-Cloud, em Setembro ultimo, no dia da festa. Ella estava n'um canto do estrado coberto de panuos onde se representa. Seus camaradas, em costumes poloneses, fazi m um terrivel charivari. Vi-a muda, silenciosa e acertei adivinhar n'ella pensamentos de melancholia. Eis o que me tocou.

A condessa estava n'uma deliciosa *post*, pensativa, quasi triste.

— Pobre! Pobre Thadeu! exclamou ella. E com a bonhomia da verdadeira grande dama, accrescentou, não sem um fino sorriso.

— Vá, vá ao circo!

Thadeu tomou-lhe a mão, beijou-a deixando-lhe uma lagrima quente e sahio.

Pirralho Chic

Instantaneo tirado a sahida da missa em Santa Cecilia

No Rink

Terceira mesa a esquerda...
 Conversavam animadamente...
 — Oh! — dizia um — Estou triste.
 Alguma coisa me diz, que *ella* hoje não virá.
 — Tolices. Deixa-te de superstições.
Ella, habituê, faltar, hoje, á primeira *matinee* de 1914?
 — Faltará, porque também faltei á ultima de 1913.
 Verás que tenho razão.
 Sabes? Vamos beber. Beber o muito....
 Garçon! Duas cervejas, geladas.
 — Que calor terrivel. A cerveja está gelada, muito gelada, uma pneumonia, já sabe, em dois tempos, meu caro, leva-nos para o outro mundo.
 — Que importa morrer? Dizem que é bom.
 — Nesse caso, procura um meio mais facil. O Viaducto de Santa Ephigenia...
 — Aconselhas me o suicidio?
 — Não aconselho, entendendo, que é uma morte mais rapida.
 — Meu Deus!...
 — Que foi?
 — Pois não vistes o tombo que levou aquella creaturinha de cor de rosa? Teria-se machucado?
 Qual. O que é de gosto, regala a vida. *Ella* também facilita muito. Quando patino ao seu

lado, ás vezes, tenho desejos de tocar no seu patim, só para vela cair.

— Máu, sempre máu.
 — Que queres? Vamo-nos embora?
 — E' cedo. Espera mais dez minutos. Agora é que estão chegando. Vês, acaba de entrar o grupo de aviadores terrestres. Quem os vê naquella «pose» e a imitar o Edu, tem logo a certeza de que também elles são aviadores.

Eil-a. Mlle X sua prima.
 — E' signal de que *ella* não se demorará.
 — Deus que te voça.
 Mais cerveja, não é assim?
 — Estou satisfeito. Muita cerveja, dá-me dor de cabeça.

— Perdi a aposta. Acaba de chegar. E' *ella*.

— Vem só?
 — Não. Acompanhada pela velha rabugenta.

Vou providenciar os meus patins.
 — Sim? Quero ver ambos fazendo «le tras».

— Mlle hoje chegou tarde...
 — Mamãe anda desconfiada com o nosso namoro.

Esta alli, naquella mesa...
 Evite se aproximar muito della.
 — Nesse caso, rompe o seu juramento?
 — Mantenho o que lhe disse.

Convem sermos discretos.
 Sempre é bom usarmos prudencia.

— Bem eu não queria vir ao Rink. Estava adivinhando.

Tu conheces aquelle pelintra, enluvado?...

— Nunca o vi.
 — E' um atrevidão. Anda remetendo cartinhas lá para casa. Anthipatiso-me solenemente com elle. Está me parecendo que é algum «ca ador de dote»...

— E são tantos, ultimamente, minha boa amiga, que devemos ter toda cautella com o futuro de nossas filhas.

Não ouvimos mais nada.
 Madame S e suas filhas acabavam de chegar.

B-ijos d'aquí, d'acollá retiramo-nos, immediatamente de perto.

V.

A nova Casa Mappin.
 Da reclame tem a febre
 Mas p'ra mim não vale nada,
 Pois vende gato por lebre.

O Pirralho

Sitianopolis

(A scena passa-se no Palácio do Catete).

Personagens

Marechal Hermes
Continuo Nicanor
Pinheiro Machado
Barão Teffé

ACTO UNICO

Scena 1.^a

(Marechal entrando no Salão Silva Jardim).
— Que desolação! Falo, não vejo ninguém, olho, ninguém me responde.

(Continuo afastando o reposteiro).

— V. Ex. chamon-me?

(Marechal desabotoando o doorman)

— Que terei no temporal esquerdo, na orbita direita, no vomer, no dente — (s. ex. faz um gesto abalando o formidável canino) — no hyoide? Ah! Nicanor, providencie uma *parteira*. Tenho o *appendice xyphoidel* em convulsões desabaladas, *corriqueiras*.

(Nicanor regalan-to os olhos).

— *Appendice xyphoi...*

(Marechal convulsivamente).

— Sim, no *xyphoidel*. Este osso que fica perto da *ponte de silvas* e que atravessando a *protuberancia annular* vai terminar na quinta *vertebra coccigiana*...

(Nicanor na intimidade).

— Excelência, onde aprendeu tudo isso? (Mar ch. cheio de si).

— Ora, onde?! Que pergunta? Não sabes que sou engenheiro e tenho o curso completo de *geographia*?

(Nicanor perplexo).

Circo de cavallinhos do futuro

— E eu que pensava, ser v. ex. um grande veterinario...

(Hermes curioso).

— Conco assim?

(Nicanor medroso).

— A julgar pela maneira com que v. ex. trata da *constituição*... do seu corpo.

(Marechal rindo-se).

— E' bom. Você precisa ser deputado, ao lado da *quadrilha*, Floriano, Flores, Silveira e Surnucu.

— L. 16, Margot, Jongon, Fraufrou, Cicelo, Dadu.

La cara Patria mia,
dimenticar-mi fan.

(Marechal radiante).

— Nini, Nonó, Nanú.

Naná, Nenê, Nini...

A tua alegria é merecida. Viva o Herculanio! Viva o Castello de *Pentvedro*! Viva o Champagne!

(Pinheiro repoltrando-se).

— Você tem-me posto os miolos em evolução. Nunca pensei no tamanho da encrenca. O Ruy, hoje só faltou chamar-te ladrão, isso na extensão da palavra.

(Hermes confuso).

— Então chamou-me só a mim? E onde deixou elle a Lage, o Rivadavia, o Jangote, o Herculanio e mesmo você.

(Pinheiro tirando uma tragada de um charuto marca Barbante).

— O contracto foi esse mesmo. Para isso é que foste nomeado para a presidência. Demais você não se pode queixar. Ganhaste uma chave de ouro, palácio, quintal, ilha, — Pinheiro pisando o olho — e ate... uma joia de carne e osso.

(Hermes contrariado).

— Deixemos o passado. Façamos do presente.

Preparemos o futuro.

Que resolveram? Discutem primeiro o Sitio ou «quer» o reconhecimento!

(Pinheiro excitante).

— Você resucita um golpe de Estado?

Depois do procedimento de São Paulo, volteemos os olhos para Minas.

Tenho um plano genial.

Os es Miñeiros votam a favor do sitio, eu então o Wenceslau será degollado.

(Hermes assustado).

Circo de cavallinhos do futuro

O Pirralho

Tempo virá que Mlle. nos mandará agradecer.

Aquelle flirt de Mlle... no Theatro S. José, deu muito que falar.

Não nos admiramos que Mlle. ficasse cahidinha, porque Mr. R. B. tem os olhos de Mlle. C. B.

Mlle... não imagina, quanto é ridículo o seu pequeno.

Leia os «Imbecis doirados».

GAVROCHE

Hockey

A pedido d'uma distincta senhorita torcedora do White Star damos abaixo algumas notas sobre o match do dia 30 mez passado.

Foi nesse dia que se realizou o sensacional encontro do White Star com o Forget me not e os apreciadores do Hockey tiveram o ensejo de apreciar n'esse match mais uma importante derrota do Forget.

A elegante casa da praça da Republica «Skating Palace» enchia-se n'esse dia com a extraordinaria e desusada concurrencia da elite Paulistana.

Tinha lugar o 2.º match entre os conhecidos teams do Forget me not e do White Star cujo jogo despertou interesse entre o grandioso grupo de adeptos de ambos os lados e mais apreciadores do Hockey.

Segundo as previsões de muitos o «Forget» seria o favorecido com a victoria; mas isto foi um desengano, cabendo a victoria ao «White Star» por 6 goals a 0.

Foi um successo, e injustificável eram aquellas previsões, porquanto é sabido que o White Star conta com elementos de maior valor que suplantam em toda linha o team do Forget, e a prova ahi está na brilhante victoria que conseguiu.

Desde o inicio do jogo notava-se mais disciplina da parte do «White Star» e n'elle não ha nomes a destacar.

Do team do «Forget» destacamos: Orlando, Edú, Durval e Gumercindo

que são os unicos que jogam com delicadeza; Manéco e Loureiro são pezados no jogo e vendo-os em «matches» transportamos-nos ao assombroso Coliseo romano e temos a impressão de que estamos assistindo ao encontro de Gladiadores ou á matança dos christãos!... E foi bella a resistencia do White Star que conseguiu a retirada de Loureiro da pista e ferido naturalmente victima de sua imprudencia.

O White Star tambem jogou pezaadamente; mas isto lhe é justificavel, pois si assim não procedesse a desvantagem era sua.

Loreiro e Manéco, do «Forget», precisam se convencer que não é com a brutalidade que se consegue a victoria, porque se assim fosse apresentariamos para disputar o titulo de campeão mundial de Hockey o team abaixo — organizado por uma distincta torcedora do Skating que se occulta sob o pseudonymo de «Zanilda».

O team é o seguinte:

Baldi

Raicevick — Vervét

Manéco — Paulo Pons — Loureiro que como vemos pela fama talvez eliminasse qualquer campeão de Hockey.

E ahi estão algumas linhas que offerecemos ao nossos leitores a pedido de uma gentilissima senhorita:

Arapóca

Os nossos concursos

A quaj dos nossos politicos pertence esta mão.

Brevemente o «Pirralho» de calças curtas...

Com 80 paginas

PIRRALHO CARTEIRO ▷

Sr. José Preto da Silva — Aguarde o próximo numero.

Sr. Theodoro Sampaio Filho — O sr. pôde muito bem enforçar-se na sua sua «Roseira».

Então o sr. pensa que ser poeta é o mesmo que costurar sapato com linha de «papagaio?»

Ora, sr. Sampaio, veja si este qua-

train não é digno de passar á historia :

« A roseira na primavera
Das flores bellas sendo a era,
De muitas rosas, côr de rosa
Se cobre toda perfumosa. »

Onde é que o sr. aprendeu a dizer tanta asneira, em quatro versos apenas ?

Desista de ser poeta. E' melhor que o sr. funde uma sociedade de protecção aos animaes

Mlle. — Está com muitas saudades ? Paciencia.

E' preciso ser assim. Mr. não pôde mesmo apparecer pelas razões expostas, e outras ainda que não convem dizer. *Elle* não quer se encontrar com pessoas que, na sua frente se riem, e pelas costas o cortam

Mlle. Rydan — Recebemos e agradecemos o seu bello livro: "*Petite causerie sur le flirt*".

O telephone da casa tem o n. 1561. E' magico; qualquer redactor sabe com quem falla, embora não lhe queiram dizer o nome, entender ?

Mlle. Lola — Envie-nos uma amostra daquellas meias; ultima moda, que a senhora calçava domingo ultimo. Sabemos que a senhora é uma das mais elegantes milles. de S. Paulo, e queriamos lançar a moda.

Sr. Francisco dos Santos — Não seja tólo, moço.

Disso estamos fartos. Ameaças, ameaças e só ameaças ... Recolha-se, ou, si quizer, não se recolha; o principal é não cacetejar mais quem não se incomoda com o sr.

Ryon (S. M.) — Appareça; estamos com saudades ... Recebemos collaboração. Vamos providenciar. Gavroche não está.

GOSTOS

Uma — Os homens sempre são muito estúpidos. Ora diga-me: que gosto pode ter o «café-concerto»?

A outra — Nunca provei, mas juro que não é melhor do que com leite.

O caudilho pinheiro na intimidade

"O Pirralho" resolveu começar no seu próximo numero a reeditar a serie de brilhantes artigos publicados no *O Imparcial*, pelo nosso collega Roberto de Macedo Soares sobre o sr. pinheiro machado na intimidade.

Os artigos desse jornalista travaram o conhecimento do caudilho cuja vida intima era pouco conhecida; o sr. pinheiro machado sempre foi impopular.

"O Pirralho", reeditando os artigos de Roberto de Macedo Soares procura facilitar esse conhecimento ao publico paulista.

pinheiro machado na intimidade, será illustrado com caricaturas de Vololino.

© Pirralho... no Rio

Anno I

RIO DE JANEIRO, Sabbado 6 de Março de 1915

Num. VII

O estado actual das letras no Rio de Janeiro

Em que se occupam os intellectuaes cariocas

"O Pirralho... no Rio" ouve os expoentes da nossa cultura litteraria

Saber o que pensam do actual momento é em que se occupam presentemente os nossos intellectuaes, pedir-lhes, sendo possível, as principiaes dos trabalhos em elaboração, ou, ao menos, alguns informes sobre os livros já terminados, ou no prelo, eis uma reportagem á altura dos nossos numerosos leitores e de indiscutível interesse nestes tempos em que o espirito publico está saturado de ouvir e ler referencias á conflagração europea e ás numerosas crises que ora nos avassallam. Será a nossa despretençiosa *enquête* um derivativo para o espirito dos nossos leitores, por certo, como também o nosso, já enfiado pela críspante monotonia d'aquelles assumptos.

Vamos pois ouvir os belletristas cariocas, cujas respostas, de velhos consagrados ou de novos ainda inéditos, iremos publicando com a unica e exclusiva preocupação da ordem chronologica em que nos forem chegando ás mãos as respectivas respostas.

— *Que diz do estado actual das letras no Rio de Janeiro?*

— *Tem obra escripta ou a sahir?*

— *Pode dizer-nos alguma cousa sobre seus novos livros e sobre seus projectos litterarios?*

Responde o joven romancista Eloy Pontes, autor da "Lucta Anonyma."

Que diz do estado actual das letras no Rio?

— O estado actual das letras é, entre nós, o peor possível. Menos por

culpa dos escriptores, que os ha. Alliciada a attenção unanime pelas tricas politicas, nas presas das controversias subaltermas, do *pico-será* nacional, todas as actividades, gastas as energias (as ultimas!) nesse simulacro de pugna, a estagnação prevaleceu. A atmosphera intellectual que a provincia imagina não existe aqui. As farfalhas com que se infeitam os fregolinis cariocas, são ainda reminiscencias dos

esforços inauditos do grupo que o Imperio gerou e que veio até á Republica. Isso não quer dizer que, um ou outro obstinado, sob as suggestões irremissiveis do temperamento, deixe de comparecer, com livro impresso por conta propria, nos mostruarios, escassos das escassas livrarias.

Acontece, porem, que uma glacial indiferença acolhe sempre o esforço tenaz. O publico não lê. Os livreiros não editam. Sabido isto é bem facil imaginar o lago tranquillo, sem murmulhos, sem aspectos, sem encantos,

que é a litteratura na Capital da Republica... Como explicar a anomalia? O phenomeno é complexo e se engasta na falta de senso esthetico que o regimen democratico, prematuro, estebeleceu e estimula.

A intelligencia collectiva, entre nós, embotou-se. Ha na ordem de nosso desenvolvimento duas faces: *phenomenos sociaes* e *factos politicos*. Aquelles seguem a sua marcha inflexivel á revelia destes. As escamoteações e magiganças da politica podem retardar o desenlace que a cultura, o caldeamento de raças e as influencias inapellaveis preparam, mas não podem evital-o. Não obstante os combates simulados da politica despertam grande interesse nas turbas.

Ora, os artistas colhem, de preferencia e por motivos mesmo de atmospheria, os seus themas nos *phenomenos sociaes*. Dahi a absoluta indiferença publica pelas obras de arte e o largo consumo do jornal que discute o cutilique do campanário politicante.

Mesmo assim — sem editor, sem publico, sem estimulos; — ha destemerosos trabalhadores das letras, na prosa e no verso. Ha até rebeldes que collaboram no patrimonio artistico *quand même*. Cremos que o ambiente republicano é pouco propicio ás letras, á vida artistica, a democracia estrangula a vida intellectual. Só uma suggestão superior corrigiria a moléstia. Esta, porem, quando virá?... Virá?

— *Tem obra escripta ou a sahir?*

— Sim. Uma serie de romances feitos, que deverão apparecer nesta ordem *Patria Virgem* — *Maria de Lourdes* — *Anna Rosa* — *Esforço inutil* e

O Pirralho

"PIRRALHO" SOCIAL

S. Paulo é, sem contestação, uma capital bem sportiva. E, são múltiplos os sports. Nem convém innumerá-los. Tornar-se-ia enfadonho. Dois, porém, destacam-se e têm mais amantes: o *turf* e o *foot-ball*. E são dignos de apaixonados, esses dois amos de diversões, porque são distintos e agradáveis.

Mas, o mais interessante, é, de hora, em ocasião de pugna, apreciarmos as expansões dos *doentes* por taes jogos. Ha-os de muitos aspectos e de ambos os sexos.

No sexo *fraco* (fraco?!?) as mais *enraçadas* que tenho conhecido, são as de *foot-ball*. Existem algumas que no auge do entusiasmo, ou do desespero, quando periga a victoria do seu partido, dão até para jogar box com os visinhos, ou então gritam, mudam de voz, fallam grosso, fino, chamam por Deus (e ás vezes pelo diabo quando o adversario applaude os seus, olhando-as com desdém) até que se decida qual o vencedor.

No sexo *forte* (que ás vezes é mais fraco, que a propria fraqueza) é peor o negocio. Ha apaixonados que já tem dormido na *central* em honra do jogo bretão.

No *turf*, tambem os ha em quantidade e de ambos os sexos. Mas, quem vae ao Jockey, ou quem conhece os *turfmen*, sem mais, destaca-se um que é *sui generis*. Bem vem que me refiro ao já celebre *book-macker* ambulante Dominges Ferreira, como todos o chamam.

Sua voz, ouve-se na Cidade, quando, na Moóca, vê um parreheiro *azar* transpor o vencedor. Sua sobre-casaca do tempo de *D. Afonso*, electriza-se, sobe aos ares e o original e fanatico apaixonado alegre, vermelho, vendo o resto dos *côlôcos* de unhas que, por misericórdia divina ainda lhe restam, continua a gritar:

"Eita! mundo! Ah!! Eu não disse! Com o velho ninguém pôde!" E proclama aos quatro ventos, que o parreheiro *azar* fôra de seu palpite. — Nunca o fôra.

Todo o seu jubilo resume-se em ver *furadas* as cotações, com a derrota dos favoritos, trazendo-lhe assim um lucro certo no jogo feito naquella dia.

Mas, o certo é que profundo ou não em *psychologia cavallar*, o diabo do velho (que ainda quer ser moço...) mais ganha que perde, mais *mata* do que é *ferido*.

E digam que esses *doentes* não têm a sua graça...

Momo não está muito pouco ante-festado-este anno. Porque será? A praça da Republica tem estado deserta.

Contam-se os *fieis* que lá têm ido. O largo do coração de Jesus que no anno passado era um encanto á noite e que reunia o que ha de *chic* nos Campos Elyseos, está, este anno, até com pouca iluminação.

Comtudo, sendo *tarde* é cedo ainda e... portanto...

"Não lamenteis, oh! Momo, a tua sorte".

O nosso amigo Severino Romeiro, negociante em Pau d'Alho, Pernambuco, e sua exma. senhora D. Octácia Romeiro, em o seu far enriquecido com o nascimen-

to, occorrido a 15 de Dezembro, de mais uma filhinha que recebeu o gracioso nome de Heloisa.

Aos venturosos paes, enviamos os nossos sinceros parabens assim como ao nosso companheiro Olympio Romeiro, tio da galante pernambucaninha.

Mlle... que mora á rua da Conceição... outro dia correu de 'acanhamentos' de Mr., mas não teve tempo para fugir.

Mlle. que acordara naquella dia bem cedinho, estava tão despreocupada na janella a gozar o ar puro da manhã! E logo n'essa occasião (que coincidência!) passava Mr.

No Interior

O Coroinha

O Pirralho

— Aconselhe no seu jornal a que o Brasil não entre na guerra.

Se entrar ficaremos arrebatados, com a Argentina de dentes arreganhados às nossas portas e ainda tidos como lacaios...

— Nem mais uma palavra sobre guerra. A "cabeça" é uma apaixonada, uma testemunha parcialíssima.

(A "cabeça" ao ouvir essa afirmação rangeu os maxillares num gesto de odio indomável.)

— Sim acabemos -- disse ella. E' melhor que não nos exaltemos

— Mas porque essa colera?

(A essa pergunta a "cabeça" adquiriu uma attitudo de attivez empolgante. Dos seus olhos sahiam chispas.)

— Porque? Ainda pergunta?

E' porque eu penso! E' porque eu penso! E' porque eu penso num paiz onde ninguem costuma fazer essa asneira!

(E gargalhou sarcasticamente.)

Fugi apavorado, Tinha perdido a minha ultima illusao. A unica "cabeça" que havia no Brasil tinha endoidecido.

Sabino

"Pirralho" Carteiro

Mademoiselle Antonieta. -- Tem razão. Ribeirão Preto é mesmo uma terra ideal. Os seus oito dias devem ter sido mais deliciosos do que os "meus oito annos", do meloso poeta de saudosa memoria. Quer um conselho? Organize um trio e parta quanto antes, novamente. Quanto ao successo, nem se falla. Mademoiselle vencerá em toda a linha. A sua figurinha perturbadora é impossivel que não faça vacillar a serenidade da gente da terra do café. Que o diga o Pacheco do amor que eu tanto invejo...

Dr. Albino Gamargo. -- Recebi o retrato. Sua cotação augmenta diariamente nesta casa. Temos feito tal propaganda dos seus meritos que varias moças estão dispostas a pedil-o em

casamento. Será bom? Será mau? Olhe, não nos esqueça e se puder escreva cartas de toda especie para o "Pirralho". E' um convite discreto que dirigimos ao escriptor de traço fino, que floresce na amollecadora patria do Leão Pinheiro...

Dr. Fontes Rezende. -- Não pode ser. O "Pirralho" detesta-o. Para o seu crime não ha perdão. Eu se pudesse applicava-lhe um supplicio chinês -- o supplicio do bambú...

Danton Vampre. -- Ah! vai o conselho? -- Não acirre a colera dos deuses. Lembre-se da eterna historia da gotta d'agua... O seu "caso" talvez esteja neste pé...

ce até pilheria do Demetrio Seabra. O snr. além de tapado é muito atrevido. Seus sonetos foram para o cesto; os bolos quem lhe pregará é o seu domador Moacyr Piza.

Adalberto Exel. -- Qual nada! Não o attendemos. A sua linguagem é de preta mina. Meu amigo o snr. em materia de talento quasi que empata com o Miguel Meira...

Agenor Urbino Telles. -- Pode ficar descansando. O "Pirralho" vai deixar o em paz. Está contente?

Azambujinha.

Uma figura do Theatro Nacional

Maria de Castro

Dr. Leonidas Mendes. -- De facto o seu cavaignac nos interessa menos do que o seu capote. Emfim um está preto e luzidio e o outro coitado! já perdeu a côr...

Americo de Moura. -- Temos varias queixas sobre o seu methodo de ensino. E' bom mudar de rumo deixando já se vê a doutrina dos "paragaphos" -- para que nós não o colloquemos em foco. Lembre-se de que um homem na sua situação é serio enquanto alguém não lhe decreta o ridiculo...

Miguel Meira. -- O snr. está maluco? Publicarmos versos seus? Pare-

Casa Amancio

AGENCIA DE LOTERIAS

- F. Rocha & Cia. -

— Rua General Carneiro, 1 —

— Em frente aos Correios

Caixa do Correio, 176 — Telephone, 797

SÃO PAULO

O Pirralho

"Pirralho" na Academia

Pirry — Achei ridícula a sua fúria contra mim. Eu sempre fui e continuo a ser um seu grande amigo. Isso só ignora um tartufo de olhos, que, em nome da sua habitual perversidade, o atirou contra um camarada de infância.

Campos Lobato. — E' uma organização de esthetã. Bom, meigo e inteligente, é uma figura indispensável nas rodas académicas. Tem um apurmo de parisiense autêntico, apesar de ser bisneto de Kosciusko — o herói infeliz da libertação polaca. O Lobato além de tudo isso é um grande amoroso. Que o digam as moças da Liberdade, que é o bairro predilecto de suas peregrinações.

— Conheces o Pantaleão?
— Conheço. E' um que dá cabeçadas e urra como bezerro desmamado.

— Que tal é elle como orador?
— O mesmo que é como homem: vive a dar marradas na oratoria.

— Ora o Laraya...
— Não, é um rapaz inteligente...
— Conheces algum trabalho d'elle?
— Conheço varios trabalhos... manuaes.

— Mas o Orlando é chefe mesmo?
— E'.

— De quem?
— E' chefe de familia.

— Quantos versos faz o Benedito Salgado por dia?
— Trezentos.

— Mas são versos mesmo?
— São... são notas de trombone.

— O Lannes é grego, de verdade?
— E'. Nasceu em Pirajá...

— Quantos annos tem o Americo de Moura?
— Cincoenta e cinco...

— E' ainda é segundannista?
— E'.

— Ainda elle pretende diplomar-se?
— Não. Quer apenas morrer no quarto anno...

— Que é que o Chicão faz antes da aula?
— Dorme...

— E' depois?
— Dorme ainda...
— Mas então elle não accorda nunca?

— Não. E' como a Maslowa do poema do Manoel do Carmo...

— Por onde anda o Cid?
— Está em casa ha dois mezes preparando um improviso que não terá coragem de pronunciar...

— Porque o Palma é amigo do Paranaguá?

— Porque o Paranaguá comeu-lhe os cobres e agora elle só tem uma alegria na vida: — ver o Paranaguá comer...

— Então o Sebastião Toledo é mesmo amigo do Arlindo Santos?

Brasileiro

— O senhorr traiz um caninho do O'...

— Perfeitamnte. Elle não tendo nariz, não tem olfacto, logo não sente o... cheirinho do Arlindo.

— O Adalberto Exel é parente do Miguel Meira?

— E' irmão-espiritual...

Sabino.

Ho Telephone Central 3 Peca O melhor Taxi

"Pirralho" Carteiro

M. C. — O seu soneto é mais pavoroso do que um discurso do Sucupira. Em todo o caso como o snr. é um nosso grande amigo, nós o publicaremos, respeitando-lhe até a propria orthographia.

Eu sempre suppus que a borracha, com que o paraense costuma forrar o cerebro, fosse um producto elastico, mas não tanto assim... Ah! vai o Noivado da Morte.

Noivado da Morte

Amparada aos braços do amante em agonia, Ella acabava de soltar o ultimo suspiro, Desesperado elle enchugava o suor que corria lamentando esta cruel dor e com respiro

Já era morta, gelada e bastante fria Seu rosto pallido parecia a linda imagem Debruçada sobre o leito o corpo de Maria Em meio de flores e de ramagem,

Então soava o sinno tristemente Na casa ao redor do corpo cõr de neve, O amante chorava fortemente.

Depois, passando um dia pela cidade, Deparei com elle que assim mal dizia, Sobre o primeiro amor de sua mocidade.

Octavio Paranaguá. — E' voz corrente que o snr. anda com o respeitavel ventre desarranjado, entretanto garantimos ao amigo que daqui não partiu o boato. Quer ficar curado da... estopada? Leia este terceto da lavra do Saturnino Barbosa:

«Pensando em ti tenho immensa saudade Vendo-a tão risonha e assim pensando Não repareis, são cousas da mocidade.»

Cyro Costa. — Gostei muito da nova marca dos seus cigarros. Eu sempre disse que o fumo era um producto mais rendoso que a poesia. E' o caso de continuar como... charuteiro.

Cyrilão Buarque. — Porque não se aposenta? Era melhor. Olhe que eu tenho pena de sua ingenuidade. Pois então será crível que o amigo supponha que dá lições de psychologia? Conheço uma normalista que me disse que «o Cyridião poderia ensinar bem psychologia irracional.» Entendeu?

Americo de Moura. — Olhe, quer um conselho? Venda o frack ao Mascigrande e mude de methodo de ensino.

Pirralho

DA PLAQUETTE "TU, SÓ TU!"

X

E' sem historia e, certo, se deşama
Quem não ama a esse alguém, que se procura
E nunca se acha, aqui, nesta planura,
Mas só no céu, que crêa e nos inflamma.

Foi na distante e soberana altura
Que Deus poz o clarão da eterna chamma,
Feliz quem sobe e paira e se derrama
Nessa poeira de luz da formosura!

Eu quiz galgar tambem o nobre cume,
E compuz teu perfil do meu queixumê,
Na fé serena e gloriã duradoura.

Pobre de mim no doloroso abraço!
Eu te beijo, mas é como se fôra
O osculo morto na amplidão do espaço!

Felix Pacheco.

VERSOS
DE
GUILHERME DE
ALMEIDA

ILLUSTRAÇÃO
DE
DI CAVALCANTI

O IDYLLIO SUAVE

Chegas. Vens tão ligeira
e és tão anciosamente esperada, que, enfim,
nem te sentindo o passo e já te tendo inteira,
completamente em mim,
quando, toda Watteau, toda em tulle, appareces,
é como si não viesses.

E ficamos tão perto,
tão junto um do outro e tão confundidos num só,
que eu me sinto sósinho e acho immenso e deserto
o salão rococó;
e me afflijo, e deliro, e me arde em febre a face,
como si eu te esperasse...

Partes. Mas é tão pouco
o que de ti se vae, que ainda te vejo o arfar
do seio, e o teu cabello, e o teu vestido louco,
e a caricia do olhar,
e a tua bôcca em flôr a dizer-me doidices,
como si não partisses...

O bumbeiro — mór do Hermisano e glorioso auctor da "Memoria Historica sobre o Correio Paulistano" obra prima coroada por muitas Academias.

Conheceu, papudo!

CARUSO CARICATURISTA

Q popular Di Franco a través de una conferencia.

O presidente Wilson

O MARECHAL EM COMISSÃO DO GOVERNO

— É para mostrar, a Europa, que o Brasil não possui só o R.

NO PARA'

Não é aqui o teu lugar!...

Pagina de JORGE COLACO

SOCIEDADE ANNOYMA

CAPITAL: 150:000\$000

TYPOGRAPHIA, ESTEREOTYPIA, ENCADENAÇÃO, PAUTAÇÃO E DOURAÇÃO
FABRICA DE LIVROS EM BRANCO E CARIMBOS DE BORRACHA
ESPECIALIDADE EM TRABALHOS PHOTO-MECANICOS

19 e 21 - Rua Barão Duprat, - 19 e 21
(Edifício Próprio) Perto da Estação da Cantareira

S. PAULO

LOTERIA DE S. PAULO

Extracções às segunda e quinta-feiras, sob a fiscalização do Governo do Estado

30:000\$ 30000\$ 40:000\$ 50:000\$ 100:000\$ e 300:000\$

THEZOURARIA - RUA BARÃO DE PARANAPIACABA, 10

logando na certa

Elxir de Noguera

Empregado com sucesso nas seguintes mo-
lestias.

Escrophulas.
Dartórios.
Bombar.
Bombar.
Inflamações do útero.
Corrimento dos ovários.
Gonorréias.
Carbunculos.
Fistulas.
Epíspinas.
Cancros venereos.
Rachitismo.
Piores Brancas.
Úlcera.
Tumores.
Sarros.
Crysas.
Rheumatismo em geral.
Murchas da pelle.
Afecções Syphiliticas.
Úlcera da legua.
Cancro Branco.
Afecções do espirito.
Dores no peito.
Tumorações ossas.
Largamento das artérias.
Doenças do sangue.
Alimentar.
tudo as moléstias provenientes do sangue

Encontra-se em
todas as farmácias
drogarias e casas que
vendem drogas.

MINIATURA DO ORIGINAL
GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

A Sra. Wilson,